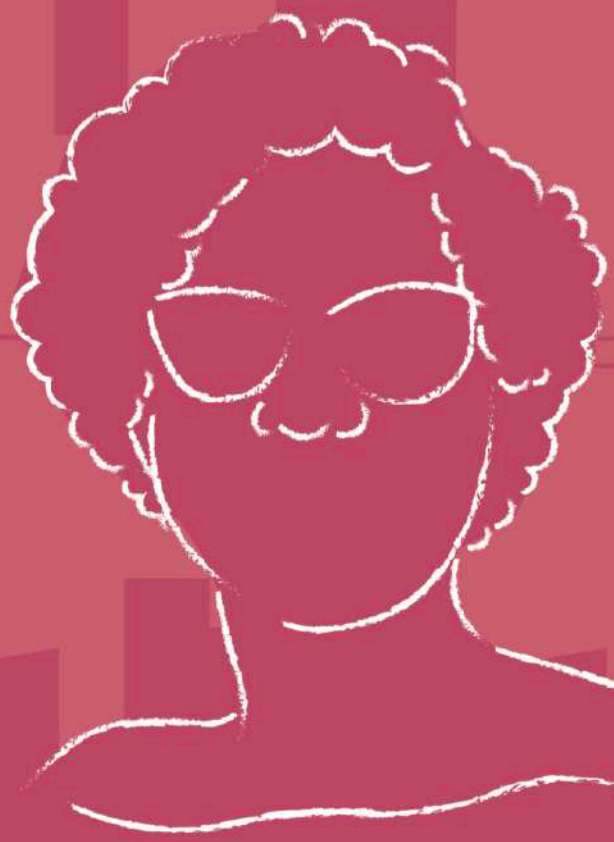
MAYOÍ ASSUNÇÃO SIMÕES FONTES

VIVER E VIVÊNCIAS
A RELAÇÃO DA MULHER COM A CIDADE

UMA ANÁLISE DO ESPAÇO PÚBLICO PARA AS MULHERES NOS BAIRROS DE BATISTA CAMPOS E JURUNAS - BELÉM/PA



FACULDADE Faci | WYDEN

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
BELÉM, 2019

MAYOÍ ASSUNÇÃO SIMÕES FONTES

VIVER E VIVÊNCIAS – A RELAÇÃO DA MULHER COM A CIDADE: Uma análise do espaço público para as mulheres nos bairros de Batista Campos e Jurunas – Belém/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em 2019, pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da FACI WYDEN.

Orientador(a): Profª. Ma. Taynara do Vale Gomes Pinho

BELÉM

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ideal Wyden
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F683v Assunção Simões Fontes, Mayoí.
VIVER E VIVÊNCIAS: A RELAÇÃO DA MULHER COM A CIDADE: Uma análise do espaço público para as mulheres nos bairros de Batista Campos e Jurunas, em Belém/PA / Mayoí Assunção Simões Fontes. - 2019.
109 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade Ideal Wyden, Graduação (Bacharelado) em Arquitetura & Urbanismo, Campus Faci, Belém, 2019
Orientadora: Profa. Me. Taynara do Vale Gomes Pinho.

1. Gênero. 2. Cidade. 3. Mulher. 4. Feminismo. 5. Espaço Público.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram e apoiaram durante esta etapa, especialmente a minha mãe, Simonni, e meu pai, José Carlos, por seu amor incondicional, por me ajudarem a ser quem sou e compreensão nos momentos de dificuldade. Obrigada por todo amor, respeito, sabedoria e momentos de felicidade.

À outras pessoas importantes da minha vida, apoiando da forma que podiam, minha querida avó, Julieta, minha cunhada, Ana Luisa, que apoiou a escolha do meu tema, o meu irmão, Yuri. Obrigada especialmente ao André, que me escutava e me apoiava em momentos de necessidade.

Às Kates, meu grupo de mulheres que o McFly uniu. À Dinofamily, amigos mais do que queridos. À galera do Fru-Fru e Agropocs, que durante esse ano foram bastante presentes na minha vida e me forneceram vários momentos de felicidades e alegria. Em especial, aos amigos Letícia, Mariana, Tita, Luan, Rebeca, Laura, Lorena e Victor, que se fizeram bastante presentes nesse momento.

À Maíra e ao Rafael (Black), pelos momentos que eu estava cansada e me forneciam seu sofá para dormir um pouco, pelos almoços e por me deixarem ficar brincando com a Eva.

Aos meus colegas de formação, a minha "turma da tarde", pelos momentos de desespero, onde no final dava tudo certo através do apoio uns com os outros. Em especial, Adriana, Isabela, Brida, Raina e Adelaide, amigas que a faculdade presenteou, passando juntas por momentos desesperadores, de risadas, de madrugadas viradas, sou grata por ter tido vocês durante esse tempo e estarmos concluindo juntas.

Ao grupo de professores que nos trouxeram conhecimento e nos deram outros olhares para a cidade. Obrigada por toda sabedoria, pelos conselhos em momentos de dificuldade e também os momentos de alegria. Em especial, à minha orientadora, Taynara Pinho, que aceitou essa minha proposta e me ajudou e incentivou bastante por todo esse caminho, me dando ideias, apoio e sempre buscando melhores formas pra me amparar; e à minha coordenadora, Anna Cristina, que sempre tentou facilitar a nossa vida, especialmente no último semestre, seu companheirismo conosco, alunos, disposta sempre a nos ajudar.

Ao Jonny, Samuel, Bianca e Kleber, que me salvaram em momentos de desespero.

A todas as mulheres. Tanto as da minha vida quanto as que me ajudaram nesse trabalho. Dentre essas, as que responderam meu questionário online, colaborando para coleta de dado; e as que se disponibilizaram para entrevistas físicas, para ter um melhor conhecimento de suas vivências nos bairros.

Aos meus animais de estimação, os que foram e o que estão conosco. Em momentos de estresse me distraiam com suas brincadeiras e fofuras.

Obrigada a cada pessoa que contribuiu para eu estar e ser como eu sou.

Lutem pela igualdade de gênero, conservação do meio ambiente e contra o maltrato aos animais. Por nós e pela geração futura.

RESUMO

Através de uma análise sobre o desenvolvimento da cidade e suas relações de poder, hierarquia, composição do espaço público e a construção do papel social designado à mulher, esse trabalho analisa como se dá a ocupação dos espaços públicos nos bairros de Batista Campos e Jurunas, ambos em Belém do Pará, e a sua relação com o caminhar das mulheres, identificando pontos que lhes causam insegurança e vulnerabilidade, principalmente por uma análise de infraestrutura urbana. A construção histórica da mulher e o feminismo foram pontos importantes para a inserção da mulher como moldadora do espaço público. Através de referenciais teóricos, questionários/entrevistas e o entendimento sobre planejamento de gênero, foi produzido o mapeamento e diagnóstico das áreas indicadas e propostas de intervenções do espaço urbano, a fim de criar locais de convívio e uma cidade viva, segura e saudável.

Palavras-chave: gênero, cidade, mulher, feminismo, espaço público.

ABSTRACT

Through an analysis of the development of the city and its power relations, hierarchy, composition of public space and the construction of the social role assigned to women, this paper seeks to analyze how to occupy public spaces in the neighborhoods of Batista Campos and Jurunas, both in Belém of Pará, and it’s relationship with women's walking, recognizing points that cause their insecurity and vulnerability, mainly through an analysis of urban infrastructure. The historical construction of women and feminism were important points for the insertion of women as shapers of public space. Through theoretical references, questionnaires/interviews and the understanding of gender planning, the result was the mapping and diagnosis of the indicated areas and proposals for interventions of urban space, in order to create socializing places and a living, safe and healthy city.

Keywords: gender, city, woman, feminism, public space.

FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Simone de Beauvoir 20
Figura 2: Representatividade feminina, no Brasil e no mundo, no mercado de trabalho. 21
Figura 3: Infográfico “(Algumas) conquistas femininas. 22
Figura 4: Chimamanda Ngozi Adichie durante o discurso “Todos deveriam ser feministas”. 24
Figura 5: Mulheres pela luta feminista. 25
Figura 6: Dados sobre a violência contra a mulher. 27
Figura 7: Infográfico explicativo identidade de gênero, orientação afetiva e sexual e sexo. 28
Figura 8: Ilustração sobre o espaço público. 31
Figura 9: Dados de onde as brasileiras são assediadas. 32
Figura 10: Dados sobre a violência contra a mulher. 33
Figura 11: Muro pichados sobre o medo das mulheres ao andar pelas ruas (Andreza Ferreira). 34
Figura 12: Urbanismo Feminista. 35
Figura 13: Rua comercial em Copenhagen, apresentando princípios de Jan Gehl. . 36
Figura 14: Ilustração de um espaço público sob a perspectiva do urbanismo feminista. 37
Figura 15: Infográfico sobre a diferença do uso de transporte entre homens e mulheres. 38
Figura 16: Problemas do transporte público atingem mais as mulheres. 39
Figura 17: Mobilidade Urbana. 40
Figura 18: Palavras chaves e terminologias da teorização do Gender Planning. 41
Figura 19: Relatório sobre gênero e planejamento urbano feito pela UN-HABITAT. 42
Figura 20: Membros do coletivo. Da esquerda para direita são: Sara Ortiz Escalante, Roser Casanovas, Adriana Ciocoletto, Blanca Valdivia Gutiérrez e Marta Fonseca Salinas. 44
Figura 21: Ilustrações sobre as suas visões para o planejamento urbano. 45
Figura 22: Capa do projeto “Nocturnas”. 46
Figura 23: Bairro de Aspern tem um design explicitamente orientado para a família, com ênfase específica em levar em consideração as necessidades das mulheres em seu planejamento. Foto por Daniel Hawelka para Seestadt. 47
Figura 24: Espaço públicos de Aspern, onde todos recebem nome de mulheres. ... 48
Figura 25: Estatística sobre as mulheres na Arquitetura e Urbanismo. 49
Figura 26: Quem são seus grandes exemplos? 50
Figura 27: Vagão exclusivo feminino. 50
Figura 28: Tirinha sobre a violência sexual nos vagões. 51
Figura 29: Banner do Cidade para as Mulheres. 52
Figura 30: Anúncio do Pedala Mana. 54
Figura 31: Localização dos bairros em Belém. 55

Figura 32: Mapa principais pontos de Batista Campos e Jurunas. 57
Figura 33: Mapa do Uso do Solo (Batista Campos e Jurunas). 58
Figura 34: Equipamentos Urbanos. 59
Figura 35: Moradores em domicílios particulares e coletivos (Batista Campos e Jurunas). 60
Figura 36: Renda de Batista Campos. 61
Figura 37: Renda do Jurunas. 62
Figura 38: Abastecimento de água de Batista Campos. 63
Figura 39: Abastecimento de água do Jurunas. 63
Figura 40: Rede de esgoto de Batista Campos. 64
Figura 41: Rede de esgoto do Jurunas. 64
Figura 42: Pessoas responsáveis do sexo feminino (Batista Campos). 65
Figura 43: Pessoas responsáveis do sexo feminino (Jurunas). 66
Figura 44: Pessoas responsáveis do sexo masculino. 67
Figura 45: Pessoas responsáveis do sexo masculino. 67
Figura 46: Opção 1 – Via com fachada ativa. 71
Figura 47: Opção 2 – Via com muros altos. 71
Figura 48: Como se sente (Batista Campos). 78
Figura 49: Como se sente (Jurunas). 78
Figura 50: Pontos positivos dos bairros. 80
Figura 51: Entrevistada – Maria do Socorro. 81
Figura 52: Entrevistada – Alice. 81
Figura 53: Entrevistada – Rafaela. 82
Figura 54: Entrevistada – Maíra. 82
Figura 55: Entrevistada – Viviane. 83
Figura 56: Entrevistada – Carolina. 83
Figura 57: Entrevistada – Kimberly. 84
Figura 58: Entrevistada – Nina. 84
Figura 59: Entrevistadas – Roberta e Julyanne. 85
Figura 60: Mapa de locais críticos. 86
Figura 61: Classificação viária (Batista Campos e Jurunas). 88
Figura 62: Rua dos mundurucus, exemplo de rua Tarsila do Amaral. 89
Figura 63: Diagnóstico das ruas. 89
Figura 64: Rua Fernando Guilhon, exemplo de rua Tarsila do Amaral. 90
Figura 65: Diagnóstico das ruas. 90
Figura 66: Novo perfil viário – ruas Tarsila do Amaral sem canteiro central. 91
Figura 67: Perfil viário em perspectiva das ruas Tarsila do Amaral sem canteiro central. 92
Figura 68: Novo perfil viário – ruas Tarsila do Amaral com canteiro central. 93
Figura 69: Perfil viário em perspectiva das ruas Tarsila do Amaral com canteiro central. 93
Figura 70: Travessa Breves, exemplo de ruas Bertha Lutz. 94
Figura 71: Diagnóstico das ruas. 95
Figura 72: Novo perfil viário – ruas Bertha Lutz. 95

Figura 73: Perfil viário em perspectiva das ruas Bertha Lutz. 96
Figura 74: Passagem Limoeiro, exemplo de ruas Maria Quitéria. 97
Figura 75: Diagnóstico das ruas. 97
Figura 76: Novo perfil viário – ruas Maria Quitéria. 98
Figura 77: Perfil viário em perspectiva das ruas Maria Quitéria. 98
Figura 78: Passagem Cacau, exemplo de ruas Paraguaçu. 99
Figura 79: Diagnóstico das ruas. 99
Figura 80: Novo perfil viário – ruas Paraguaçu. 100
Figura 81: Perfil viário em perspectiva das ruas Paraguaçu. 100
Figura 82: Exemplo de local abandonado em Batista Campos. 101
Figura 83: Exemplo de local abandonado no Jurunas. 101
Figura 84: Requalificação de área abandonada. 102
Figura 85: Requalificação de área abandonada. 102
Figura 86: Percursos diferenciados entre homens e mulheres. 104

GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa Etária. 70
Gráfico 2: Característica Étnico-Racial. 70
Gráfico 3: Renda Familiar Mensal. 71
Gráfico 4: Segurança por tipologia de rua. 72
Gráfico 5: Relação (Batista Campos vs Jurunas). 72
Gráfico 6: Locais que frequenta (Batista Campos) 73
Gráfico 7: Locais que frequenta (Jurunas). 74
Gráfico 8: Horários que frequenta (Batista Campos vs Jurunas). 75
Gráfico 9; Como chega (Batista Campos vs Jurunas). 75
Gráfico 10: Testemunhou/sofreu violência de gênero (Batista Campos e Jurunas). 76
Gráfico 11: Quem respondeu sim (Batista Campos vs Jurunas). 77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
PÁGINA 14

JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA E OBJETIVOS
PÁGINA 16

JUSTIFICATIVA
PÁGINA 16

METODOLOGIAS
PÁGINA 16

OBJETIVOS
PÁGINA 18

1. ESCLARECIMENTOS - Antecedentes, argumentos e conceitos
PÁGINA 19

1.1. O SEGUNDO SEXO
PÁGINA 19

1.2. PELO QUE PASSAMOS, PELO QUE VIVEMOS E O QUE CONQUISTAMOS
PÁGINA 21

1.3. VAMOS FALAR SOBRE FEMINISMO
PÁGINA 23

2. UMA QUESTÃO DE SEXO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO
PÁGINA 28

3. A MULHER MODERNA (NA SOCIEDADE BRASILEIRA)
PÁGINA 30

4. A CIDADE E AS MULHERES
PÁGINA 31

4.1. O ESPAÇO PÚBLICO
PÁGINA 31

4.2. O MEDO (DA RUA)
PÁGINA 32

4.3. O URBANISMO FEMINISTA
PÁGINA 34

4.4. MOBILIDADE
PÁGINA 38

5. GENDER PLANNING
PÁGINA 41

6. REFERENCIAS (PROJETUAIS E COLETIVOS)
PÁGINA 44

6.1. INTERNACIONAIS
PÁGINA 44

6.1.1. Col·lectiu Punt 6
PÁGINA 44

6.1.2. Frauen-Werk-Stadt (Women-Work-City): A Township Designed for Women in Vienna, Austria
PÁGINA 47

6.2. NACIONAIS
PÁGINA 48

6.2.1. Arquitetas Invisíveis
PÁGINA 48

6.2.2. O vagão exclusivo feminino
PÁGINA 50

6.3. REGIONAIS
PÁGINA 52

6.3.1. Cidade para as mulheres - coletivo lab da cidade
PÁGINA 52

6.1.2. Pedala mana
PÁGINA 54

7. O QUE SABEMOS SOBRE OS BAIRROS?
PÁGINA 55

7.1. BAIRRO BATISTA CAMPOS
PÁGINA 55

7.2. BAIRRO DO JURUNAS
PÁGINA 56

7.3. SEUS PRINCIPAIS LOCAIS
PÁGINA 57

7.4. QUAIS AS SUAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS?
PÁGINA 57

7.4.1. Uso do solo e equipamentos urbanos
PÁGINA 57

7.4.1.1. O QUE FOI OBSERVADO
PÁGINA 60
7.4.2. Moradores
PÁGINA 60
7.4.3. Renda
PÁGINA 61
7.4.4. Infraestrutura urbana básica
PÁGINA 62
7.4.4.1. ÁGUA
PÁGINA 62
7.4.4.2. ESGOTO
PÁGINA 64
7.4.5. Prevalecimento por sexo
PÁGINA 65
7.4.5.1. SEXO FEMININO
PÁGINA 65
7.4.5.2. SEXO MASCULINO
PÁGINA 66
7.4.6. O que tem a se pensar sobre eles?
PÁGINA 67

8. NARRATIVAS
PÁGINA 69
8.1. QUESTIONÁRIO ONLINE
PÁGINA 69
a) Faixa Etária
PÁGINA 69
b) Característica Étnico-Racial
PÁGINA 70
c) Renda Familiar Mensal
PÁGINA 71
d) Segurança por tipo de rua
PÁGINA 71
e) Relação com o bairro - Batista Campos vs Jurunas
PÁGINA 72
f) Locais que frequenta
PÁGINA 73
g) Horários que frequenta
PÁGINA 74
h) Como chega
PÁGINA 75

i) Testemunhou/Sofreu violência de gênero
PÁGINA 76
j) Como se sentem
PÁGINA 78
k) Pontos positivos e críticos
PÁGINA 80
8.2. ENTREVISTAS
PÁGINA 80

9. COMO É E COMO DEVE SER - Análise das ruas e alternativas de requalificação
PÁGINA 88
9.1. RUAS TARSILA DO AMARAL
PÁGINA 89
9.2. RUAS BERTHA LUTZ
PÁGINA 94
9.3. RUAS MARIA QUITÉRIA
PÁGINA 96
9.4. RUAS PARAGUAÇU
PÁGINA 99
9.5. LOCAIS DE CONVIVÊNCIA
PÁGINA 101
9.6. CONCLUSÃO SOBRE A INTERVENÇÃO
PÁGINA 103

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS
PÁGINA 104

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
PÁGINA 106

INTRODUÇÃO

A cidade é formada por pessoas, por relações sociais de poder e hierarquia. Essas relações ocorrem de diversas formas, por diferentes classes sociais, raças, gêneros, religiões. Essas diferenças se refletem no espaço da cidade e podem causar atritos, barreiras e segregações espaciais.

Este trabalho busca analisar as especificidades da relação sociedade e cidade a partir de um recorte de gênero e entender a experiência da mulher ao viver o espaço urbano. Para isso é necessário iniciar a discussão apresentando o fato de que o espaço urbano (público) nunca foi o lugar da mulher. De acordo com Calliari (2016), no século XIX, no Brasil era comum tanto as responsabilidades cívicas como a religião levarem as pessoas às ruas, entretanto é necessário entender que esse espaço das ruas era tomado pelos homens livres e donos de terras, escravos, tropeiros e comerciantes. As mulheres encontravam-se reclusas em suas casas, onde somente eram autorizadas a sair em dia de procissão. Não se tratando somente de Brasil, esse era um cenário comum ao redor do mundo. Desde séculos passados, para a mulher não havia um local de pertencimento na rua, este sendo até proibido, pois não era usual a ela.

Com a chegada da burguesia e as cidades se tornando cosmopolitas, a mulher mostra-se presente na vida urbana destas. Porém, por esta ainda ser um local de dominação masculina, os espaços públicos até hoje dificilmente são designados e planejados para facilitar e garantir o acesso das mulheres nestes locais, assim sendo uma barreira nas vivências delas no meio urbano. As dificuldades de mobilidade, segurança, acessibilidade e lazer, atingem de diferentes formas homens e mulheres. Os espaços urbanos eram (e ainda são) planejados e pensados para atender um interesse geral, resultando na invisibilidade feminina neste campo, tanto para planejadoras quando para as cidadãs.

Segundo Harkot (2015), a discussão sobre a ocupação da mulher no campo da cidade não é nova, porém ela entrou em mais evidência nos últimos tempos devido ao rumo que a temática urbana apresentou ultimamente e ao acesso e fluxo de informações, e também a criação de órgãos, como a Secretaria Nacional de Política para Mulheres (SNPM), sendo vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, com o intuito de formular políticas públicas, a

fim de promover a igualdade entre gêneros.

Ao analisar as mudanças da mulher na sociedade contemporânea é possível perceber uma relevante inserção da mesma no mercado de trabalho, entretanto é inegável que o maior percentual continua exercendo a função de dona de casa. É importante destacar que independente do papel exercido, vários estudos já comprovaram que as mulheres são as que mais se deslocam a pé no espaço urbano. Ir ao mercado, levar o filho ao colégio, resolver pendências pessoais, ir ao trabalho, exercer atividade física, representam entre tantas outras tarefas os deslocamentos que a mulher faz no seu dia-a-dia. Atividades que podem ser realizadas tanto por homens quanto por mulheres, porém acabam sendo deixadas para elas.

Por estarem mais tempo se deslocando, a pé ou por transporte público (o qual utilizam mais do que o homem), elas acabam estando expostas a situações de vulnerabilidade, tanto no ponto de seu corpo se tornar domínio público, através de olhares, assobios e outras formas de assédio, quanto ao fato de ser considerada "sexo frágil". Dessa forma, elas acabam tendo que seguir regras sociais de conduta para poder saber como se portar na rua e o que pode, ou não, fazer, para tentar garantir minimamente sua segurança.

A famosa frase "rua não é lugar de menina" não representa mais a atual sociedade. Segundo uma pesquisa feita pela prefeitura de São Paulo, sobre o deslocamento das mulheres na cidade, observou-se que, por utilizarem mais o transporte público e andarem mais a pé, tornam-se os principais agentes para o planejamento urbano, pois vivenciam de forma mais próxima a dimensão do espaço público e seus equipamentos. Aqui também se referencia ao artigo de 1978 de Gerda Wekerle, publicado no Lincon Institute of Land Policy de Cambrigde: "A women's place is in the city".

Tendo em vista a breve apresentação da temática do papel da mulher no espaço urbano, este trabalho se propõe a estudar essa relação em dois bairros do município de Belém, um bairro central e outro periférico e ambos com localizações muito próximas, porém com perfis sociais bem diferentes.

JUSTIFICATIVA

A escolha da temática deste trabalho se deu devido a tantas polêmicas que têm ocorrido nos últimos anos sobre a periculosidade que as mulheres sofrem nas ruas e como a cidade pode colaborar para tal fato, positivamente ou negativamente. O curso de arquitetura e urbanismo acaba nos fazendo ter um outro olhar sobre a cidade, e o fato de ser mulher, me permite um lugar de fala diferenciado sobre o assunto. O fato também de possuir pessoas próximas que relatam sobre situações desconfortáveis ao passar em certos locais, o porquê de fazer um caminho e não outro. Relatos de terceiros serão importantes instrumentos para fazer análises.

Inicialmente o trabalho seria focado somente no bairro de Batista Campos, porém, por ser considerado um bairro elitizado e uma pesquisa inicial mostrar resultados não muitos significativos, o bairro do Jurunas, por ser um bairro considerado periférico e estar logo ao lado de Batista Campos, foi adicionado para uma comparação de vivencias diferentes entre seus visitantes e residentes.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio de revisões, leituras e análises bibliográficas sobre o tema referente a planejamento urbano, urbanismo sob a perspectiva de gênero, espaço público, feminismo, cidade para pessoas, entre outros.

Foi feita uma análise dos bairros, pelos dados do censo do IBGE, para obtenção de dados do local. Foram realizados questionários online e entrevistas pessoais, a fim de compreender melhor o espaço que as pessoas vivem, através de seus pontos de vistas, podendo assim identificar os problemas e planejar a intervenção, de acordo com as necessidades que foram analisadas.

Tabela 1: Temas e obras analisados.

TEMAS/OBRAS	AUTOR(A)
Cidade para pessoas	Jan Gehl
Morte e vida de grandes cidades	Jane Jacobs
O segundo sexo	Simone de Beauvoir
O que é feminismo	Branca Alves e Jacqueline Pintanguy
Feminismo e o espaço urbano	Natália Silva, Daniela Faria, Marília Pimenta
Urbanismo feminista	Karen Ferreira e Gleyton Silva
Gênero e planejamento urbano	Ágar Saraiva
Como as mulheres de São Paulo usam a cidade? Uma análise a partir da mobilidade por bicicleta	Marina Harkot, Letícia Lemos, Paula Santoro
Espaço público e cidadania	Luise Martins
Gender Planning	UN-HABITAT
Gênero e andar a pé: a qualidade do ambiente construído incentiva igualmente mulheres e homens a caminhar?	Mariana Giannoti, Mateus Humberto, Marina Harkot, Paula Santoro
Urbanismo sem gênero	Zaida Muxí e Josep Montaner
A mulher no espaço urbano	Gabirella Cascelli

Fonte: Elaboração por Mayoí Fontes, 2019.

Foi feita uma análise dos bairros, pelos dados do censo do IBGE, para obtenção de dados do local. Foram realizados questionários online e entrevistas pessoais, a fim de compreender melhor o espaço que as pessoas vivem, através de seus pontos de vistas, podendo assim identificar os problemas e planejar a intervenção, de acordo com as necessidades que foram analisadas.

Também foram feitas visitas a palestras sobre o assunto, uma sendo organizada pela Comissão de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Pará, tratando sobre o tema “Mulheres na Arquitetura: Espaço Urbano feito pelas mulheres e para as mulheres”, sendo ministrada pela presidente do CAU/PR Margareth Ziolla Menezes.

Juntamente, foram realizados estudos de casos, através de referências projetuais, tanto no contexto global quanto num contexto regional, para, além de um

melhor planejamento, uma melhor inserção da mulher no meio urbano, mostrando o impacto nas suas vidas. Também foram analisados coletivos que objetivam a melhoria do espaço público para mulheres.

E por fim, foram elaboradas propostas de intervenção nas vias públicas dos bairros de Batista Campos e Jurunas, através de requalificação das ruas e calçadas do bairro, para melhor circulação do pedestre, qualidade de climatização e iluminação de boa qualidade, além de resgatar o movimento de pessoas nelas. Também foram pensados pontos de convívio espalhados pelos bairros, para desfocar da centralização da praça Batista Campos e o Portal da Amazônia como os únicos pontos de lazer.

♀ OBJETIVOS

No geral, o objetivo do trabalho é o desenvolvimento e aplicação de métodos à inclusão de gênero nos espaços urbanos do bairro, utilizando diretrizes de planejamento e proposta de desenho urbano, a fim de cada vez mais ocorrer a equidade nestes espaços.

- Como objetivos específicos, o trabalho aborda as temáticas:
- Reconhecer o histórico da mulher na cidade;
- Reconhecer as necessidades espaciais das mulheres, quais são atendidas e quais são insuficientes;
- Definir o que é o *gender planning* e como este é aplicado;
- Analisar como o *gender planning* será aplicado nos bairros de Batista Campos e Jurunas;
- Intervenção no bairro, principalmente nos locais destacados no questionário e entrevista.

1. ESCLARECIMENTOS – Antecedentes, argumentos e conceitos:

Antes de chegar na discussão em si do trabalho, é necessário entender certos pontos que colaboraram para a interação da mulher na sociedade e com a cidade, através de estudos do seu histórico

1.1. O segundo sexo:

Simone de Beauvoir (1949), em sua obra "O Segundo Sexo", fala de como as mulheres são o segundo sexo, ou até mesmo o "outro", por questões históricas e sociais que as colocaram nessa situação, e não por suas razões biológicas naturais, ou seja, por serem mulheres. Fala também como nem todo ser feminino é mulher, na visão de alguns, por ter falta de feminilidade, em que ser mulher é apenas um fato secundário.

A autora também cita Dorothy Parker, da sua obra *Modern Woman: a lost sex*, onde fala que todos, homens e mulheres, são humanos. Porém o nominalismo é uma doutrina limitada. Quando se discute assuntos em que há a necessidade de generalizar, as palavras são referidas no masculino, enquanto o feminino somente quando trata-se exclusivamente do feminino.

> Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. (BEAUVIOR, 1949, p. 9-10).

Assim como tantas minorias, como negros e judeus, que durante suas histórias na humanidade tiveram – e infelizmente ainda apresentam – episódios tristes na sua história, como o nazismo e a escravidão, onde uma classe dominante oprimiu uma minoria, as mulheres também sofreram opressão, porém não foi pela questão de números, pois há tantos homens quanto mulheres no planeta. Segundo Beauvoir (1949), não houve um fato que justificasse essa subordinação, mas sim um desenvolvimento histórico que explica sua existência como classe e mostra sua distribuição dentro da sociedade.

Em 1851, Sojourne Truth, uma ex escrava abolicionista, falava sobre como a mulher era uma construção social, onde em seu discurso ela faz comparações entre atividades do sexo masculino e feminino e suas características. Um conceito que Simone de Beauvoir tratou um século depois, porém era uma visão que já vinha antecedendo.

Figura 1: Simone de Beauvoir

Fonte: Opinião e Notícia, 2019.

Ao longo da história o sexo masculino prevalecia sobre o feminino. Pode-se notar nas grandes monarquias europeias há a preferência por primogênitos, em famílias em que a filha iria casar-se, necessitava dar um dote à família do futuro esposo. As vontades das mulheres nunca eram levadas em conta, servindo mais para a sua função biológica, a de reprodução.

1.2. Pelo que passamos, pelo que vivemos e o que conquistamos:

Atualmente, mesmo com tantos avanços, os homens ainda prevalecem sobre as mulheres no âmbito dos negócios. Em 2018, um estudo de mercado feito pela *Ipsos Mori*, abrangendo 27 países, mostrou que, além do assédio sexual ser um dos maiores problemas encontrados, constatou uma média de 3% de representação feminina nos negócios.

Figura 2: Representatividade feminina, no Brasil e no mundo, no mercado de trabalho.

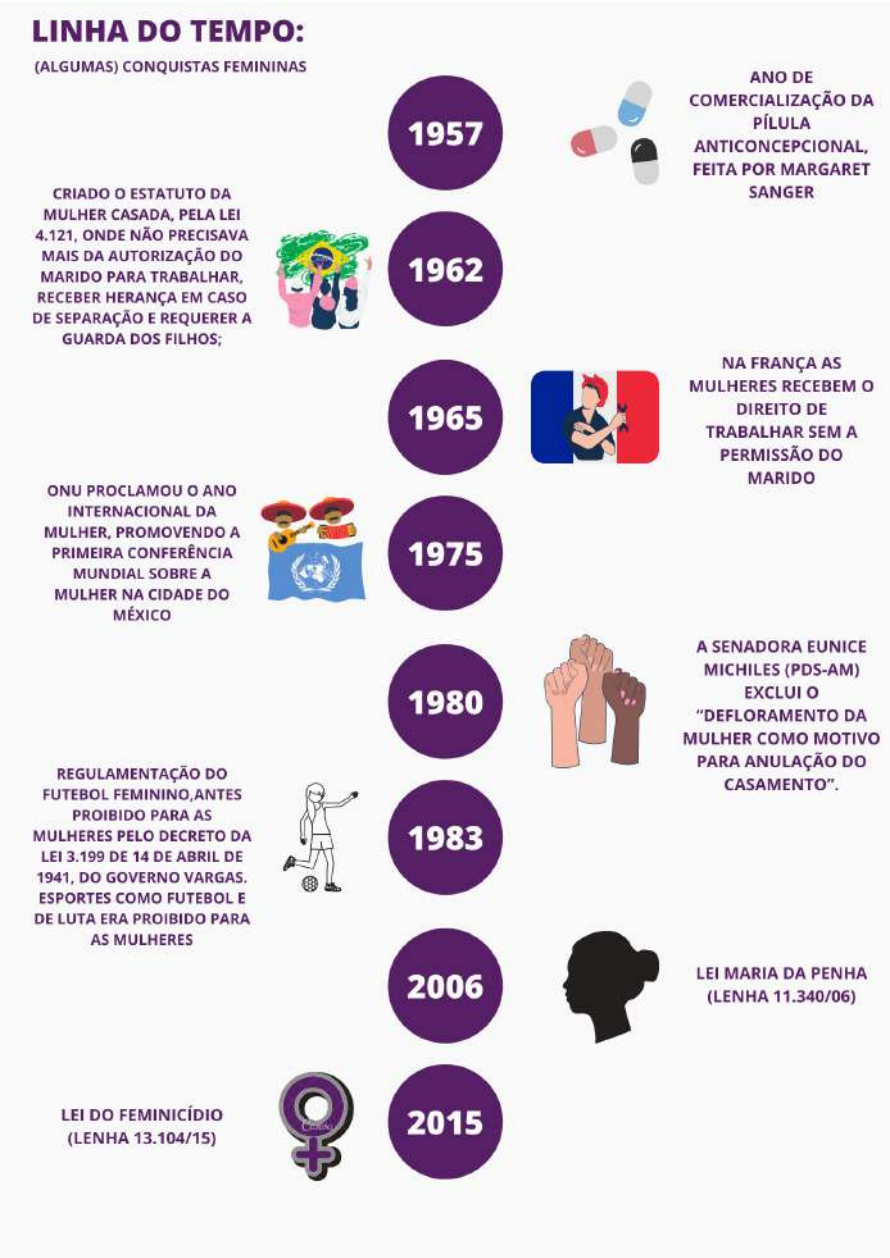
Fonte: Super Interessante, 2018.

Voltado ao panorama brasileiro, segundo a Época Negócios, 18% das empresas no país têm mulheres como presidente, onde esse número teve como base 920 empresas sedeadas no Brasil, América do Norte ou Europa. Falando também na questão de presidência da República, desde 1889 aos tempos atuais (2019),

tivemos apenas uma presidente mulher, Dilma Roussef, entre tantos homens. Segundo o *Inter-Parliamentary Union,* o Brasil é um dos piores países em termos de representatividade política feminina, ocupando o terceiro lugar na América Latina em menor representação parlamentar de mulheres.

Não sendo uma realidade distante, a luta das mulheres, no país e no mundo, teve conquistas recentes, não tendo mais de 70 anos. Eis algumas de suas conquistas:

Figura 3: Infográfico "(Algumas) conquistas femininas.



Fonte: Elaboração Mayoí Fontes, 2019.

No próprio contexto da Arquitetura e Urbanismo, O Prêmio Pritzker é o reconhecimento mais importante que um profissional da área pode receber em vida. Surgiu em 1979, e já possui 40 edições. Dentre todas as edições, houve apenas 3 nomes femininos entre eles: Zaha Hadid, que recebeu o prêmio sozinha em 2004, Kazuyo Sejima, em 2010, recebendo em conjunto com o arquiteto Ryūe Nishizawa, e Carme Pigem, em 2017, recebendo em conjunto com os seus dois arquitetos sócios, pelo escritório RCR Arquitectes.

A disparidade masculina em vários setores de trabalho e esportes é grande em relação à presença feminina.

1.3. Vamos falar sobre feminismo:

Com a objetificação da mulher, o seu papel na sociedade e suas conquistas, foram realizações que vieram acompanhadas devido ao feminismo, que possui uma grande importância na atualidade. Segundo Salles (2015), ao contrário do que pensam, o feminismo não é a oposição do machismo, mas sim a luta pela igualdade de gênero, uma sociedade em que homens e mulheres possuam direitos iguais. É uma luta sobre sororidade, fraternidade entre as mulheres, que retira a ideia formada pela sociedade patriarcal de que mulheres devem ser rivais entre si.

> Partindo-se do ponto que o sexo é algo político, o feminismo busca superar as formas de organizações que o patriarcado semeia através do autoritarismo e assimetria. Ele também busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. [...] Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões. (ALVES, PINTANGUY, 1985, p. 9-10).

Em outras palavras, a definição do feminismo pode ser sintetizada pelo discurso da Chimamanda Ngozi Adichie (2017), onde ela fala que seria uma pessoa que acredita na igualdade política, social e econômica entre os sexos. Todavia, este é um movimento, como qualquer outro, segundo Pimenta, Faria e Lima (2017), que apresenta as suas vertentes, onde não existe só um, mas vários feminismos. O que os une seria o reconhecimento de que as mulheres

ocupam um lugar de opressão e este não é natural, mas sim socialmente construído e, por isso, pode ser mudado.

Figura 4: Chimamanda Ngozi Adichie durante o discurso “Todos deveriam ser feministas”.

Fonte: CN&CO, 2017.

No contexto do espaço urbano, o feminismo colabora para o debate do direito da mulher aos espaços públicos, com pequenos gestos e ações, que já contribuem para as lutas diárias que as mulheres passam, tais como o direito de andar na rua sem receber assédios, vagão de metrô exclusivo para o uso feminino. Entretanto, ainda é longa a luta pela qualidade de vida das mulheres no âmbito dos espaços públicos.

No espaço urbano o feminismo aponta para como a forma da cidade contribui para o posicionamento delas no meio urbano. No seu trabalho, Silva et al. (2017) aborda como a cidade moderna, setorizada, a divisão de áreas residenciais e as que concentram atividades econômicas colaboram com isto. Tendo que percorrer grandes caminhos, ou até mesmo se sentirem aprisionadas em casa. Para Muxi (2009) a cidade não é segregada apenas socialmente e funcionalmente, mas também de forma sexual e racial.

Patrícia Retamal (2019), da Universidade do Chile, integrante da Direção do Gênero e também do

coletivo da Cidade Feminista fala que o corpo da mulher geralmente é exposto a uma sensação de contínua insegurança, e a cidade não é pensada de uma forma que proporcione segurança para as mulheres, onde um dos nossos maiores temores é a agressão sexual. A partir deste ponto de vista, o feminismo não é somente tratado como uma opressão de gênero, mas também com o dualismo do público e o privado, e como ele ajudou e desencadeou modificações e manifestações nas cidades.

> Parece ser fundamental a incorporação do feminismo no debate sobre a produção do espaço. O feminismo é entendido de maneira ampla como movimento político e como teoria que contribui de maneira fundamental para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres e para a luta social. (SILVA, FARIA E PIMENTA, 2017).

Figura 5: Mulheres pela luta feminista.

Fonte: Super Interessante, 2018.

Graças à primeira onda do feminismo, ocorrida no final do século XIX e início do século XX, foi possível debater assuntos como a luta por direitos iguais entre os sexos, direito ao trabalho, na família e ao voto, sendo este uma das últimas conquistas pelas mulheres e uma das suas lutas mais famosas. No Brasil, uma das maiores

representantes é a bióloga e cientista Berth Lutz, que batalhou pelo direito do voto feminino em 1932 (PINTO, 2010).

Durante os anos 60 e 70, a luta do feminismo passou por várias etapas e divergências, causadas por falhas do movimento, geradas por um culturalismo que teria aberto mão das questões mais estruturais do sistema (FRASER, 2009). Hooks (2015) tenta retomar ideias ao feminismo para que volte a considerar a questão de gênero, raça e classe social, combatendo o feminismo liberal, ~~em~~ que muitas vezes retrata o sucesso profissional individual e que apenas um público pode alcançar. Ela também analisa que o caráter coletivo da luta não assemelha a vivência das mulheres ou que a sua luta seja comum entre todas, não havendo comparações entre nenhuma classe social ou raça e etnia. O seu ponto é que algumas possuem mais oportunidades que outras e o feminismo deve se dar conta desses desníveis.

> Nesse sentido, apesar de não poder haver uma régua que meça objetivamente o nível de sofrimento dos sujeitos, uma vez que há uma série de matizes na sociedade, é preciso ter parâmetros históricos que sirvam de referência para avaliar as situações sob pena de cair em um enorme relativismo. Nesse sentido a imbricação de sistemas de opressão de gênero, raça e classe deve ser considerada nessa análise. (SILVA, FARIA E PIMENTA, 2017).

O feminismo, segundo Curiel (2011), destaca o fato de que é uma teoria que tenta entender o lugar das mulheres na sociedade, porém também fornece meios para compreender a situação de várias outras camadas oprimidas. SILVA et al. (2017) falam sobre como dentro do movimento social, há suas vertentes, onde mesmo que tenha uma mesma linha de pensamento, há diferenças entre suas histórias de opressão. As mulheres negras, vítimas da opressão sexual e racial, lutavam pela causa abolicionista, as socialistas e comunistas buscavam a igualdade, porém não querendo usar o termo “feministas” por considerarem como uma vertente burguesa, e as mulheres brancas burguesas lutavam para uma igualdade de direito com os maridos, “queriam mais vida”.

Figura 6: Dados sobre a violência contra a mulher.

Fonte: Super Interessante, 2018.

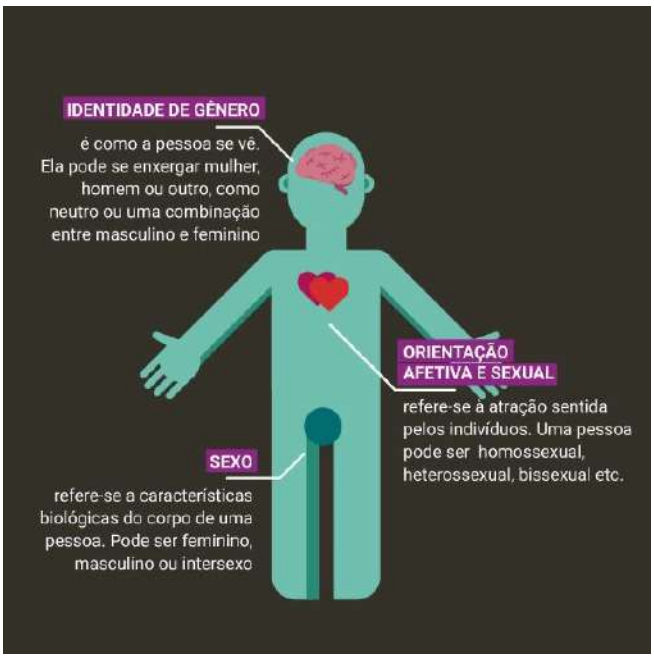
Essa discussão sobre feminismo, sobre a inferioridade da mulher, sobre a não importância da demanda feminina também se manifesta no espaço, ela também acontece na cidade. Essa base teórica feminista é importante para uma melhor compreensão e estudo do planejamento urbano e as desigualdades sócio espaciais, que será abordado mais a frente. O feminismo não é apenas uma teoria social, como também é uma prática política.

2. UMA QUESTÃO DE SEXO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO:

Primeiramente será definido o que é sexo, orientação afetiva e identidade de gênero. Essas três questões, segundo Cascelli (2016) são importantes devido serem características que ajudam as pessoas a se definirem e mostrarem o seu "eu" ao mundo. Além disso, como Beauvoir (1970) disse, mulher é uma construção social, não possuindo apenas sua função biológica.

Tratando-se de sexo, é uma questão genética. Está ligada com as características biológicas, onde a combinação cromossômica determina a genitália, sendo XX para vagina e XY para o pênis. A orientação afetiva refere-se à atração sexual, como no caso da heterossexualidade e homossexualidade, sendo mais amplo, aos LGBTQ+. Já o gênero é uma questão mais subjetiva, onde é uma construção social binária, o feminino e masculino. (CASCELLI, 2016).

Figura 7: Infográfico explicativo identidade de gênero, orientação afetiva e sexual e sexo.



Fonte: Pinterest, 2019.

Fala-se separadamente delas, porém elas serão tratadas de formas unificadas, já que, segundo Saffiotti (2015), gênero não pode ser visto separado do sexo, já que faz parte de sua natureza, tanto na

forma natural quanto social. Cascelli (2016) fala que são situações difíceis de entender, onde precisam ser aprofundadas para um melhor entendimento, já que a sociedade caracteriza por extremos, em que há uma grande diversidade por além disso tudo, por exemplo, a pessoa pode possuir sexo X e se identificar com Y, ou até com ambos, e assim vai. Eles estão juntos, porém não são um só.

> O ponto central da construção da subjetividade e da identidade dos gêneros reside na emoção, na maneira como essa é entendida e atribuída a significados ditos "femininos" ou "masculinos", ou seja, "o núcleo central da socialização do gênero é a socialização das diferenças nas expressões emocionais" (p. 127) (como apego, medo, raiva, culpa), que mantêm a dicotomia dos papéis de gênero e das relações de poder. Além disso, Fávero faz uma extensa revisão da literatura nacional e internacional, com um panorama crítico sobre os temas atuais mais marcantes na área de pesquisa da psicologia do gênero. (D'ABREU, 2012).

Portanto, para poder dizer o que é ser mulher na atual sociedade é se identificar como tal, ou seja, ser do gênero feminino e a forma como é imposta a sua forma de atuação na sociedade.

Então para poder definir o que é ser mulher, onde nos referimos na sociedade contemporânea ocidental, é toda pessoa que se identifica com o gênero feminino, independentemente do sexo de nascença, e também a forma como apresenta-se perante a sociedade conforme os papéis que lhe foram atribuídos. Tanto os homens quanto as mulheres experimentam e vivem a cidade sob perspectivas diferentes, dependendo de seus vários interesses, desejos e necessidades. (RAMON, 2014). De acordo com Silva (2015), o papel privado que a mulher possui socialmente está caracterizado por responsabilidades de cunho privado, como por exemplo a educação dos filhos e ordem da casa.

> Ao se falar de distinções no espaço urbano, dentre outras questões, é imprescindível tratar das questões de gênero, não somente por ser de modo evidente uma questão central de desigualdade social, mas especialmente porque em diversos trabalhos técnicos e acadêmicos esta dimensão aparece subestimada ou simplesmente não é tratada. (PONTES, 2016).

3. A MULHER MODERNA (NA SOCIEDADE BRASILEIRA):

Como abordado anteriormente, na questão entre público e privado, a mulher da sociedade brasileira é instruída que deve servir aos homens, assim reforçando a ideia da sua vida no ambiente privado (REGO E PINZANI, 2013). Devido a este fato, acaba não tendo participação e contribuindo para a política, assim reforçando a ideia da dominação masculina em tais ambientes.

A imagem da mulher na atual sociedade brasileira vem se alterando nos últimos tempos, deixando de ser aquela relacionada com "maternidade e vida doméstica" para mulheres que agora dominam as ruas e participam do mercado de trabalho. Com essas conquistas, elas agora são participantes ativas do espaço público, não sendo somente como complementação aos serviços domésticos. (NUNES, 2016)

Ela deixa de ser somente a dona de casa para também ter uma jornada dupla de trabalho, sendo responsáveis pelos afazeres domésticos e também na colaboração de provedora da casa. Na realidade brasileira, o número de lares chefiados por mulheres, principalmente lares pobres, é grande, e muitas vezes não possuem um parceiro ou cônjuge. Um estudo feito pela Comissão Especial do Congresso Nacional apontou que em 1992, 19,3% dos lares eram chefiados por mulheres, já em 2002 esse número aumentou para 32,1%.

Para definir o que é ser mulher hoje, Colombaroli (2014) fala sobre a inserção destas no espaço público, suas conquistas de dependência econômica e social, além de direitos políticos conquistados, tendo o papel de "mãe e esposa" ainda presentes, porém em grau menor.

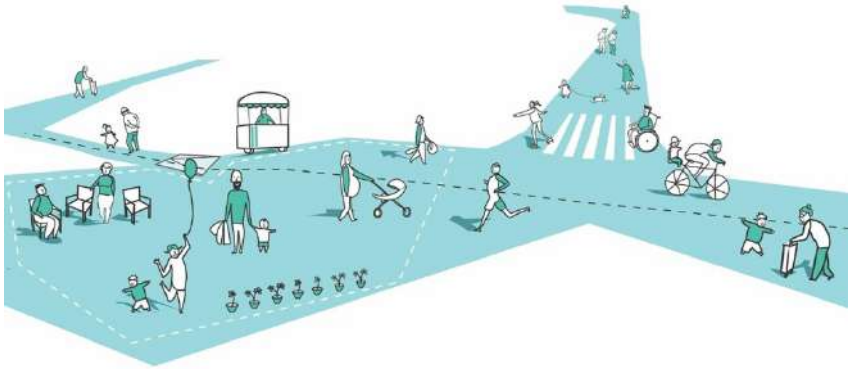
Logo, nota-se uma participação mais ativa da mulher no meio público, mesmo em que muitas situações ela esteja em questão de vulnerabilidade, por esse ainda ser de dominância masculina. Todavia, o espaço urbano precisa ser pensado e planejado para todos, por ser uma questão social e cultural.

4.1. O espaço público:

Definir espaço público é algo complexo, devido as variações e interpretações do conceito. Segundo Silva (2009), falar como a oposição do espaço privado é muito simples e falar do seu status jurídico não engloba toda a sua complexidade.

Segundo o livro *"Sistema de ciudades y ordenación del território"* (1986), feito por uma equipe de arquitetos e urbanistas, engenheiros e sociólogos franceses, o espaço público é ordenamento, desenvolvimento e gestão, onde precisa haver segurança proximidade nas relações e qualidade do entorno. Um bom espaço público é aquele que é acessível a todos.

Figura 8: Ilustração sobre o espaço público.



Fonte: Urbanismo.com, 2019.

O espaço público acaba tendo duas dimensões: uma territorial ou física e uma comunicativa ou política. Territorialmente é o espaço aberto e acessível a todos, enquanto politicamente se fala respeito aos espaços de interação social, a ação política e expressões culturais.

Segundo Lara Caccia (2015), ao se referir às ruas e aos espaços públicos existentes na cidade está se falando da própria identidade da cidade. É nesses espaços que ocorrem as trocas e relações humanas, a diversidade de uso e a vocação de cada lugar, os conflitos e contradições da sociedade.

Dessa maneira, entende-se por espaço público um local de natureza heterogênea, não se

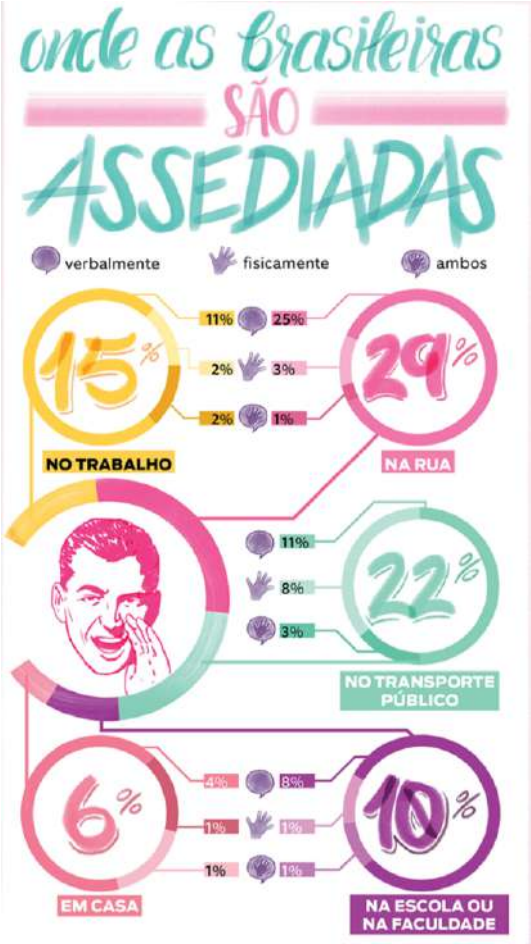
resumindo apenas as suas formas física e jurídica. É um espaço de socialização, convivências, que ocorre em suas praças, ruas e parques a relação do indivíduo com a sociedade.

4.2. O medo (da rua):

Ao tratar da relação sociedade e espaço público é inviável não falar sobre o medo. Principalmente na perspectiva feminina.

Uma realidade do nosso cotidiano é o medo da cidade, do espaço público, onde Listerborn (2002) fala sobre medo de assaltos, furtos, roubos, assédios e violência física neste. Truman (2005) afirma sobre o medo de crime ser um problema constatado na sociedade, no qual pode ocasionar situações de restrições de atividades e aumento de segurança, tendo fatores sociais, demográficos e estilos de vida como influência.

Figura 9: Dados de onde as brasileiras são assediadas.



Fonte: Super Interessante, 2018.

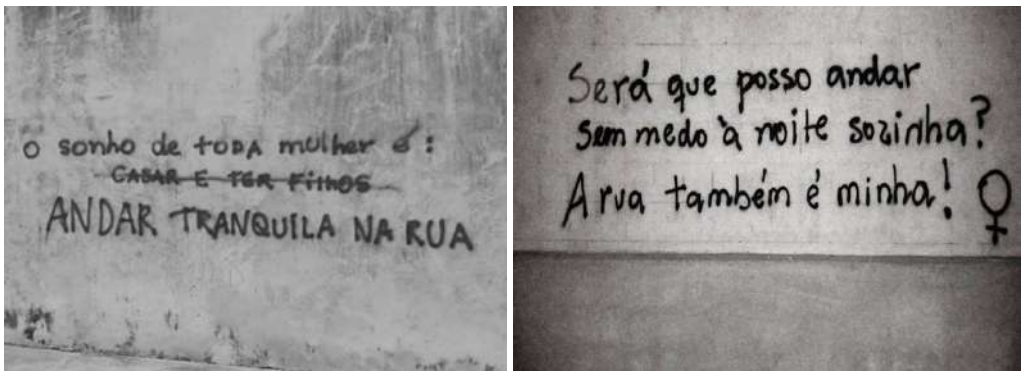
Como já discutido ao falar sobre o crescimento das cidades, através de um sistema voltado ao homem e não levando em conta a relação da mulher com o espaço público, elas acabam tendo uma desvantagem neste território. Segundo Abrahão (2019), as mulheres são as que mais sofrem pela falta de equipamentos e serviços públicos adequados. Segundo dados da pesquisa "Viver em São Paulo: Mulher e a Cidade":

Figura 10: Dados sobre a violência contra a mulher.

Fonte: Nossa São Paulo, 2019; Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Nas ruas o medo está presente devido principalmente à falta de infraestrutura. A qualidade de calçadas e iluminação, o trajeto percorrido, arborização, ruas mais paradas são aspectos fundamentais para a segurança das mulheres. O medo é dominante no universo feminino, e o direito constitucional de ir e vir não é o mesmo para mulheres e homens (ABRAHÃO, 2019).

Figura 11: Muro pichados sobre o medo das mulheres ao andar pelas ruas (Andreza Ferreira).



Fonte: Instagram, 2019.

4.3. O urbanismo Feminista:

A forma que o espaço público é ocupado é uma característica importante para as mulheres. Segundo Jane Jacobs (2000), a concepção de vivência no espaço da cidade é semelhante ao que Cruz et al. (2005) fala, onde são oito fatores que compõem o Índice de Atratividade para o deslocamento a pé (existência, largura, continuidade e qualidade do pavimento, cobertura vegetal, sinalização, fachada ativa e estreiteza do leito carroçável). Porém, ainda sob a visão de Jacobs, a cidade é composta por espaços públicos que são reflexos das relações de poder, das diferenças sociais, das distinções nas formas de lazer e sociabilidade, entre outros fatores importantes ao analisar os aspectos de gênero.

> Na veiculação constante de notícias que chocam o país, é possível perceber a necessidade de intervenções públicas sociais e governamentais, que sanem o problema, e que a médio e longo prazo transformem os espaços da cidade em lugares mais humanos e igualitários, sem distinções de gênero, idade, etnia, cultura, religião e classe social. (FERREIRA, SILVA, 2017).

Além do reforço da ideia de que as mulheres pertencem ao ambiente privado e os homens ao ambiente público, a forma como os ambientes são construídos mostra como isto pode afetar o comportamento das pessoas. Zeisel (2006) defende a ideia de que o ambiente afeta de forma direta os sentidos das pessoas em um espaço. E com isso, Silva (2016) afirma que o ambiente construído retrata o cenário feminino e masculino do local, onde a

perspectiva masculina sempre é predominante no espaço urbano. A autora ainda também retrata da relação entre gênero e ideologia estética das construções, onde é repassado à arquitetura.

A participação feminina no espaço público aumentou nos últimos anos, porém as melhorias deste não acompanharam, o qual teria facilitado tanto a sua permanência quanto seu deslocamento. Assim, torna-se um desafio reverter a cidade como um ambiente amigável as mulheres, onde tenta compreender sua relação e rotina com o espaço urbano. “A urbanização e a qualidade urbana dependem de elementos de cotidianidade, e, os usos e percepções do espaço público estão associados às relações de gênero, idade e etnia” (RAMON, et al, 2014).

Figura 12: Urbanismo Feminista.

Fonte: Do You City, 2017.

Em sua pesquisa, Ferreira e Silva (2017) tratam sobre o urbanismo feminista, a forma de como o planejamento urbano voltado para as necessidades das mulheres, o qual historicamente eram deixadas de lado pelas políticas públicas, também irá atender a necessidade de outras parcelas da população que eram segregadas. Ao melhorar a cidade para um grupo, acarretará o melhoramento aos demais grupos marginalizados. Um planejamento urbano que observe a demanda

feminina contribuirá à uma cidade acessível segura para todos.

Jane Jacobs (1961), em sua obra trata sobre como o cotidiano é importante para entender o funcionamento da cidade:

> Resumindo, escreverei sobre o funcionamento das cidades na prática, porque essa é a única maneira de saber que princípios de planejamento e que iniciativas de reurbanização conseguem promover a vitalidade socioeconômica nas cidades e quais práticas e princípios a inviabilizam. (JACOBS, 1961).

Juntando com as ideias de Gehl (2010), que fala sobre como as cidades devem seguras, sustentáveis, saudáveis e cheias de vida, onde há quatro objetivos chaves para elas: vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde. Ele fala como tornar a cidade viva reforça a convidar as pessoas para caminhas, pedalar e permanecer em seus espaços públicos, e que assim gera movimentação e colabora para que as cidades se tornem seguras.

Figura 13: Rua comercial em Copenhagen, apresentando princípios de Jan Gehl.

Fonte: DeposiPhotos, 2010.

Por esse lado, se entende em planejar uma cidade em que contenha espaços com vivacidade urbana, através de estabelecimento de vários usos que atendam a necessidade de qualquer tipo de usuário. Com os espaços públicos transformando em espaços atrativos

a qualquer pessoa, ocasionando movimentação, também o tornará convidativo e seguro.

O urbanismo feminista coloca as necessidades relacionadas ao cotidiano das pessoas no centro das decisões urbanas, levando em consideração sua diversidade e analisando como os papéis de gênero influenciam e têm implicações diretas no uso e aproveitamento de nossas cidades. A vida cotidiana é composta de diferentes esferas: produtiva (trabalho remunerado), reprodutiva (cuidar das pessoas e do lar), pessoal (lazer, esportes e cuidados pessoais) e comunidade (melhoria da sociedade ou comunidade onde ao vivo). O urbanismo feminista dá o mesmo valor às quatro esferas da vida cotidiana e, em particular, torna visíveis as tarefas reprodutivas e de cuidado, principalmente não remuneradas e realizadas pelas mulheres, de modo que, através do urbanismo valorizam socialmente e garantem que elas acabem sendo coletivamente e socialmente responsáveis, e não exclusivas das mulheres. Assim, o urbanismo feminista reconhece e torna visível a experiência cotidiana das mulheres e as necessidades e responsabilidades associadas ao trabalho doméstico e assistencial, ou seja, todas as tarefas essenciais para o desenvolvimento humano.

Figura 14: Ilustração de um espaço público sob a perspectiva do urbanismo feminista.

Fonte: Mural de gênero, 2019.

A relação entre a opressão das mulheres e a produção do espaço ainda é pouco explorada, havendo poucas bibliografias sobre o tema. Porém, as manifestações sobre o assunto são várias. Portanto,

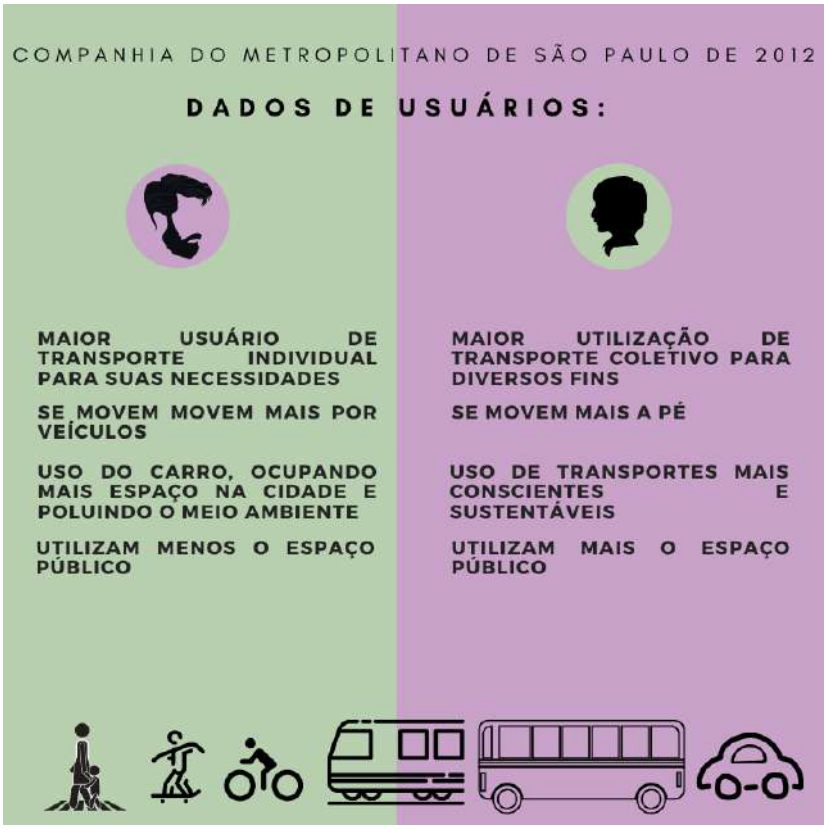
essas manifestações, tanto físicas, digitais e até por escrito são importantes, além de eventos e campanhas para que a população tenha consciência do assunto, ainda mais com a participação feminina. São por atitudes como estas que o urbanismo feminista surge e encontra na discussão de planejamento urbano.

4.4. Mobilidade:

Segundo um estudo feito pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) sobre a mobilidade feminina de São Paulo (PMSP, 2016) fala sobre como a falta de investimento no transporte coletivo e o histórico da ocupação do solo gera deslocamentos improdutivos na questão econômica e social, sendo excludente. Pessoa (2016) fala sobre os trajetos que as moradoras da baixa classe de São Paulo fazem diariamente, sendo longos, devido a concentração de emprego no centro urbano.

Segundo dados da Companhia do Metropolitano de São Paulo de 2012, foram apontados os seguintes dados:

Figura 15: Infográfico sobre a diferença do uso de transporte entre homens e mulheres.



Fonte: Companhia Metropolitana de São Paulo; Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Foram feitos, nos últimos anos, estudos brasileiros que tratavam sobre a mobilidade urbana das mulheres e como ela possui diversas perspectivas. Svab (2016) fala das diversas varáveis que marcavam estas diferenças. Através de análises identificou que a categoria “mulheres” era homogênea e questões como gênero, modo de viagem, situação familiar, grau de instrução, faixa de renda familiar, quantidade e idade dos filhos colaboram para a forma como se movem pela cidade.

Hanson (2010) fala como mobilidade e gênero andam lado a lado, onde um acaba o influenciando o outro. Os temas que se relacionam a respeito de mobilidade e gênero são: violência de gênero, abuso sexual no transporte público, uso diferenciado do espaço público, principalmente na questão de transporte, o caminhar o uso do automóvel. A mobilidade restringida produz desigualdade.

Figura 16: Problemas do transporte público atingem mais as mulheres.

Fonte: CartaCapital, 2018.

Por a mulher apresentar uma complexidade na questão de mobilidade, devido a sua relação com público e privado e ainda ter maior parte das funções domésticas, a falta de transporte público de

qualidade em alguns horários acaba afetando sua dificuldade de locomoção. Ocorre o fato também de que os ônibus não passam por alguns pontos, principalmente nos bairros periféricos, em que a mulher se torna obrigada a caminhar para a parada mais próxima, tornando uma atividade não muito agradável.

> As mulheres andam a pé de casa ao ponto de ônibus, aos locais de compra, aos postos de saúde, às escolas, casas lotéricas e bancos, farmácias, igrejas e tantos outros locais. Ao caminhar, experimentam problemas no itinerário, como a falta de segurança, ruas esburacadas e sem iluminação adequada, falta de calçadas e a disputa do espaço com automóveis. São áreas segregadas e com severos problemas de acessibilidade, que exige delas um esforço para deslocamentos a pé. As mulheres com menos recursos econômicos são as mais afetadas pela falta de transporte público eficiente e confiável e pela distância geográfica entre a casa e o trabalho (MARTINEZ, 2015 p. 51).

Assim como na questão de planejamento e vivência urbana, as mulheres possuem padrões de viagens diferenciado, tanto por questões de renda como por questões demográficas. A dinâmica do transporte público foi pensada segundo o sistema de produção casa-trabalho-casa, ainda marcadamente masculino na sociedade, precisando se adequar às necessidades das mulheres, havendo maior inclusão. São necessárias políticas para mudanças da questão de mobilidade, tornando tanto a rua quando o transporte público mais seguro, garantindo um melhor uso para todos.

Figura 17: Mobilidade Urbana.

Fonte: Ticket Log, 2019.

Segundo a The European Comission, que faz parte do European Institute for Gender Equality, fundado em 2006, o *Gender Planning* seria como uma abordagem ativa ao planejamento que considera o gênero uma variável ou critério chave e que procura incorporar uma dimensão de gênero na política ou ação. É importante a integração de gênero em políticas, programas e projetos onde exige que as necessidades de homens e mulheres sejam levadas em conta.

Figura 18: Palavras chaves e terminologias da teorização do *Gender Planning*.

Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, baseado em um material existente, 2019.

É importante a união da perspectiva de gênero no planejamento, políticas e projetos, onde visa reconhecer lacunas e desigualdades estruturais de gênero que necessitam ser enfrentadas em um determinado contexto. Também busca fazer a definição dos objetivos dessa política e a formulação de abordagens e intervenções apropriadas para alcançá-las, como sua importância, a visibilidade das necessidades dos homens e mulheres, a compreensão da desigualdade de gênero ao realizar intervenções e os empecilhos que devem ser evitados durante sua a implantação de projetos e políticas e consequências inusitadas.

Além disso, o processo participativo da população é de extrema importância, onde pode-se consultar as partes interessadas, contribuindo para aumentar a relevância às pessoas afetadas pela política ou programa, transparência e responsabilidade dos responsáveis, evitando problemas na fase de implementação.

Figura 19: Relatório sobre gênero e planejamento urbano feito pela UN-HABITAT

Fonte: UN-HABITAT, 2012.

A UN-HABITAT, em 2012, produziu um relatório sobre gênero e planejamento urbano. Nele trata sobre a tentativa de aumentar a conscientização sobre como a questão do planejamento urbano afeta a igualdade de gênero e o empoderamento feminino. Ele também mostra como mostra como o planejamento urbano pode ajudar a contribuir para o comprometimento internacional com a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, conforme declarado nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, na Agenda Habitat, na Plataforma de Ação de Pequim, na Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação (CEDAW) e outros compromissos acordados internacionalmente (Reeves, 2012).

O *gender planning* afeta no estio de vida social, ambiental e econômico das cidades, onde visa criar locais que se adequem e criem

melhorias nesses âmbitos, forneçam locais adequados para moradia, integrados com o bem-estar que as pessoas precisam para viver. É um trabalho que envolve a comunidade e profissionais, onde nos planejadores espaciais possuem papel vital.

Assim, o *gender planning* visa diminuir desigualdades estruturais e a desconstrução dos papeis sociais do homem e da mulher em relação ao espaço, aumentar a participação feminina nas políticas, e ter uma identidade social. Tudo isso está relacionando com o planejamento urbano, segurança, mobilidade e equipamentos urbanos.

6. REFERÊNCIAS (PROJETUAIS E COLETIVOS):

Durante o trabalho de pesquisa foram analisados projetos e coletivos que mostrassem intervenções focadas na igualdade de gênero e na participação feminina no ambiente urbano.

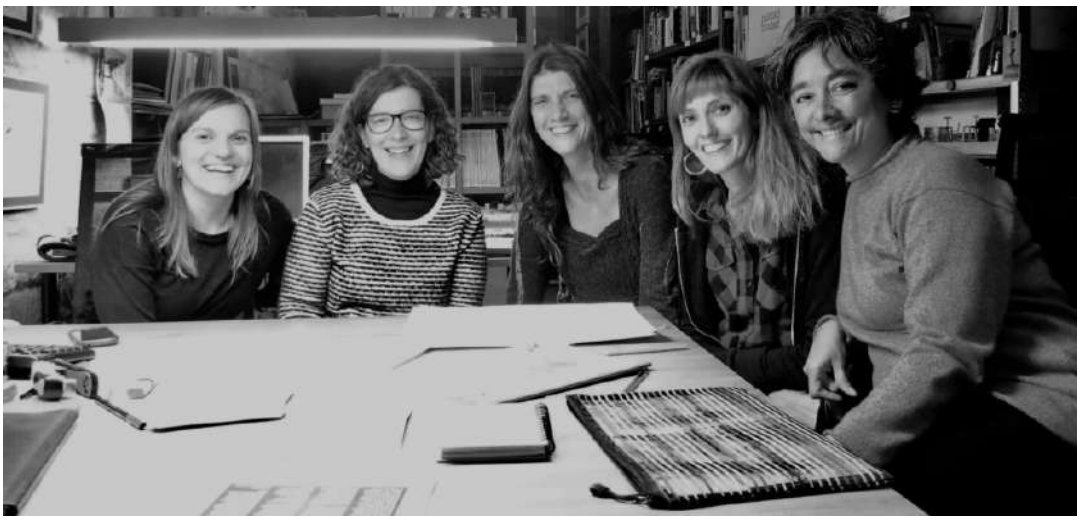
Tanto projetos como ações sociais e conscientização foram e são importantes para o planejamento urbano e a vivência nas cidades, a fim de que ocorresse uma melhoria de vida e equidade para as mulheres. Nem todos tiveram o seu objetivo alcançado, porém foram medidas para tentar mitigar certas ações, como o assédio.

6.1. Internacionais

6.1.1. Col·lectiu Punt 6:

De origem espanhola, da cidade de Barcelona, é um coletivo que tem com referência aplicar o urbanismo feminista como uma alternativa ao se pensar em cidade.

Figura 20: Membros do coletivo. Da esquerda para direita são: Sara Ortiz Escalante, Roser Casanovas, Adriana Ciocoletto, Blanca Valdivia Gutiérrez e Marta Fonseca Salinas.



Fonte: Col·lectiu Punt 6, 2016.

É uma cooperativa, coordenada pela Arquiteta e Urbanista Zaída Muxí, professora da universidade de Barcelona. Esta cooperativa é formada por arquitetas, sociólogas e urbanistas de diversas origens, tendo mais de 10 anos de experiência local, estadual e internacional. Surgiu em 2004, devido à aprovação da chamada “lei Barrios”.

> Uma regulamentação pioneira que implementou medidas sociais e urbanas e consistiu em 8 pontos básicos a serem desenvolvidos, sendo o campo 6, a equidade de gênero no uso do espaço e equipamentos urbanos. Por isso, o nosso nome. (COL·LECTIU PUNT 6, 2016).

Desde que surgiu a cooperativa, elaboraram diversos projetos, como arquitetura e planejamento urbano, dinamização comunitária, sensibilização, formação e investigação; elaboram oficinas, consultoria urbana, auditorias, entre outras diversas atividades. O seu objetivo é garantir que as cidades sejam inclusivas e que as pessoas que as habitam se sintam especiais nos espaços que as cercam.

> Eles vivem os espaços de forma diferente porque têm diferentes necessidades e experiências. O planejamento urbano feminista, portanto, inclui a diversidade de experiências das pessoas e reconhece que essas experiências e necessidades são essenciais para incluir em qualquer processo e projeto de planejamento urbano. (ESCALANTE, 2016).

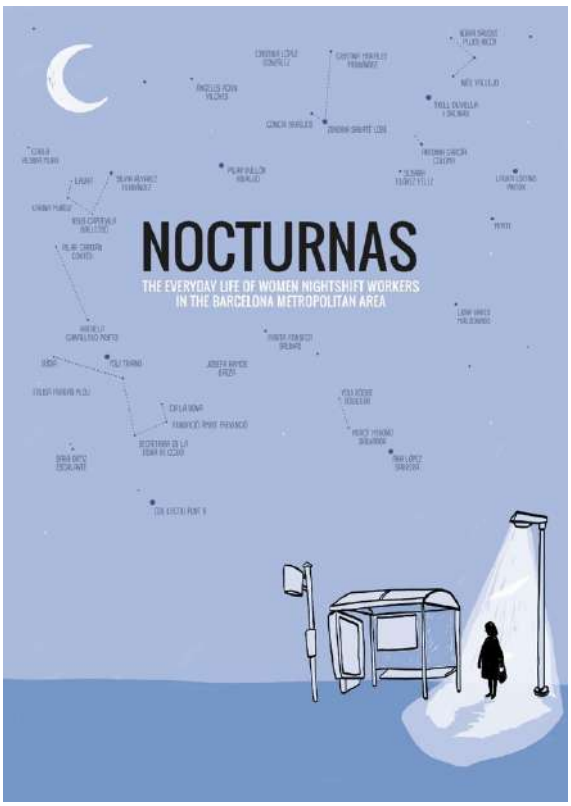
Segundo o coletivo, não há uma fórmula para realizar projetos nesse sentido, mas sim estar aberto a conversas e saber como adaptar para a realidade local. Incialmente suas reflexões eram focadas no debate da segurança das mulheres na cidade. Porém, descobriram cinco pontos para garantir a qualidade urbana: proximidade, diversidade, autonomia (acessibilidade universal, segurança e a disponibilidade para usar os espaços a qualquer hora do dia, sentindo-se seguro), vitalidade e participação nos processos de tomada de decisões urbanas.

Figura 21: Ilustrações sobre as suas visões para o planejamento urbano.

Fonte: Col·lectiu Punt 6, 2016.

Um dos seus projetos é o “Noturnas – A vida diária de mulheres trabalhando à noite na área metropolitana de Barcelona”, realizado em 2017. Tinha como objetivo tornar visível e analisar como o planejamento urbano da Região Metropolitana de Barcelona (RMB), cidades e bairros afetam o cotidiano das mulheres que trabalham à noite.

Figura 22: Capa do projeto *“Nocturnas”.*



Fonte: ISSUU, 2016.

Foi um projeto que inicialmente começou como tese de doutorado de uma das mulheres do coletivo, tendo evoluído como um projeto e sendo desenvolvido em colaboração com a Fundação *Àmbit Prevenció*, a Secretaria da Doação do CC.OO., Ca la Dona e Irídia, e com uma equipe de 24 mulheres que trabalham à noite em parceria aos pesquisadores nas diferentes fases do projeto.

Analisaram como o corpo feminino ficava exposto no planejamento urbano noturno, o planejamento urbano em si, a percepção de segurança e mobilidade. O projeto foi elaborado em etapas, sendo 4, contando com a participação feminina e

mapeamentos. Através dos resultados, elaboraram 3 propostas: melhorar a mobilidade de pessoas que trabalham à noite na Região Metropolitana de Barcelona (RMB) de uma perspectiva de gênero, aumentar a percepção de segurança de mulheres que andam à noite na RMB e promover melhorias das condições de trabalho de pessoas que trabalham à noite de uma perspectiva de gênero.

6.1.2. Frauen-Werk-Stadt (Women-Work-City): A Township Designed for Women in Vienna, Austria:

Traduzindo para o português, seria "Mulher-Trabalho-Cidade", um projeto habitacional feito para e por mulheres na cidade de Viena, Áustria. Ele foi feito na premissa de que o planejamento urbano deve ser igual para homens e mulheres. Ao notarem que a cidade beneficiava mais os homens, as planejadoras tomaram nota de todas as necessidades das mulheres e suas ações, e qual é o efeito destas. Seu planejamento e construção foi feito para atender às necessidades cotidianas das mulheres, onde focavam em seus padrões de rotina e a diferente necessidade das usuárias.

Figura 23: Bairro de Aspern tem um design explicitamente orientado para a família, com ênfase específica em levar em consideração as necessidades das mulheres em seu planejamento. Foto por Daniel Hawelka para Seestadt.

Fonte: The Guardian, 2019.

Ao fazer o levantamento de dados para o projeto, notaram que as mulheres dedicavam mais tempo para os afazeres domésticos e para as crianças do que os homens. Dado isso, foram criados diversos serviços no conjunto para facilitar a vida das moradoras, como creche, farmácias, consultórios médicos e transporte público.

Figura 24: Espaço públicos de Aspern, onde todos recebem nome de mulheres.

Fonte: The Guardian, 2019.

Além do projeto habitacional, através de uma pesquisa sobre o uso de transporte público, feito em 1999, foi concluído que os homens utilizavam menos que as mulheres, que estas também percorriam tantos caminhos a pé, houveram melhorias também no plano de mobilidade dos pedestres e o acesso ao transporte público, assim como melhoraram a circulação noturna. Houve melhorias como alargamento das calçadas, as escadas ganharam rampas para melhor acessibilidade aos carrinhos de bebês e para pessoas com dificuldades de locomoção e aperfeiçoamento na iluminação das ruas. Era prioridade: segurança e facilidade de movimentação.

Além de resultar nas melhorias de infraestrutura e do complexo de apartamentos bem-sucedidos, também levou a requisitos de análise de gênero para todas as ofertas de contratos de habitação social da cidade.

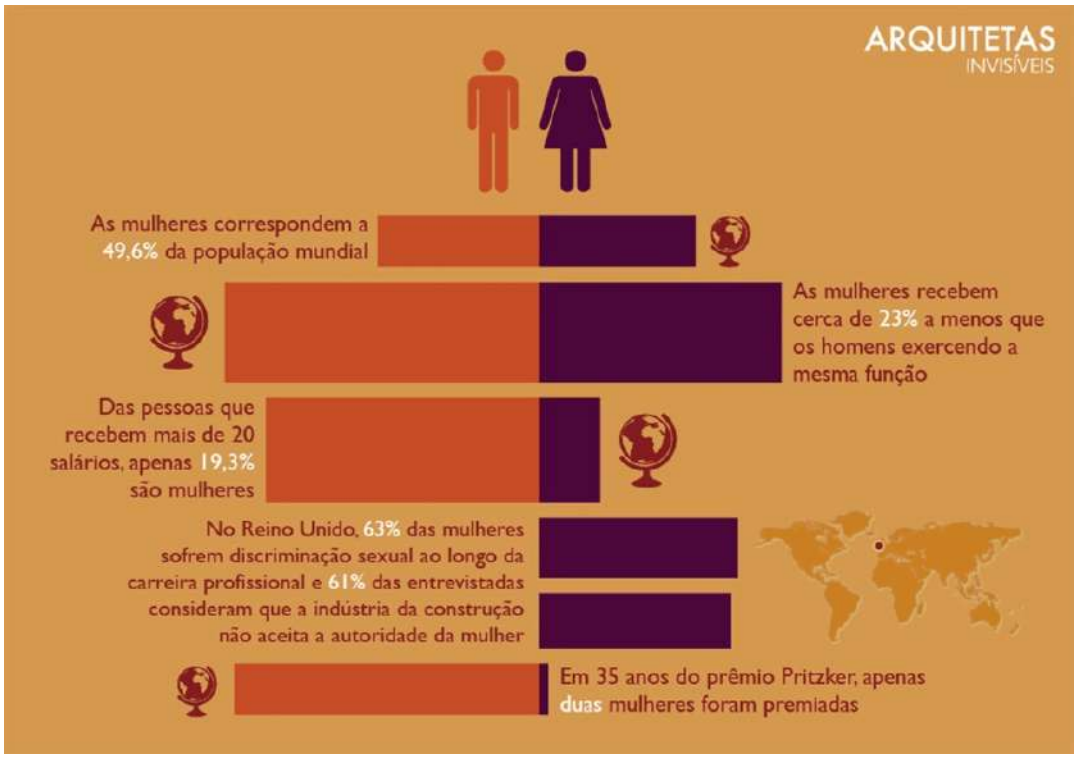
6.2. Nacionais:

6.2.1. Arquitetas invisíveis:

É um coletivo brasileiro, com sede em Brasília, formado desde 2014 por estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de

Brasília. Sua intenção é de apresentar, divulgar e homenagear o trabalho destas profissionais que muitas vezes vivem as sombras dos homens. Um dos discursos que levantam é: por que muitas delas ainda são invisíveis? O que podemos fazer para modificar este quadro?

Figura 25: Estatística sobre as mulheres na Arquitetura e Urbanismo.



Fonte: Arquitetas Invisíveis, 2015.

Promovem ações que buscam promover a igualdade de gênero dentro do ramo da Arquitetura & Urbanismo, através de reconhecimento e divulgação da vida e obra destas mulheres, desprestigiadas pela história.

> "O coletivo Arquitetas Invisíveis surgiu da necessidade de mostrar a produção feminina no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo. [...] A gente percebeu que a falta de produção feminina não tinha nada a ver com a 'falta da produção feminina', era na verdade a falta de dar visibilidade para essa produção que já existia". (CASCELLI, 2018).

Figura 26: Quem são seus grandes exemplos?

Fonte: Arquitetas Invisíveis, 2015.

6.2.2. O vagão exclusivo para mulheres:

Em algumas cidades brasileiras que possuem metrô, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, foi implantando um vagão de uso exclusivo feminino, com a finalidade de ter a separação dos sexos para que diminuam os casos de violência sexual no transporte. Houve muitas críticas sobre como foi uma medida negativa para tentar amenizar a situação do abuso sexual.

Figura 27: Vagão exclusivo feminino.

Fonte: Veja RIO, 2017.

Segundo a Revista Fórum (2014), são vários argumentos contrários ao vagão feminino: promove a segregação social, pois diminui a capacidade empática, dificultando enxergar a equidade entre as mulheres e homens; naturaliza a violência e culpabilização da vítima, pois faz com que seja "obrigatório" o uso deste para evitar "encoxadas"; a marginalização às pessoas trans, pois estas pessoas buscam fugir da hostilidade do vagão misto, porém pode ocorrer a sua expulsão e constrangimento do vagão feminino; entre outros.

> "O vagão exclusivo se torna quase uma obrigatoriedade, não porque há uma lei que force as mulheres a usarem somente o vagão cor-de-rosa, mas porque culturalmente se estabelece um raciocínio maniqueísta e misógino, compreendendo que a mulher que deseja se proteger não entrará em vagões mistos. [...]. Por isso, o vagão exclusivo naturaliza a violência, fazendo com que o problema aparente ser menos grave e falsamente simples de ser evitado. A realidade, no entanto, é de que as mulheres passam a receber uma carga ainda maior de responsabilidade pelos abusos sofridos por elas mesmas." (ARRAES, 2014)

Figura 28: Tirinha sobre a violência sexual nos vagões.

Fonte: Aquilobando DFE, 2014.

Essa medida não traz mudanças para a atual sociedade machista em que vivemos, pois não altera os valores misóginos da sociedade, quando na verdade os reforça e os naturaliza.

6.3. Regionais

6.3.1. Cidade para mulheres – coletivo lab da cidade:

O coletivo **"Cidade Para Mulheres"** surge do reconhecimento de que o acesso à cidade e se dá de forma desigual entre homens e mulheres, desigualdade essa que vai de encontro com a missão do Laboratório da Cidade:

Artigo 2º. O LdC tem por missão repensar as cidades, suas dinâmicas e transformações, almejando cidades mais humanas, democráticas e sustentáveis, acreditando na participação e colaboração entre diferentes atores da cidade na elaboração e execução de planos, projetos e programas que busquem as sustentabilidades ambiental, social e econômica no meio urbano.

Figura 29: Banner do Cidade para as Mulheres.

Fonte: Cidade Para Mulheres.

A busca pela construção de uma cidade mais humana, democrática e sustentável sob o prisma do gênero pode nos ajudar a diminuir desigualdades no meio urbano, uma vez que pode funcionar como um termômetro de apropriação democrática do espaço. Afinal quando a cidade é segura para a mulher, a cidade é segura para todos.

Por isso é imperativo incluir a mulher no papel de tomadora de decisão, seja em métodos participativos de desenho de projetos, seja no papel de produtora do espaço (arquiteta, urbanista, engenheira, geógrafa…), seja no campo político, desenhando políticas públicas.

Justamente com o intuito de incentivar a maior participação de mulheres na construção do futuro que queremos, o Cidade Para Mulheres tem como objetivo repensar nossas cidades, suas dinâmicas e transformações numa perspectiva de gênero, buscando com isso espaços urbanos mais humanos, democráticos e sustentáveis sob três eixos temáticos:

a) Segurança;
b) Mobilidade Urbana;
c) Representação.

Valendo-se das seguintes estratégias:

a) Encontros periódicos para debates e troca de conhecimento;
b) Palestras, mesas redondas e workshops;
c) Produção de conhecimento ao apoiar pesquisas, relatórios e coleta de dados que subdisem o debate e a formulação
d) políticas públicas de produção da cidade sob o prisma do gênero;
e) Desenho colaborativo de projetos e intervenções que respeitem a missão do grupo e do Laboratório da Cidade.

6.3.2. Pedala Mana:

Grupo paraense de ciclistas que apoia o uso da bicicleta como transporte e incentiva mulheres ao seu uso. Surgiu em 2017, através da iniciativa do Bike Anjo, projeto para ajudar pessoas que não sabem andar de bicicleta.

Tem por objetivo colaborar para o empoderamento feminino tendo a bicicleta como ferramenta. Além de rodas de conversa, que buscam a troca de experiências e criação e fortalecimento de uma rede colaborativa de mulheres ciclistas em Belém, as ações previstas também contam com Escolas Bike Anjo (EBA) voltadas para o público feminino e oficinas de mecânica básica para elas.

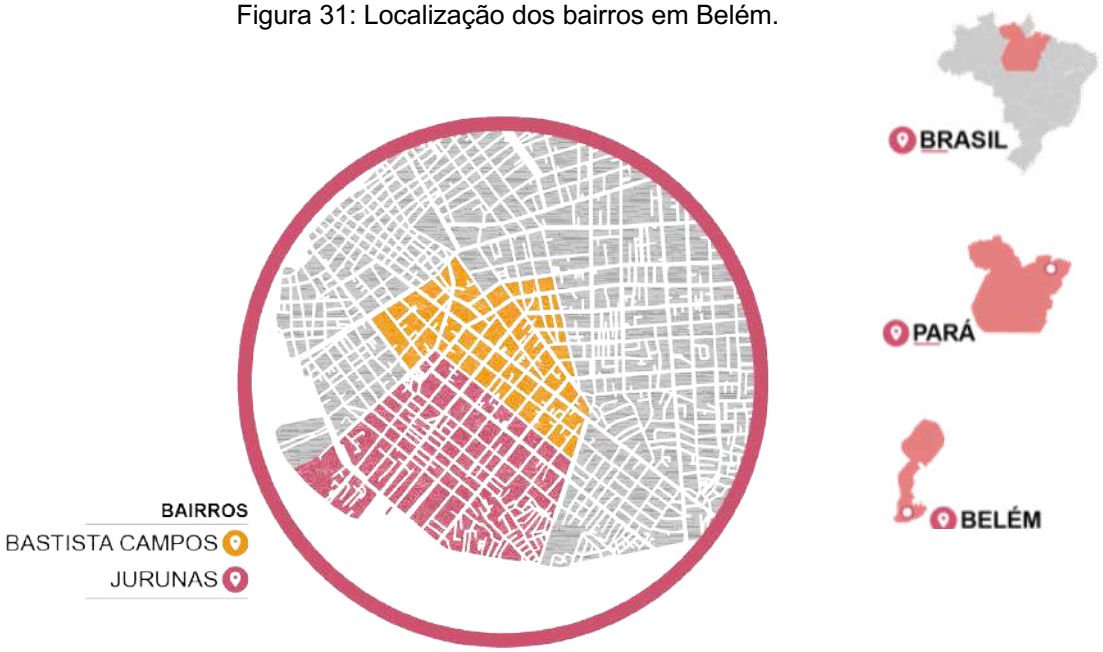
Figura 30: Anúncio do Pedala Mana.

Fonte: Facebook, 2017.

Lorena Costa, umas das idealizadoras, fala que um dos motivos para se criar o pedala mana foi devido ao grande número de mulheres que havia no Bike Anjo.

> “Elas sempre foram a maioria dos atendimentos. E percebemos que, para além do aprender a andar de bicicleta, é necessário o incentivo para que essas mulheres ganhem as ruas. O uso da bicicleta no dia a dia, que vai pra além do lazer, mas também o uso diário, permitindo que elas vão aonde quiserem, através da bicicleta". (COSTA, 2017)

Figura 31: Localização dos bairros em Belém.



Fonte: Google Maps; Elaboração: Jonny Jordan (2019).

7.1. Bairro Batista Campos:

O bairro de Batista Campos tem como limites os bairros: Campina, Cidade Velha, Jurunas, Condor, Cremação e Nazaré. É considerado um bairro nobre e elitizado. Silveira e Rocha (2012)

O bairro de Batista Campos, segundo o Anuário Estatístico de Belém (PREFEITURA DE BELÉM, 2010), tem 19.136 habitantes, sendo 43,20% são homens e 56,80% são mulheres.

Nele podemos encontrar o atual Shopping Pátio Belém (antigo Iguatemi), a praça Batista Campos (antes praça Salvaterra) e o Cemitério da Soledade.

O bairro apresenta uma boa estrutura em geral, principalmente nas áreas mais próximas a praça, e faz parte da primeira leva do crescimento da capital.

apresentam o espaço como predominado por diversos estabelecimentos comerciais, de diversos tipos, e os grandes edifícios – principalmente residenciais – elevados, colaborando para verticalização da cidade.

7.2. Bairro do Jurunas:

O bairro do Jurunas está localizado na beira do rio Guamá, tendo como bairros limítrofes: Cidade Velha, Batista Campos e Condor. Segundo Cruz (1970), era ocupado por indígenas, daí a maior parte de suas ruas receberem nome de tribos, como Mundurucus, Timbiras e Tamoios, por exemplo. É um bairro considerado periférico e tem fama pela sua periculosidade.

O bairro do Jurunas, segundo o Anuário Estatístico de Belém (PREFEITURA DE BELÉM, 2010), tem 64.478 habitantes, sendo 47,12% são homens e 52,88% são mulheres.

Rodrigues (2018) fala sobre seu crescimento, ~~em~~ que foi paralelo ao rio, depois adentrando para a cidade. Suas primeiras ruas por aberturas de caminhos pelos quais se realizava o trânsito do centro para as áreas das margens, onde habitava a população mais pobre e atividades econômicas de baixo custo.

Devido a estas aberturas, as ruas acabam sendo estreitas. O seu crescimento não possuiu planejamento, sendo desordenado e com a presença de moradias irregulares. Por seu crescimento desordenado, há apenas um local de lazer, o Portal da Amazônia, e possui uma estrutura desigual, onde os locais mais próximos à Batista Campos possuem mais ordenação e qualidade, enquanto os locais periféricos apresentam precariedades.

Por ter sido um bairro que não apresentou intervenções urbanísticas e ter proximidade com o rio Guamá, apresenta alagamentos. Períodos de forte chuva, deficiência do sistema de drenagem e a topografia local favorecem a ocorrência dos alagamentos.

7.3. Seus principais locais:

Figura 32: Mapa principais pontos de Batista Campos e Jurunas.

Fonte: Google Maps, 2019; Elaboração: Jonny Jordan, 2019.

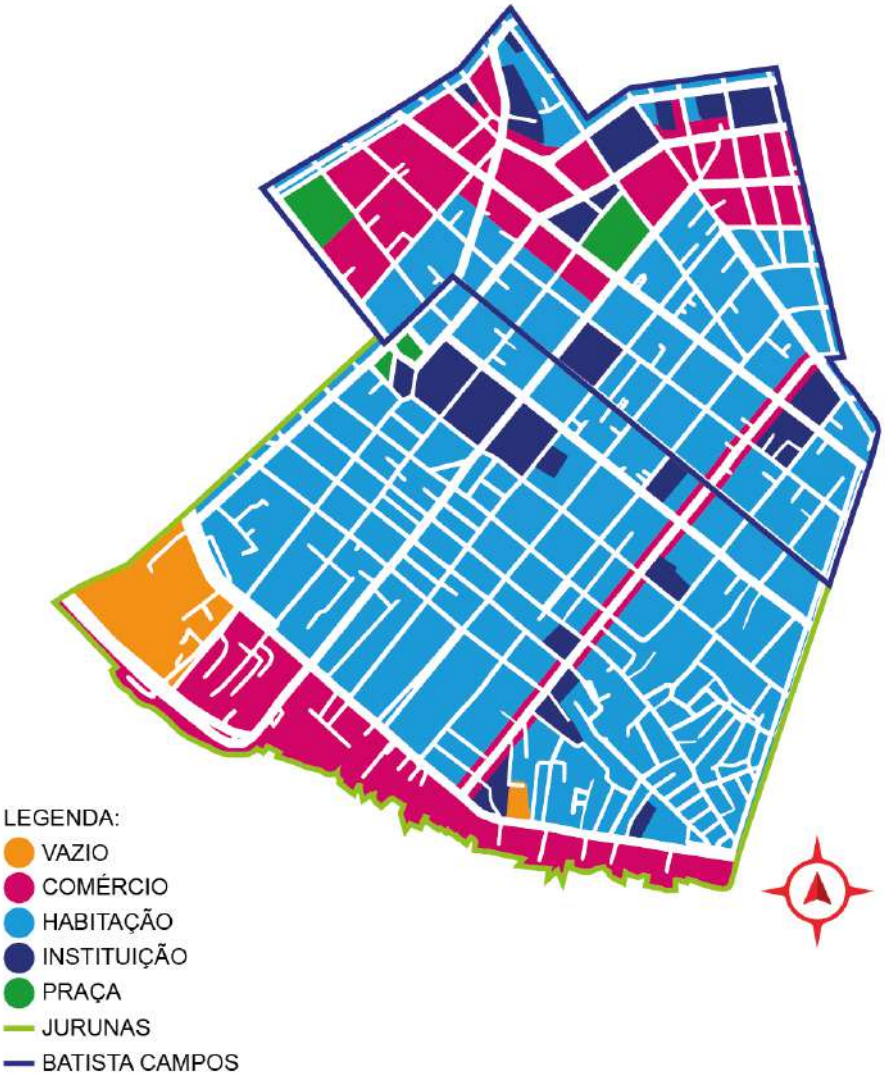
Foi observado que a maior parte dos pontos principais ficam presentes no bairro de Batista Campos do que o Jurunas. Batista Campos possui mais locais de lazer, como bares, restaurantes e praças e escolas. Já no Jurunas apresenta mais pontos de escolas.

7.4. Quais as suas diferenças e semelhanças?

7.4.1. Uso do solo e equipamentos urbanos:

Neste mapa observa-se os seguintes aspectos: o predomínio do uso habitacional em ambos bairros; concentração comercial na região nordestes e noroeste de Batista Campos, próximas à margem do Rio Guamá e ao longo da rua Fernando Guilhon; aglomerado de instituições concentrados na Batista Campos e áreas lindeiras com Jurunas, e nesse as instituições ficam mais próximas ao corredor comercial da Fernando Guilhon; presença de praças em ambos bairros.

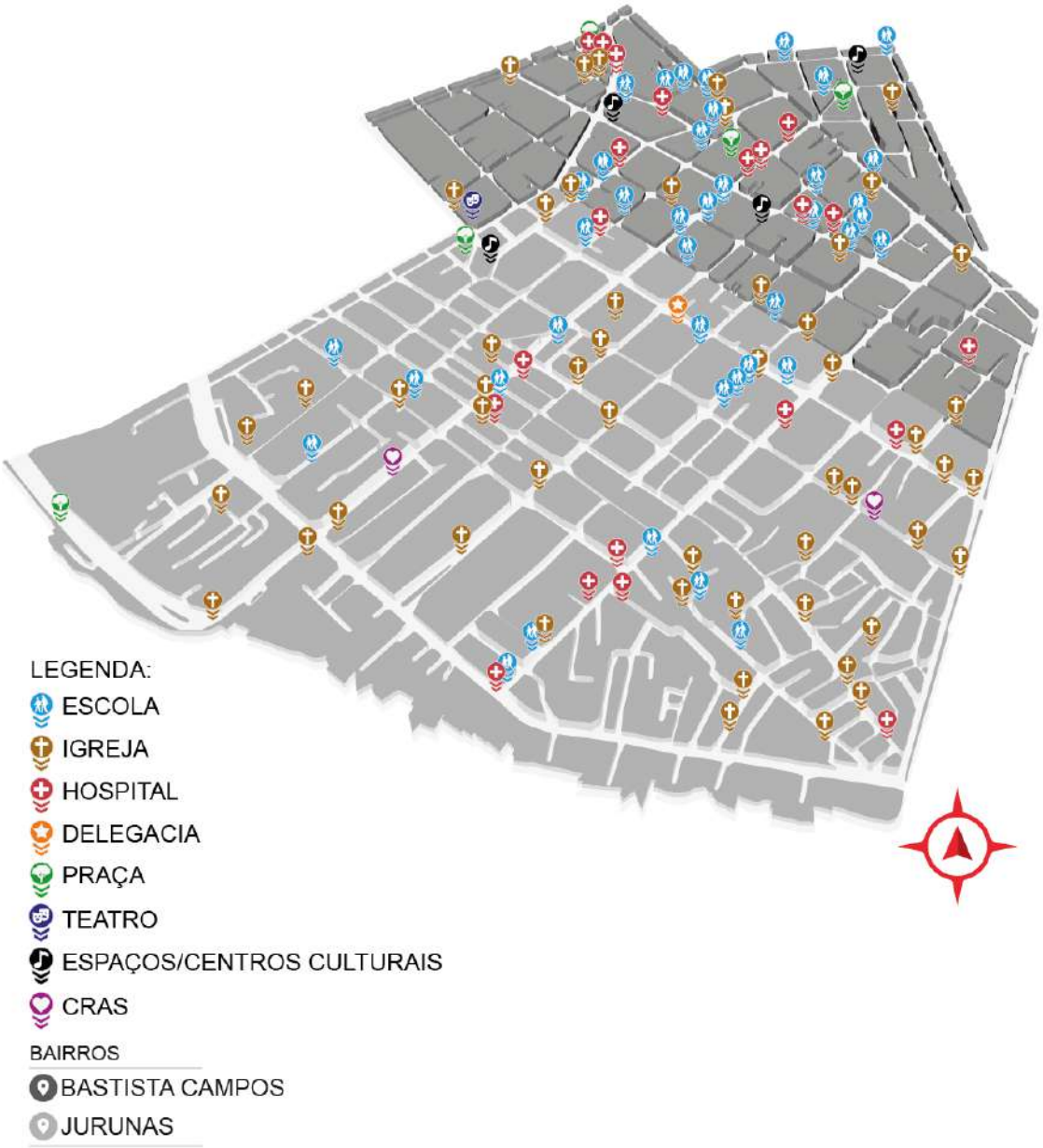
Figura 33: Mapa do Uso do Solo (Batista Campos e Jurunas).



Fonte: Google Earth, 2019; Elaboração: Bianca Souza e Jonny Jordan, 2019.

Em relação ao plano diretor de Belém (2010), os bairros estão localizados em 3 ZAUs: ZAU 5, ZAU 6 Setor I e ZAU 7 Setor II. Através deste, mapa de uso do solo é caracterizado por um predomínio habitacional, seguido por uma área comercial concentrada em Batista Campos, corredor viário da Fernando Guilhon e próximo á margem do rio Guamá. Foram também identificadas 3 praças, uma no Jurunas e duas em Batista Campos, instituições em ambos bairros e maior vazio no Jurunas.

Figura 34: Equipamentos Urbanos.



Fonte: Material elaborado por Jonny Jordan.

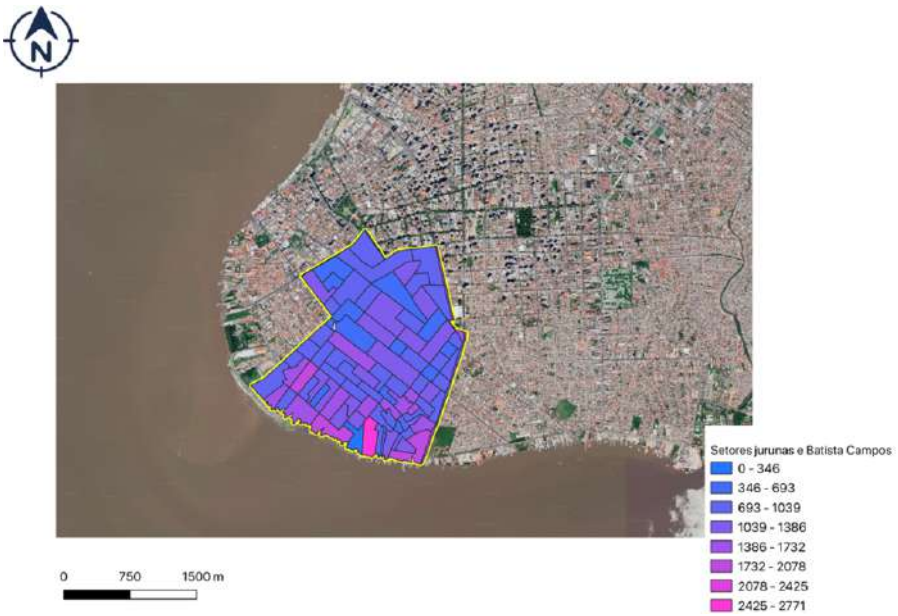
A partir da análise do mapa de equipamentos urbanos, nota-se uniformidade de equipamentos, diferenciando-se mais pela sua concentração. Na Batista Campos há maior presença de hospitais, centros culturais praças e creches, enquanto no Jurunas concentram-se mais igrejas e somente nele há CRAS e uma delegacia. Dentre os equipamentos verificados, as maiores quantidades foram de igrejas, escolas e hospitais.

7.4.1.1. O que foi observado:

A concentração de certos equipamentos em um bairro em relação ao outro está ligado, além da questão da elitização, com a questão de infraestrutra. Ambos são bairros que apresentam a habitação como uso predominante, porém em Batista Campos esse uso está mais concentrado em prédios habitacionais verticalizados, população de maior poder aquisitivo. A presença de delegacia no Jurunas, próximo a zona limítrofe dos bairros, tenta atender aos dois bairros, porém a sua presença no Jurunas é significativa devido a fama do bairro por falta de segurança. E a presença de CRAS para atender a população local, que possuem condições precárias, assim como a presença de uma UBS e pequenas clínicas médicas destinadas à população, que não tem condições para ter um plano de saúde e frequentar hospitais.

7.4.2. Moradores:

Figura 35: Moradores em domicílios particulares e coletivos (Batista Campos e Jurunas).



Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Bianca Souza, 2019.

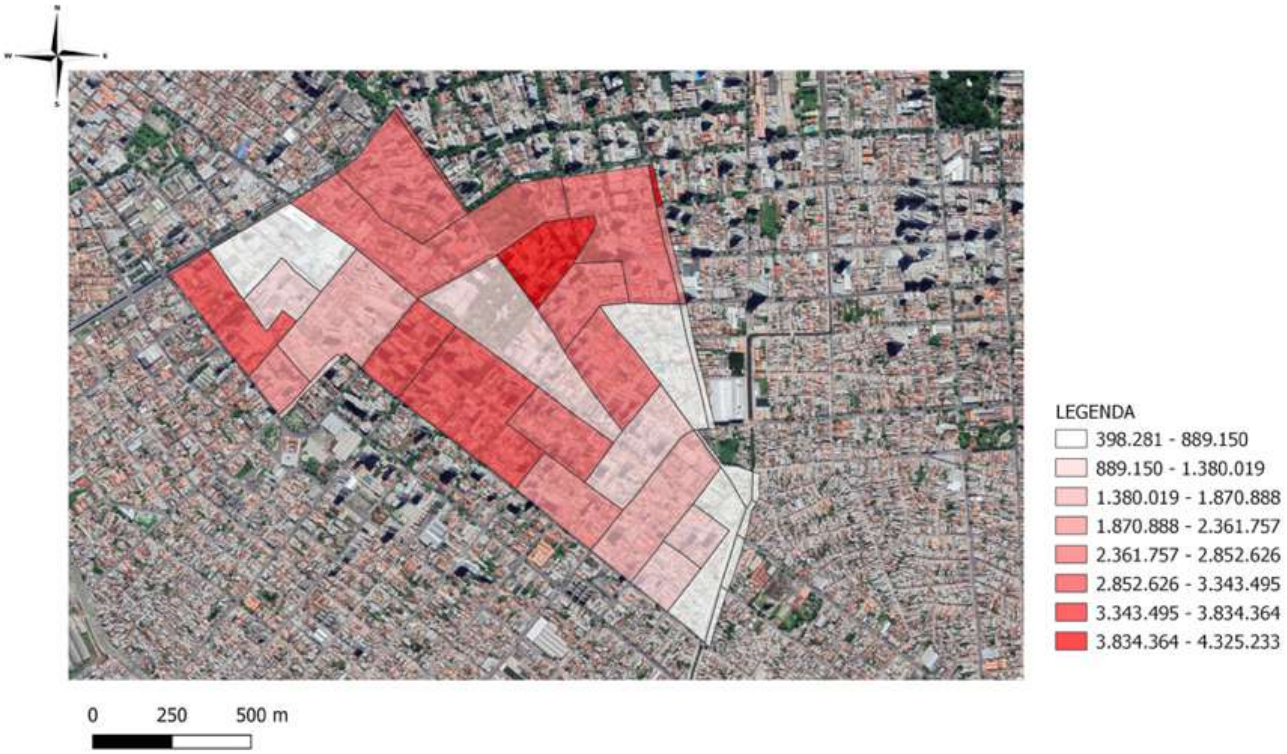
A concentração de moradores apresenta-se de forma crescente. No bairro de Batista Campos e regiões lindeiras apresentam uma menor concentração de moradores, onde são áreas com melhor

infraestrutura, mais elitizadas, e uma provável composição familiar tradicional – mãe, pai e filhos. Conforme vai adentrando ao bairro do Jurunas, a concentração de moradores vai aumento ao longo do eixo centro-margens do rio, em que é a parte mais precária e pobre do bairro.

7.4.3. Renda:

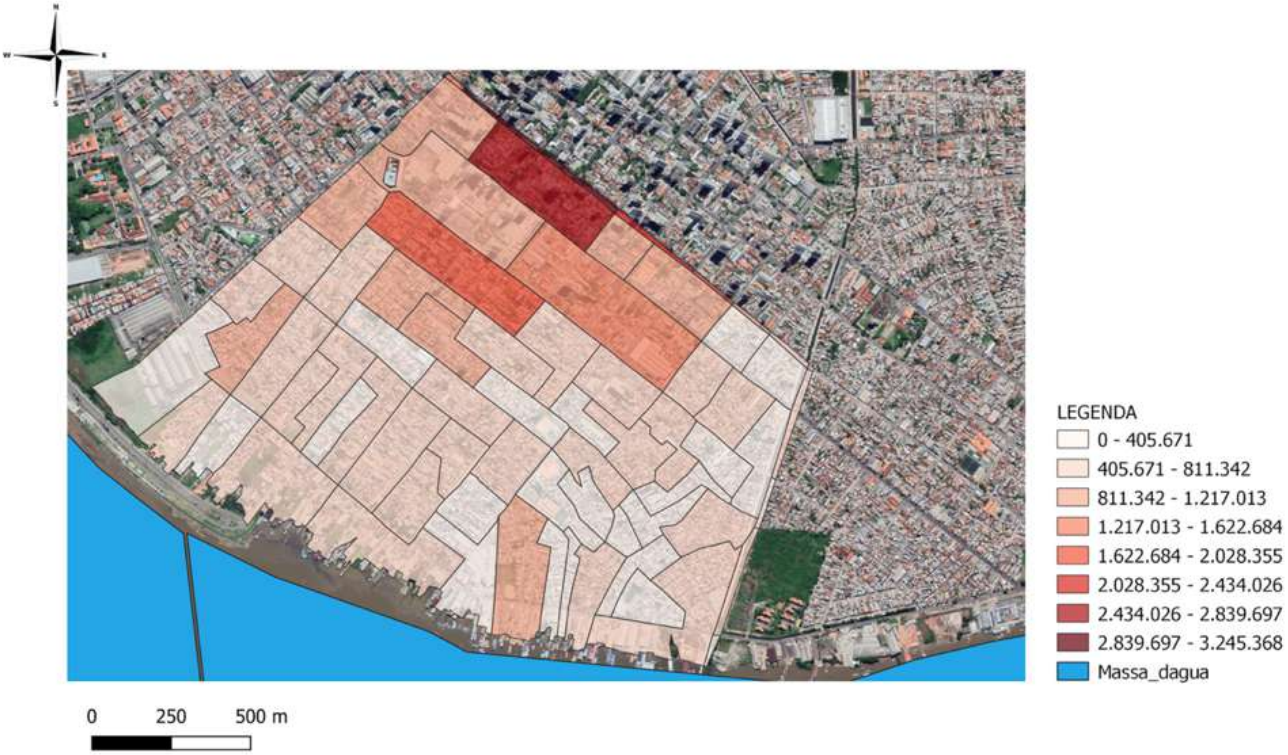
No aspecto socioeconômico, os bairros se diferem bastante. Batista Campos apresenta maior concentração de renda, indicando poder aquisitivo de médio a alto, onde pontos da periferia leste e um ponto do oeste possuem menor concentração. O Jurunas já apresenta maior concentração no limite com Batista Campos, e ao longo do eixo centro-periferia essa renda diminui bastante. Caracteriza-se por uma região precária e que maior parte do comércio é local, de auto sustento.

Figura 36: Renda de Batista Campos.



Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

Figura 37: Renda do Jurunas.



Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

7.4.4. Infraestrutura urbana básica:

7.4.4.1. Água:

Nas questões da distribuição de água nos bairros, Batista Campos apresenta pontos mais precários na sua região central e noroeste, e os outros pontos possuem melhor distribuição. No Jurunas apresenta a variação da distribuição, o qual as regiões central e oeste apresentam mais pontos de precariedade, já as outras regiões possuem melhor distribuição. Ambos bairros possuem destronização desigual.

Figura 38: Abastecimento de água de Batista Campos.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

Figura 39: Abastecimento de água do Jurunas.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

7.4.4.2. Esgoto:

A distribuição da rede de esgoto mostra-se desigual entre eles. Batista Campos apresenta uniformidade, tendo um ponto ou outro com precariedade e boa qualidade. Jurunas já mostra uma taxa de distribuição mais baixa, havendo pouco pontos com melhor distribuição. Característica da falta de infraestrutura.

Figura 40: Rede de esgoto de Batista Campos.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

Figura 41: Rede de esgoto do Jurunas.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

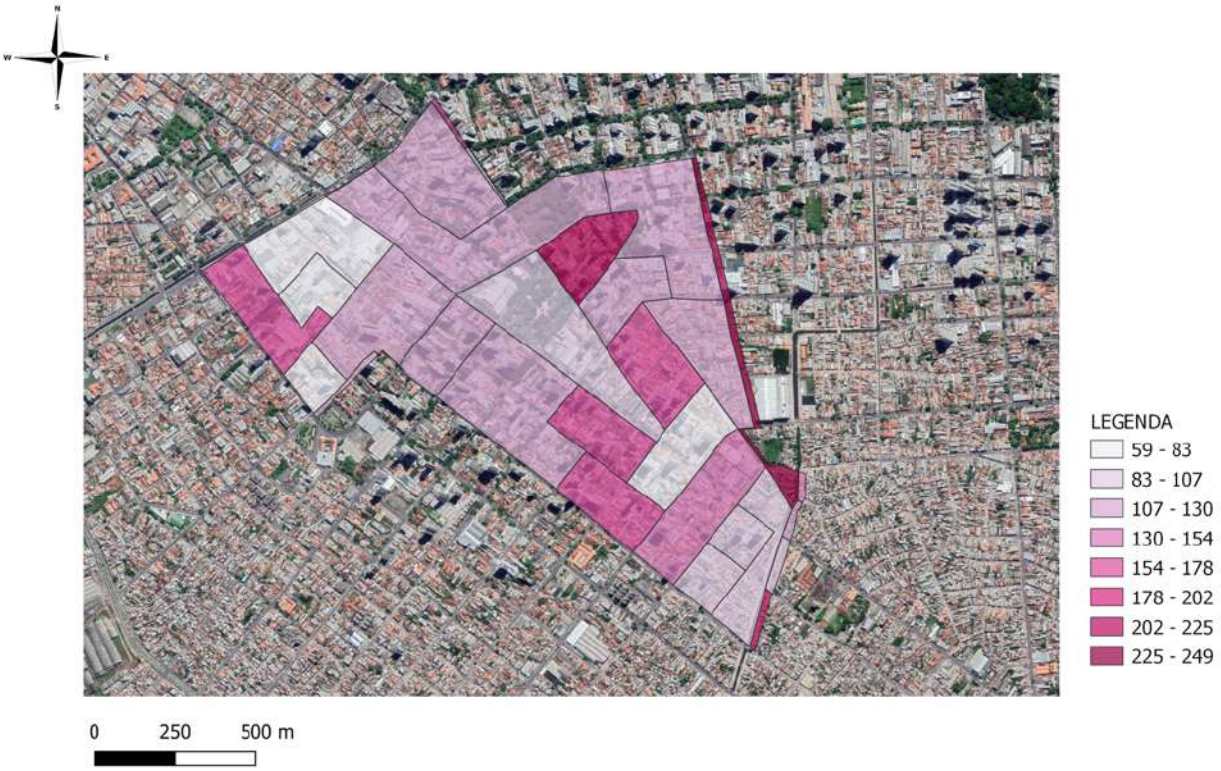
7.4.5. Prevalecimento por sexo:

7.4.5.1. Sexo Feminino:

Este dado mostra uma alta discrepância entre os bairros. Por Batista Campos ter condições de bairro nobre e elitizado, com mais presença de famílias consideradas tradicionais, as mulheres não são a principal fonte de renda dos lares, no qual geralmente divide as despesas domésticas com o marido. São os pontos mais periféricos que demonstram a predominância da mulher como chefe de casa.

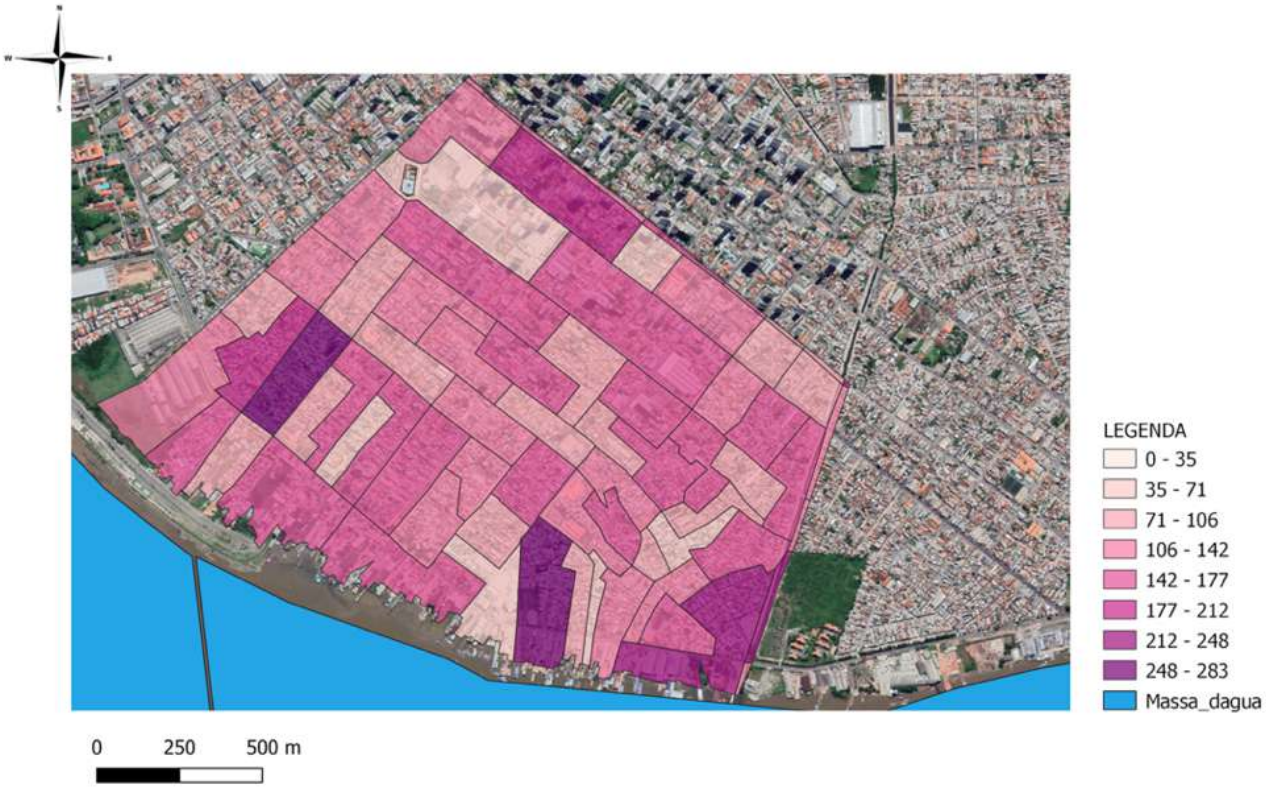
No Jurunas já apresenta a dominação de mulheres como responsáveis dos lares e principal fonte de renda. Isso é uma característica social de áreas de apropriação informal, periférica e pobres, onde geralmente essas mulheres são a fonte de renda da casa, senão a única, em que esta habita maior parte de familiares e agregados, assim tornando-se as chefes dos lares.

Figura 42: Pessoas responsáveis do sexo feminino (Batista Campos).



Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

Figura 43: Pessoas responsáveis do sexo feminino (Jurunas).



Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

7.4.5.2. Sexo Masculino:

Homens responsáveis pela casa apresentam uniformidade entre os bairros. Assim como no caso da predominância de mulheres em Batista Campos, os homens apresentam as mesmas características, porém devido às ideias sociais predominantes do patriarcado, esses apresentam maior índice em relação as mulheres, tendo a maior parte na fonte de renda, muitas vezes sendo o chefe, o “homem” da casa.

O bairro do Jurunas apresenta semelhanças com Batista Campos, porém ainda há o prevalecimento dos lares com mulheres como chefes de família.

Figura 44: Pessoas responsáveis do sexo masculino.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

Figura 45: Pessoas responsáveis do sexo masculino.

Fonte: CODEM, 2000; IBGE, 2010; Elaboração: Adriana Lima, 2019.

7.4.6. O que tem a pensar sobre eles?

Batista Campos teve um planejamento melhor em relação aos outros bairros da cidade. Apresenta áreas de lazer, como a Praça Batista Campos e o Shopping Pátio Belém, serviços e comércios disponíveis no bairro, além do fácil acesso a serviços médicos e hospitais, estando nas principais vias. Tem facilidades logísticas e de acesso, estando próximo a outro bairro nobre, Nazaré, e contendo

farmácias, padarias, bancos, escolas, faculdades, supermercados, igrejas, prédios comerciais, bares, restaurantes, entre outros.

Jurunas possui falta de planejamento e infraestrutura. Apresenta maior índice de habitação, com poucos pontos de lazer, havendo mais comércios locais e de uso misto. A sua forma de dominação, crescimento e estruturação colabora para um bairro com aspectos precários.

A região limítrofe do Jurunas com a Batista Campos acaba trazendo maior infraestrutura ao bairro, onde há maior movimento e circulação de pessoas, além do trecho da rua Fernando Guilhon, como um corredor comercial. Adentrando ao bairro o movimento já vai diminuindo, por haver grande número de residências e uso misto, em que estes fecham certos horários, tornando as ruas desertas.

Essa falta de movimento colabora para que as ruas se tornem mais inseguras, além também da a falta de infraestrutura, sendo o caso do Jurunas. São bairros vizinhos, com características diferentes, porém acabam se afetando, de formas positivas e negativas.

8. NARRATIVAS

Um dos objetivos do trabalho é fazer análise dos locais públicos dos bairros de Batista Campos e Jurunas, a fim de localizar os pontos críticos destes e onde precisa de mais atenção.

Para uma melhor percepção dos espaços dos bairros, foram feitos questionário online e entrevistas presenciais. Por meio dessas ferramentas será possível requalificar áreas, criando espaços que diminuam a vulnerabilidade feminina e, consequentemente, de todos, além de criar maior apropriação dos espaços públicos.

1.1. Questionário online:

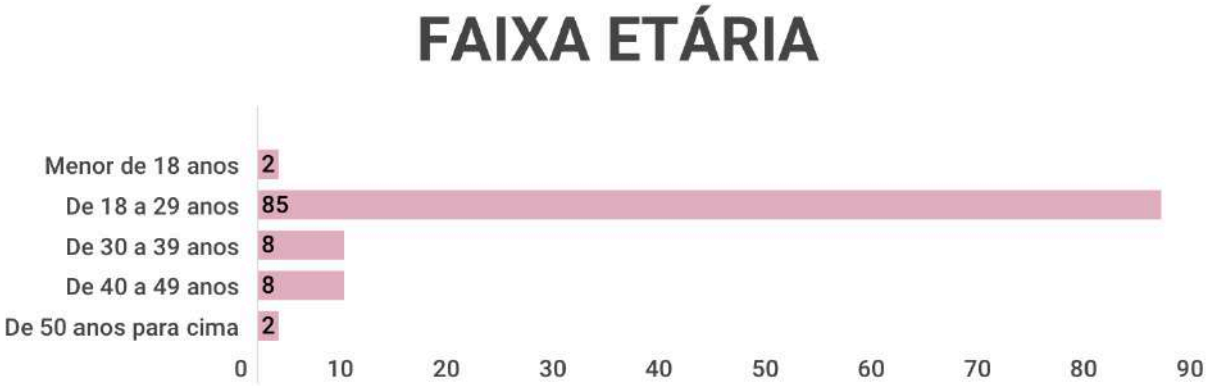
Os dados foram coletados através da plataforma digital Google Docs, a fim de amplificar a pesquisa. Feito de forma anônima, abrangia perguntas básicas, como idade e característica étnico racial, e também perguntas mais específicas e pessoais, como a sua relação com cada bairro, locais que frequenta neles, horários, e perguntas subjetivas sobre segurança, violência e sentimento como mulher nestes, entre outras perguntas. Foram recebidas 105 respostas, onde algumas mulheres responderam de forma bem completa e outras detalharam o mínimo.

Apresentou os seguintes resultados:

a) Faixa Etária:

A maior parte das participantes foram jovens de 18 a 29 anos (79%), seguido por mulheres de 30 a 39 anos (8%), de 40 a 49 anos (7%), de 50 anos para cima (4%) e jovens com menos de 18 anos (2%). Demonstra a prevalência de uma faixa etária jovem, a qual deve ter maior facilidade de acesso às plataformas digitais e entendimento sobre a temática do trabalho.

Gráfico 1: Faixa Etária.

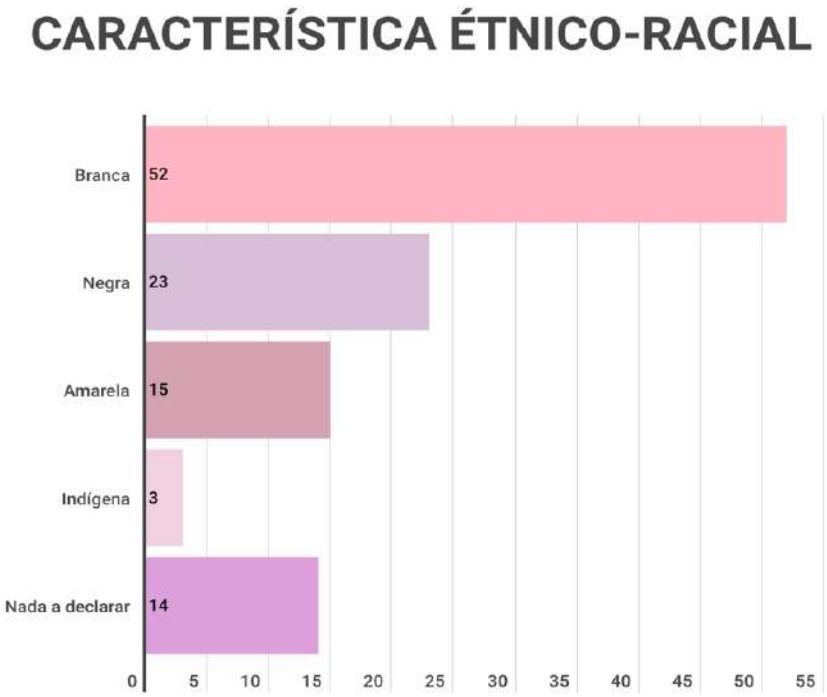


Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

b) Característica Étnico-Racial:

A maior parte das participantes se declararam brancas (49%), e a segunda maior parcela foram as mulheres negras (21%), havendo um menor número das outras minorias e participantes que não declararam (13%). Isso demonstra que há tanto um recorte de raça quanto um de classes.

Gráfico 2: Característica Étnico-Racial.



Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

c) Renda Familiar Mensal:

Houve a predominância de renda familiar mensal de 1 a 3 salários mínimos, havendo apenas uma pequena parcela com menos de 1 salário mínimo, possivelmente das participantes com menos de 18 anos. Relacionando com as características étnico-raciais, podemos perceber a maior presença de mulheres jovens brancas e classes média e alta.

Gráfico 3: Renda Familiar Mensal.

Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

d) Segurança por tipo de rua:

Foram colocadas duas propostas de rua. A opção 1 apresentava uma rua em que havia casas com varandas para a rua, mostrando fachadas ativas. A opção 2 apresentava uma via totalmente murada dos dois lados. 98% se sentem seguras ao andar pelas vias que coincidem com a opção 1.

Figura 46: Opção 1 – Via com fachada ativa.

Fonte: O globo, 2017.

Figura 47: Opção 2 – Via com muros altos.

Fonte: SkyscraperCity, 2018.

Gráfico 4: Segurança por tipologia de rua.

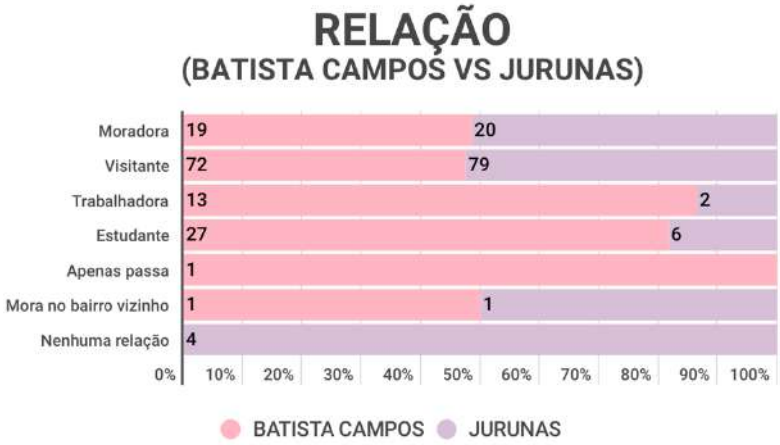
Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

e) Relação com o bairro – Batista Campos vs Jurunas:

Apesar de ter um caráter residencial e comercial, o número de respondentes prevaleceu nas visitantes (72 mulheres) e estudantes (27 mulheres). Isso demonstra que o bairro é procurado por sua área de lazer e pelas escolas que há na região.

O Jurunas já possui uma quantidade significativa de visitantes (79 mulheres) e algumas moradoras (20 pessoas), seguido por números baixíssimos das outras opções, incluindo mulheres que não possuem relação com o bairro. Isso demonstra que o bairro é um local mais transitório, com pouca permanência local.

Gráfico 5: Relação (Batista Campos vs Jurunas).

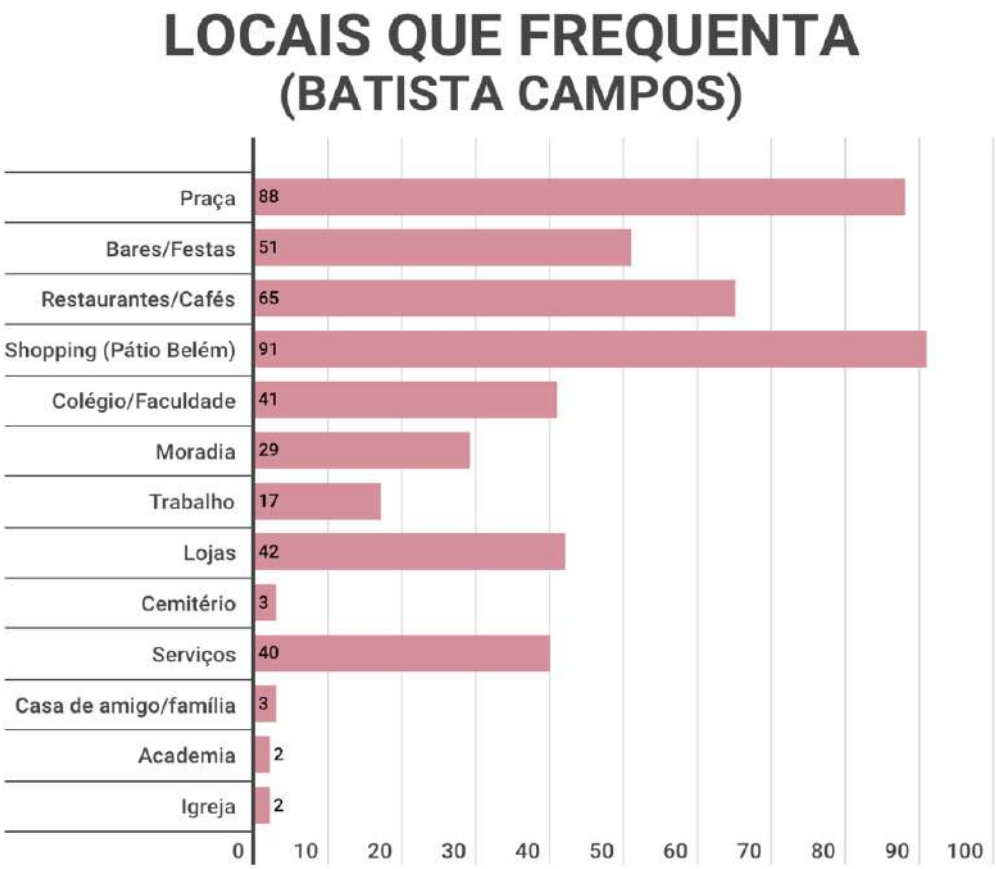


Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

f) Locais que frequenta:

São vários os locais que as participantes frequentam no bairro, principalmente o shopping, a praça, restaurantes/cafés e bares/festas. A busca por locais de lazer reforça a ideia de que o bairro é procurado principalmente como forma de diversão.

Gráfico 6: Locais que frequenta (Batista Campos)

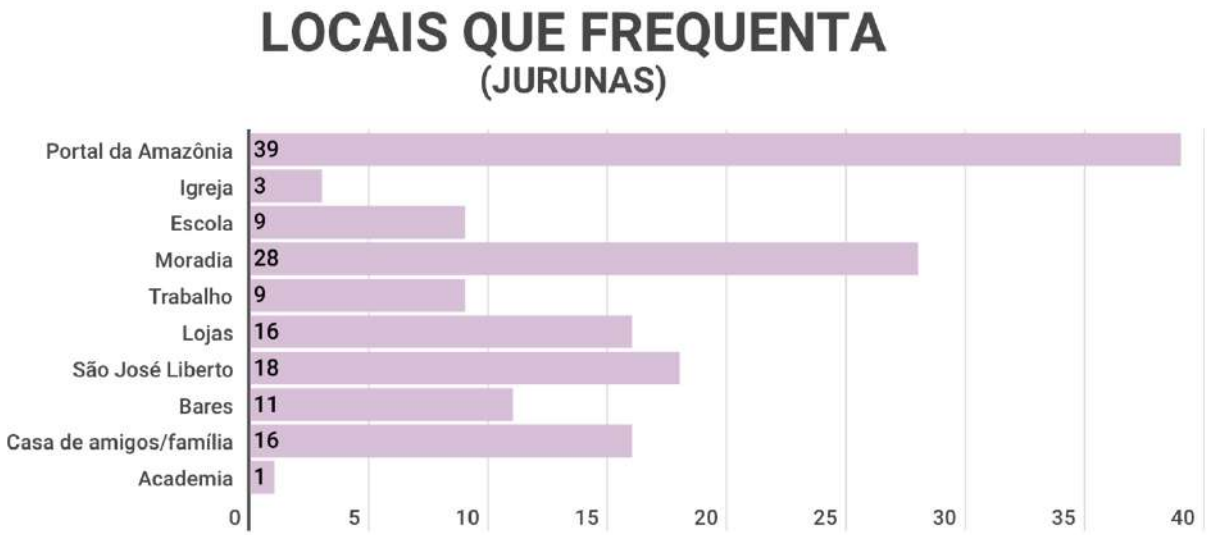


Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Quem frequenta o Jurunas procura mais pelo Portal da Amazônia, e algumas participantes frequentam o São José Liberto e bares. A outra maior parte mora no bairro e frequenta casa de parentes/amigos.

Nos relatos do questionário elas apontam que pouco vão ao bairro, e quando vão é para ir rápido ao local destino, evitando longa permanência, ou vão direto para a casa de amigos e familiares, evitando transitar pelo bairro, devido a sua fama de perigoso.

Gráfico 7: Locais que frequenta (Jurunas).



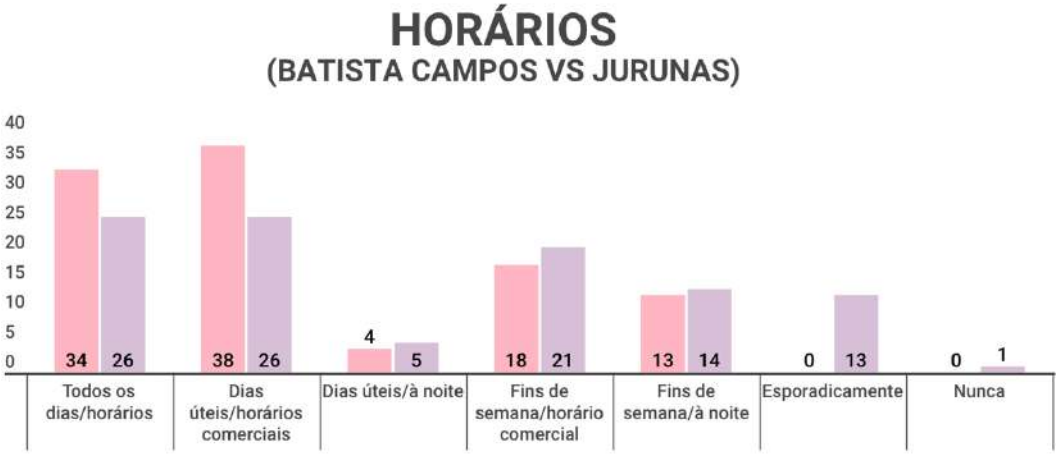
Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

g) Horários que frequenta:

Por sua predominância residencial, muitas áreas de lazer e escolas na região, em Batista Campos, os principais dias/horários que frequentam o bairro são todos os dias e horários e dias úteis no horário comercial. O baixo número de frequência no período da noite pode ser justificado pela baixa movimentação das ruas durante os dias da semana, o deslocamento para o bairro nos fins de semana durante o dia e noite, pelas suas atividades de lazer.

Assim como Batista Campos, Jurunas também apresenta predominância residencial e tem muitas escolas na região, os principais dias/horários que frequentam o bairro são todos os dias e horários, dias úteis e fins de semana no horário comercial. O baixo número de frequência no período da noite e até mesmo frequentar o bairro de forma esporádica pode ser justificado pela periculosidade que o bairro apresenta, como muitas respondentes relataram no questionário, evitando ao máximo frequentá-lo.

Gráfico 8: Horários que frequenta (Batista Campos vs Jurunas).

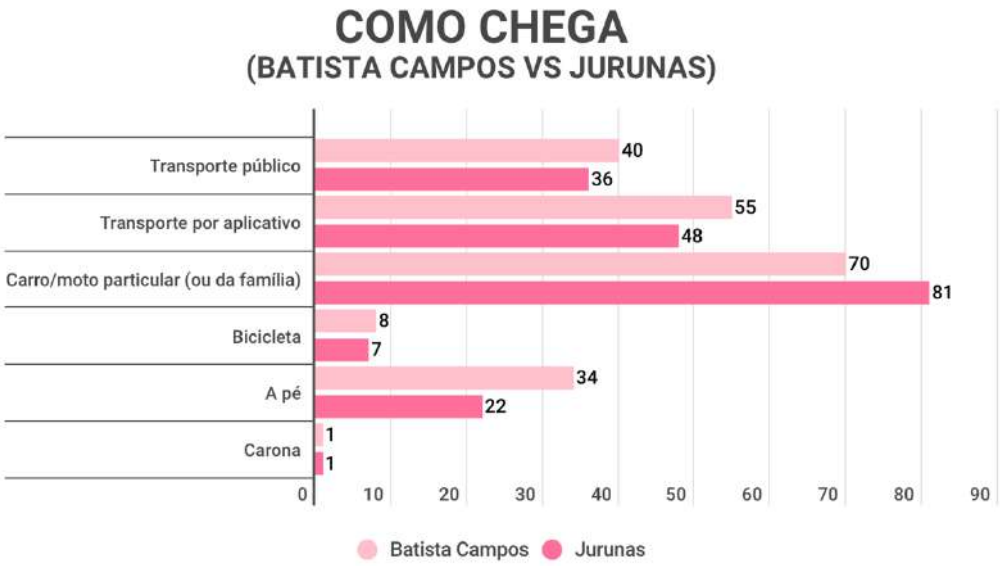


Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

h) Como chega:

Aqui é importante relacionar os dados de renda ao tratar-se da mobilidade feminina. Tanto em Batista Campos quanto no Jurunas, os modais mais utilizados são o transporte particular e transporte por aplicativo, deixando explícito que a sua presença no espaço público se dá apenas por este meio. O transporte público é a segunda opção para as respondentes, e tendo um baixo número nos modais não motorizados, no qual pode se notar que evitam andar pelas vias públicas por medo de assédios e assaltos.

Gráfico 9; Como chega (Batista Campos vs Jurunas).

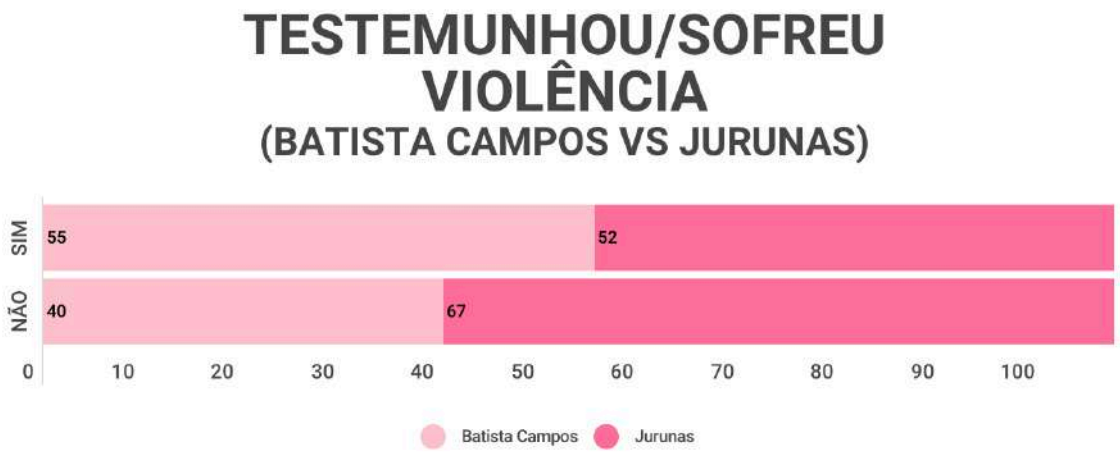


Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

i) Testemunhou/sofreu violência de gênero:

Nesse ponto as perguntas tornaram-se subjetivas, e as respostas requerem mais cuidado nas suas análises devido a várias contradições detectadas. Aos serem questionadas se já sofreram ou testemunharam alguma violência de gênero, muitas responderam que não, porém em suas justificativas demonstravam o contrário no relato de alguns casos, como falar que acha o local seguro e confortável, mas anda rápido, com roupas que não marcam o corpo para não chamar atenção.

Gráfico 10: Testemunhou/sofreu violência de gênero (Batista Campos e Jurunas)



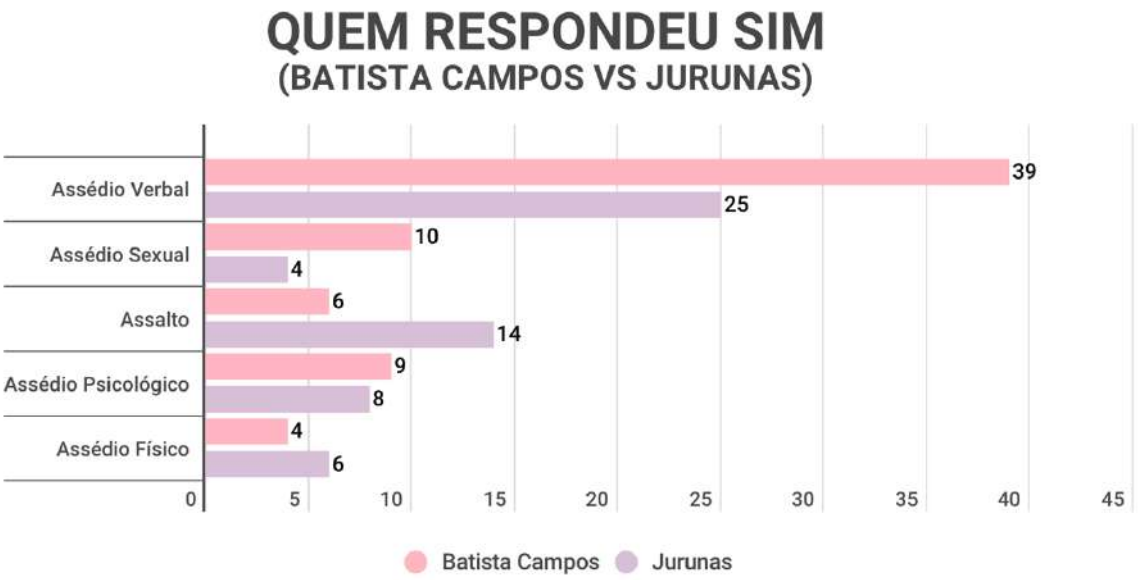
Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Algumas não devem ter compreendido o que seria violência de gênero e colocaram “assalto” como opção, o que foi acatado por alguns relatos de assaltos apontarem também assédios.

Para as que responderam “não” e apresentavam um discurso contraditório foi considerado a resposta inicial.

No bairro de Batista Campos, das que responderam “sim”, o qual foi a maior parte, algumas relataram o tipo de violência/assédio que sofreram, havendo a predominância do assédio verbal, muito comum nos espaços públicos, seguido por assédio sexual, como casos de estarem andando pela rua e um homem passou a mão em seu seio/bunda.

Gráfico 11: Quem respondeu sim (Batista Campos vs Jurunas).



Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

> *"Uma vez, de manhã, enquanto eu estava indo ao trabalho um rapaz sempre que uma vez eu conversei no banco que fica no bairro começou a me seguir e ficou fazendo isso durante duas semanas..." (RELATO DE UMA ENTREVISTADA 1, 2019)*

> *"Uma vez estava caminhando na calçada, na rua Mundurucus, um pouco depois da Sezerdelo Corrêa. Tinha um homem que parecia um morador de rua, conversando com o porteiro de um prédio. Quando passei próximo, ele fez uma manobra onde eu tive pouco espaço para passar, deixando a passagem livre entre ele e a parede, quando passei, encostou a mão no meu seio. Outra vez, perto na Padre Eutíquio com a Conselheiro, enquanto atravessava a rua um homem apertou a minha bunda. Estávamos caminhando em direções opostas e ele fez isso quando passou do meu lado." (RELATO DE UMA ENTREVISTADA, 2, 2019)*

No bairro do Jurunas a maior parte falou que não sofreu assédio, porém pelos seus relatos pessoais mostrou-se que foi por causa da baixa frequência que iam às ruas e o bairro em si, pois elas sentem um medo natural dele, como qualquer outra pessoa, por ser "perigoso e nada seguro".

Assim como em Batista Campos, as que responderam que sim relataram o tipo de violência/assédio que sofreram, tendo também o assédio verbal em maior número, seguido por assalto.

As respostas do questionário não coincidem com a realidade social conhecida pela população, onde um resultado esperado seria ao contrário, um maior índice de violência no Jurunas do que em Batista Campos. Porém, como foram

observados nos outros dados e nos relatos das participantes, a maior parte frequenta Batista Campos, em busca de lazer, enquanto procuram ir ao bairro do Jurunas, somente quando necessário.

> *"Estava passeando com o meu cachorro, (na rua Conselheiro entre Tamoios e Roberto Camilier, bairro de Batista Campos) e fez xixi na porta da casa de um Sr idoso, que reclamou pq o animal fez xixi na sua porta, é eu respondi que não podia controlar o xixi, pedi desculpas, porém o mesmo mandou eu segurar no pau dele, pra ver se eu conseguia controlar ... e respondi que ele só mandou eu segurar no pau dele pq sou mulher, pq se fosse homem ou estivesse acompanhada de um, ele não me trataria daquela forma ! Me senti extremamente HUMILHADA" (RELATO DE UMA ENTREVISTADA 3, 2019)*

j) Como se sentem:

Esta foi outra pergunta que se tornou complexa, pois eram repostas e relatos que não coincidiam. Segundo minha interpretação sobre as respostas, em Batista Campos 22% se sentem seguras, 29% se sentem seguras, mas com ressalvas, 48% se sentem inseguras e 1% não opinou.

Figura 48: Como se sente (Batista Campos).

Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Figura 49: Como se sente (Jurunas).

Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

Quanto às interpretações das respostas sobre como se sentem no Jurunas, 1% se sente segura, 8% sentem-se seguras, mas com ressalvas, 76% se sentem inseguras e 15% não opinou. Estas últimas em seus relatos ou deixavam a resposta em branco, ou escreviam algum caractere sem sentido ou falavam que não frequentavam o bairro.

"Sinto-me extremamente desconfortável e insegura ao andar sozinha ou com outra mulher, sofro constantemente assédio e já fui até perseguida. Procuro caminhos sempre movimentados, de preferência passando por alguma praça, onde me sinto mais confortável e tem uma bioclimatologia mais agradável. A infraestrutura poderia ser melhor, há perímetros do bairro onde tenho que andar no meio da rua, correndo o risco de ser atropelada por quê a calçada é tão pequena que não cabe uma pessoa, há partes toda quebrada, fora p perímetros onde a iluminação pública não funciona, ainda há o detalhe dela ser projetada para os transportes e não para os transeuntes." (RELATO DE UMA ENTREVISTADA 4, 2019)

"Não vivi em primeira mão nenhuma violência, porém a fama do bairro definitivamente assusta e desencoraja qualquer mulher a transitar só." (RELATO DE UMA ENTREVISTADA 5, 2019).

Estes dados já coincidem com a realidade social da população, mostrando que no bairro mais periférico as mulheres se sentem com medo e inseguras, enquanto no mais central e elitizado o nível de insegurança é menor.

k) Pontos positivos e pontos críticos:

Nas suas narrativas, as participantes falaram sobre os pontos positivos e pontos críticos do bairro, tanto razões sociais quanto razões de infraestrutura urbana, sobre se sentirem inseguras e vulneráveis nas ruas dos bairros durantes percursos que precisam fazer. Tais pontos foram categorizados por bairro, onde houve pontos somente em Batista Campos, somente no Jurunas e em ambos bairros.

Em seus relatos, os principais pontos positivos tratados pelas respondentes em Batista Campos foram: segurança próximo à praça, paisagem, espaço de lazer, boa infraestrutura, concentração de serviços e localização, entre outros. No Jurunas os pontos positivos já foram somente 3: bairro residencial, uso misto, variabilidade de comércios e serviços. Envolvendo ambos os bairros, não foi possível encontrar pontos positivos nos relatos

"Determinadas partes, as mais elitizadas, são mais seguras. [...]. Os assédios persistem mesmo com menos frequência. A paisagem do bairro é naturalmente mais planejada e bonitos, diferente de periferias, existe maior infraestrutura e acesso diferenciado a espaços do bairro." (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 6, 2019).

Em relação aos pontos críticos dos bairros, esses foram apontados em maior número. Em Batista Campos os principais foram: locais abandonados, pouca fachada ativa e elitização, entre outros. No Jurunas os principais foram: vias esburacadas, arborização, falta de mobiliário urbano e deslocamento. Já em ambos foram diversos apontamentos, porém os mais citados foram: falta de segurança, falta de policiamento, falta de guarda feminina, falta de iluminação, péssima qualidade das calçadas, falta de movimento, falta de educação e respeito, entre muitos outros.

Figura 50: Pontos positivos dos bairros.

Fonte: Elaboração: Mayoí Fontes, 2019.

8.2. Entrevistas:

Foram feitas também entrevistas pessoais. Sua finalidade era reconhecer de perto o sentimento dessas mulheres nos bairros. Foram feitas perguntas de caráter exploratório individual e

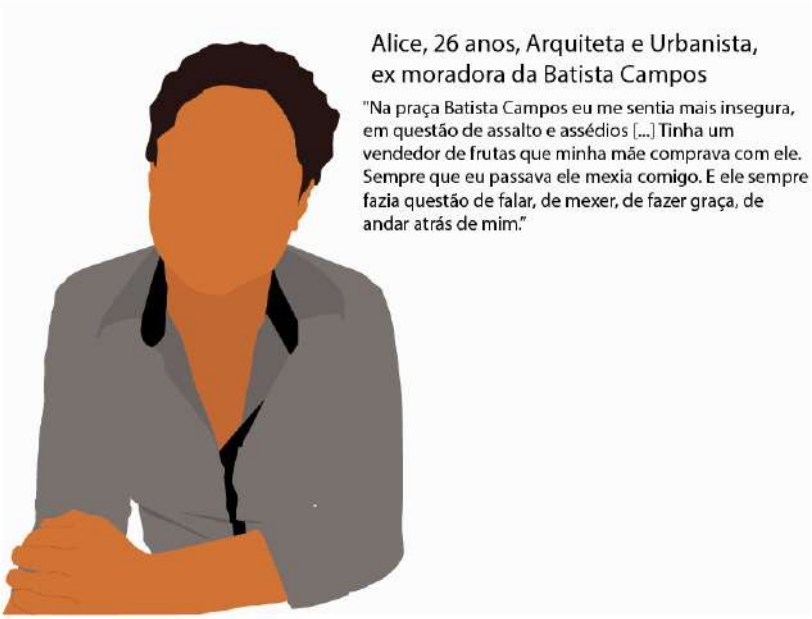
cunho pessoal, como rotas que costumam fazer, que locais frequentam, como se sentem nos bairros, o que fazem para evitar chamar atenção e onde sentem medo.

As entrevistadas foram: Maria do Socorro, Alice, Rafaela, Maíra, Viviane, Carolina, Kimberly, Nina, Roberta e Julyanne.

Figura 51: Entrevistada – Maria do Socorro.

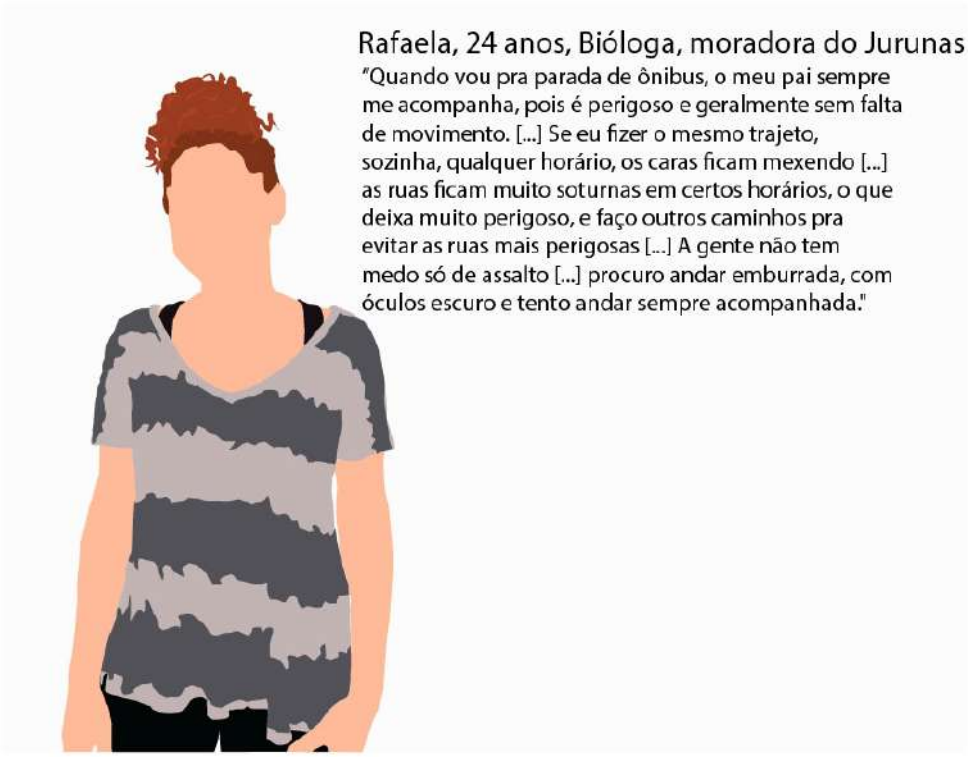
Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 52: Entrevistada – Alice.



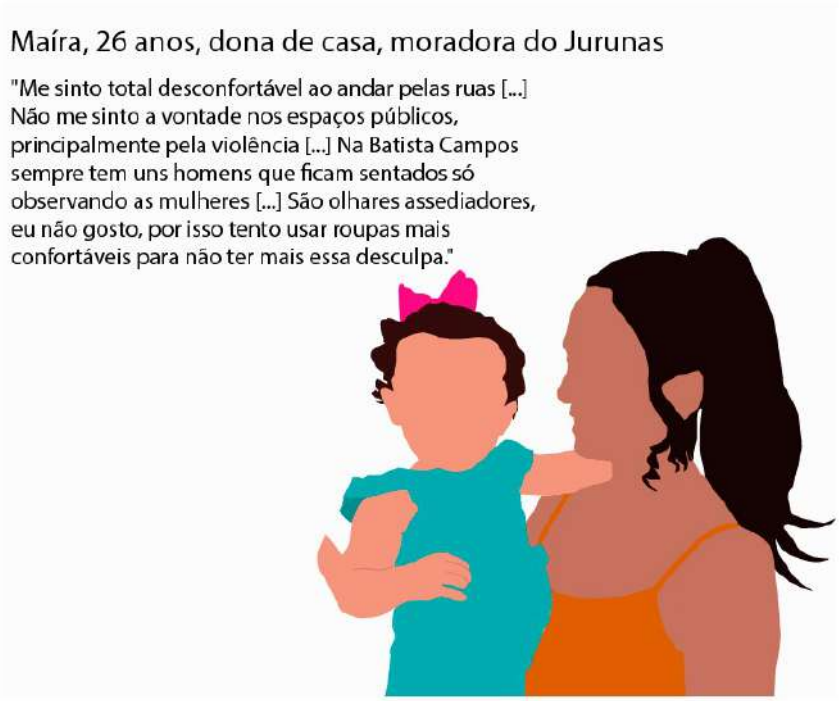
Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 53: Entrevistada – Rafaela.



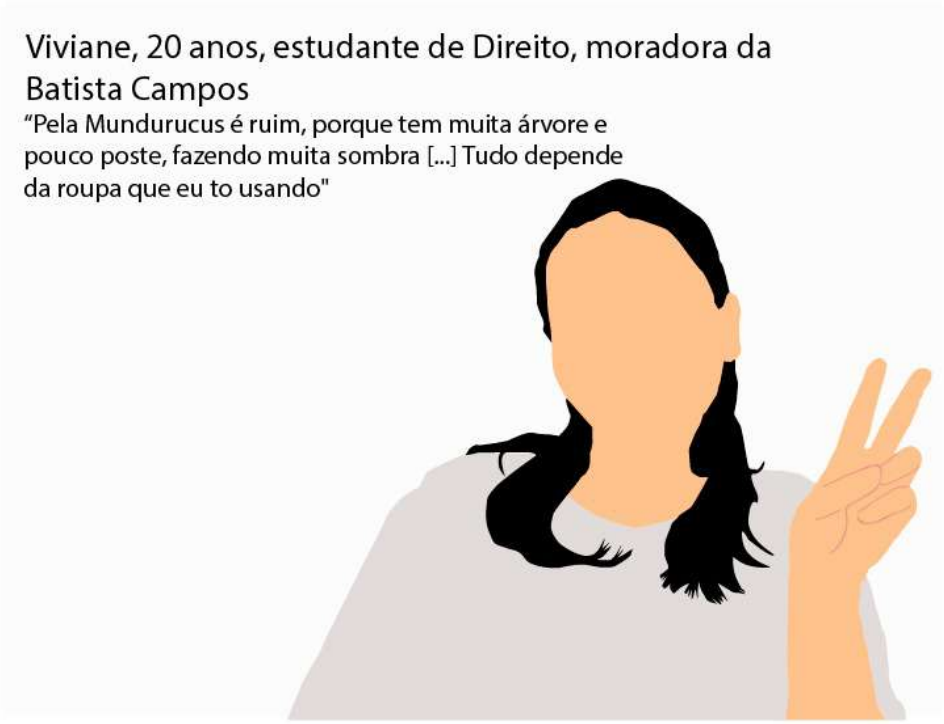
Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 54: Entrevistada – Maíra.



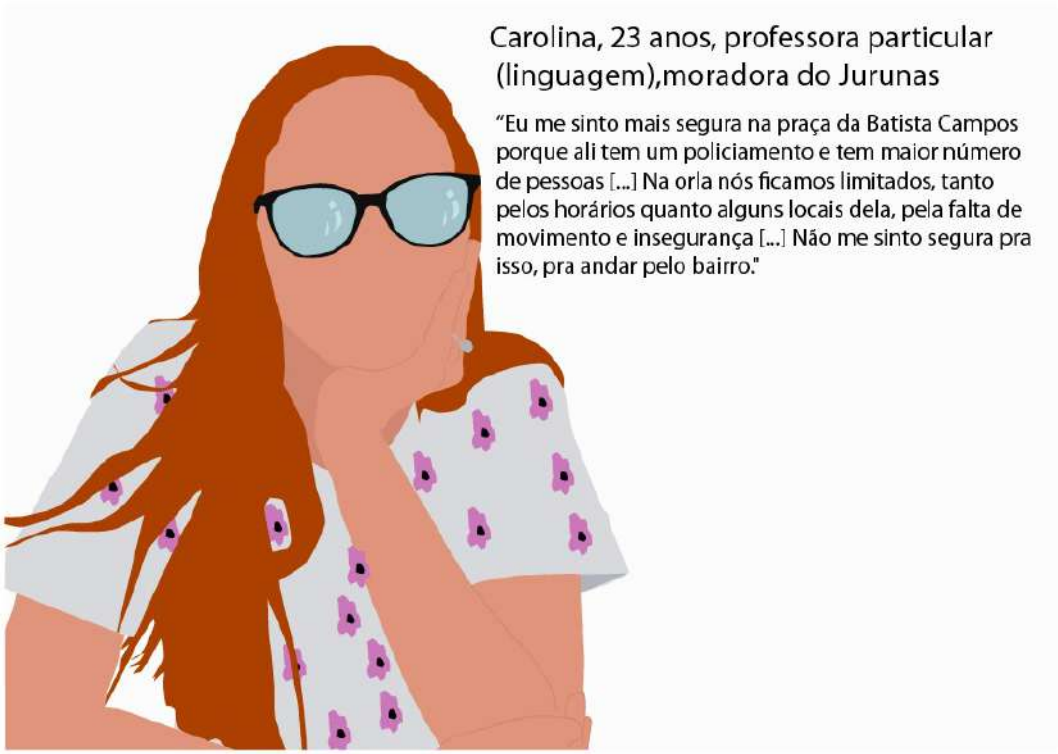
Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 55: Entrevistada – Viviane.



Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 56: Entrevistada – Carolina.



Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 57: Entrevistada – Kimberly.

Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 58: Entrevistada – Nina.

Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Figura 59: Entrevistadas – Roberta e Julyanne.

Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Kleber Amaral (2019).

Essas mulheres apontaram como ocorre o assédio e insegurança nos bairros, se sentem inseguras e "estratégias de sobrevivência femininas", como usar roupas folgadas, andar de cara feia, entre outros. Também reafirmam o machismo existente na rua, em que precisam de uma companhia masculina para que os outros homens as respeitem e possam andar sem serem perturbadas.

8.3. Mapa de locais críticos:

Através dos relatos dos questionários online e das entrevistas pessoais, foi elaborado um mapa onde as transeuntes apontarem locais que tinham medo ou que sofreram algum tipo de violência/assédio.

Estes locais eram tanto vias que consideravam perigosas quanto locais pontuais em que ocorreu alguma coisa.

Figura 60: Mapa de locais críticos.

Fonte: Mayoí Fontes; Elaboração: Jonny Jordan (2019).

Ao analisar os mapas, a maior concentração de locais críticos está em Batista Campos, enquanto no Jurunas apresenta apenas dois pontos e algumas vias, concluindo que o local mais inseguro seria Batista Campos. Porém, segundo os relatos dados nos questionários, a maior parte das mulheres não anda ou frequenta o bairro, devido a condição social que o mesmo apresenta como perigoso. Eis alguns relatos:

> *"Não presenciei nada do tipo, considerando transito pouco pelo bairro em si, passando todo meu tempo dentro da residência de amigos e parentes" (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 7, 2019).*

> *"Nunca testemunhei/ sofri nenhum tipo de violência de gênero no Jurunas, pois não costumo ir lá." (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 8, 2019).*

> *“Nunca presenciei por não frequentar muito, mas já ouvi relatos de assédio advindo de mototaxistas, vendedores, etc.” (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 9, 2019).*
>
> *“Não, pois não frequento muito o local, e 90% das vezes que vou, são de transporte particular” (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 10, 2019).*
>
> *“Não passo andando por lá, mas tenho medo que assaltem o meu ônibus quando estou voltando para casa” (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 12, 2019).*
>
> *“Nada a declarar pois não lembro de andar pelas ruas do Jurunas a pé.” (RELATO DE UMA PARTICIPANTE 13, 2019).*

Pode concluir-se que os resultados do Jurunas não condizem com a realidade percebida pelas pessoas, já que a maior parte das participantes não eram frequentadoras do local.

A infraestrutura urbana dos bairros é desigual, como já falado anteriormente. Os aspectos sociais também são de suma importância ao respeito com as mulheres, porém barreiras físicas contribuem para que estas se sintam inseguras nas ruas.

Observando as vias, elas foram classificadas conforme o seu fluxo, largura e tipologia, para pedestres ou veículos motorizados. Assim como as ruas paraenses e brasileiras são nomeadas por homens que fizeram parte das suas histórias, a classificação das ruas receberam nome de mulheres que fizeram parte da história brasileira. Foram elas: ruas Tarsila do Amaral, ruas Bertha Lutz, ruas Maria Quitéria e ruas Paraguaçu.

Figura 61: Classificação viária (Batista Campos e Jurunas).

Fonte: Mayoí Fontes (2019); Elaboração Jonny Jordan (2019).

9.1. Ruas Tarsila do Amaral:

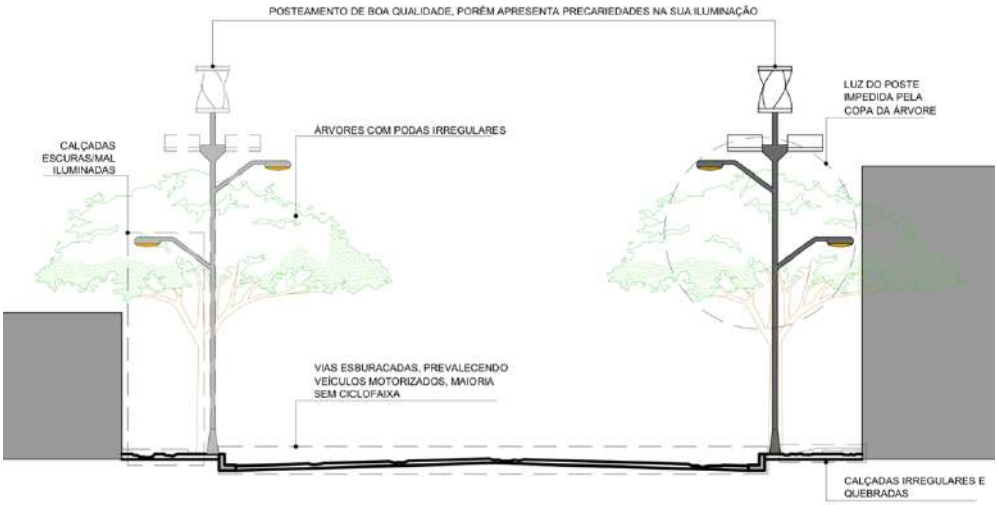
As ruas Tarsila do Amaral apresentavam duas tipologias: vias de mão única e vias de mão dupla, algumas com e se canteiro central. A média da largura dessas vias são de 20,20 metros, para as ruas sem canteiro central, e 19 metros, para as ruas com canteiro central.

Os principais problemas encontrados foram: árvores com podas irregulares, onde muitas vezes essas impedem a iluminação das vias e das calçadas, sendo escuras ou mal iluminadas, calçadas irregulares e quebradas, vias esburacadas, prevalecendo veículos motorizados e a maior parte sem ciclofaixa, postes bilaterais alternados presentes, porém alguns sem manutenção e luzes queimadas, e apresentarem estacionamento nos dois lados das vias.

Figura 62: Rua dos mundurucus, exemplo de rua Tarsila do Amaral.

Fonte: Google Street View, 2019.

Figura 63: Diagnóstico das ruas.



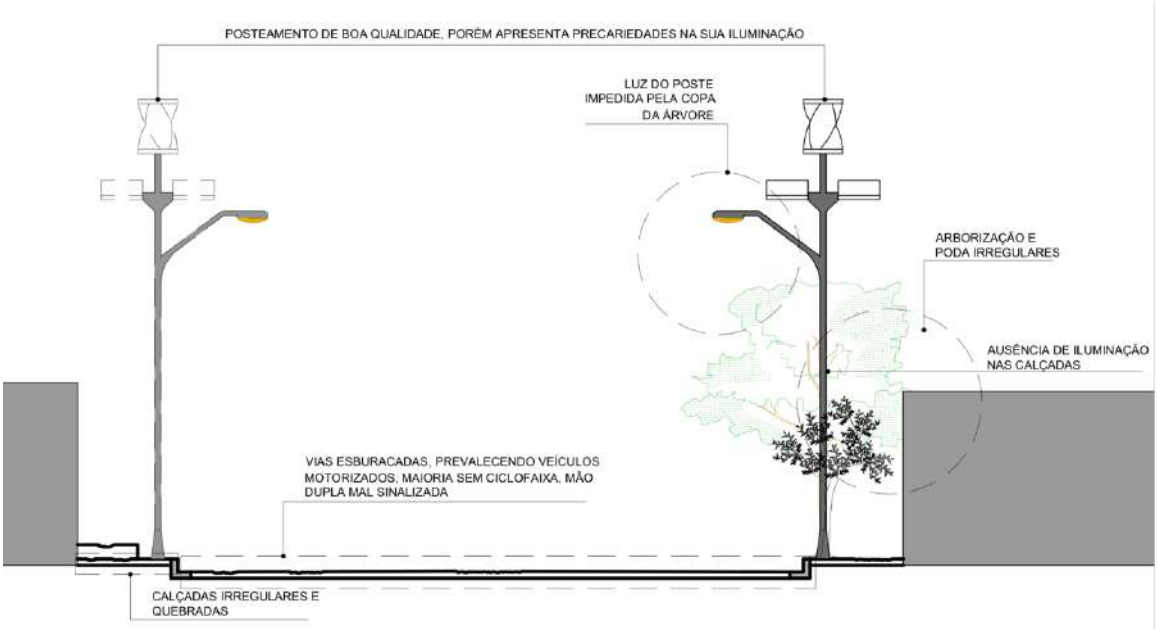
Fonte: Mayoí Fontes, 2019.

As ruas que apresentam o canteiro central possuem, em média, 19 metros de largura. Foram feitos os seguintes apontamentos: arborização e poda irregulares, alguns trechos somente em um lado da via ou sem arborização, luz dos postes sendo impedidas pelas copas das árvores, ausência de iluminação de calçada, tornando-se escuras e inseguras, calçadas irregulares e quebradas, vias esburacadas, prevalecendo veículos motorizados, maior parte sem ciclofaixa, mão dupla e mal sinalizadas, algumas com canteiro central e outras sem, postes bilaterais alternados presentes, porém alguns sem manutenção e luzes queimadas, e apresentarem estacionamento nos dois lados da via.

Figura 64: Rua Fernando Guilhon, exemplo de rua Tarsila do Amaral.

Fonte: Google Street View, 2019.

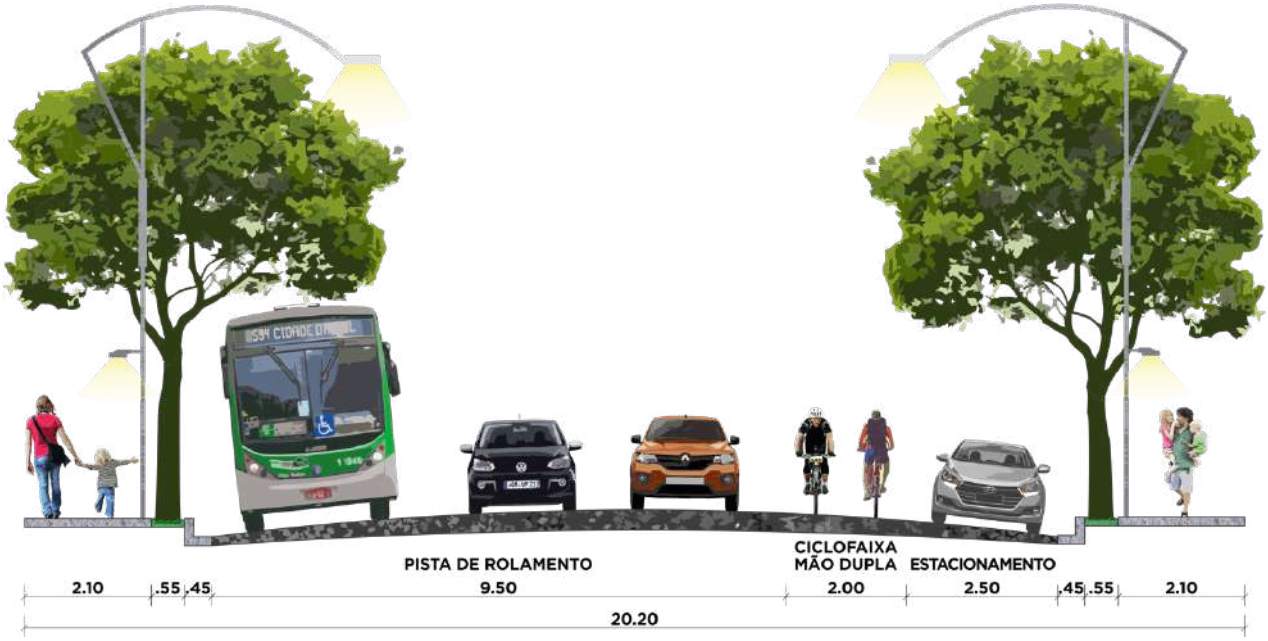
Figura 65: Diagnóstico das ruas.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019.

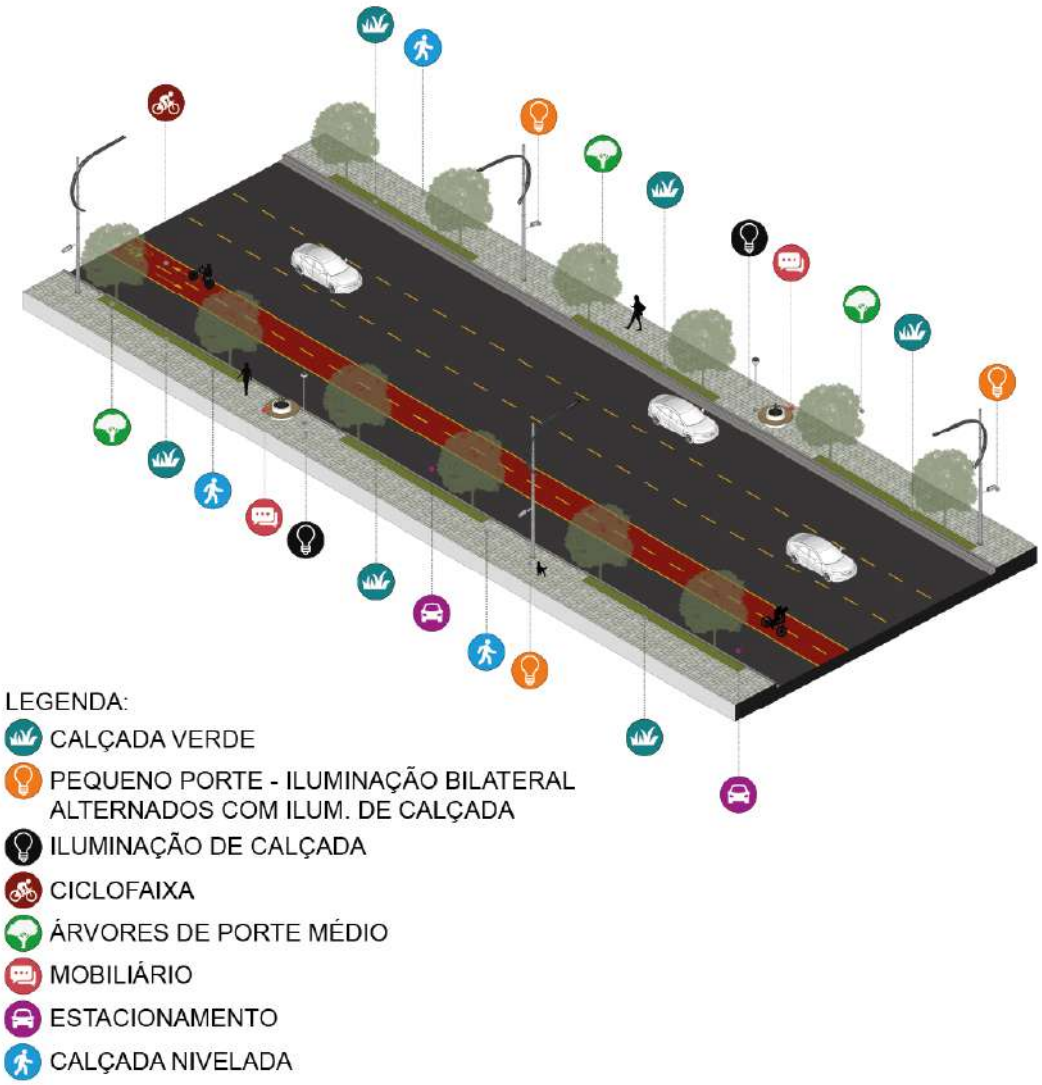
A requalificação das vias que não possuem canteiro central será realizado através da nivelação das calçadas, com 2,60 metros de largura, conserto dos buracos, aplicação de calçadas verdes, a fim de melhorar o escoamento de água e dar permeabilidade às vias, tendo 0,55 metros de largura, implantação de árvores apropriadas a estas vias e calçadas, de porte médio, como Nim, Oiti e Acácia de Sião, por exemplo, recomendando podas de levantamento, para melhorar a visibilidade da rua, e podas de manutenção, para evitar que cubram a luz dos postes e cruzem com a fiação elétrica, vias com três faixas de rolamento, de 9,50 metros, ciclofaixas de mão dupla, com 2 metros, e estacionamento em um só lado das vias, de 2,50 metros. Os postes continuam sendo bilaterais alternados com iluminação às calçadas, porém com melhoria na sua qualidade e manutenção.

Figura 66: Novo perfil viário – ruas Tarsila do Amaral sem canteiro central.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019, Elaboração: Samuel Franco, 2019.

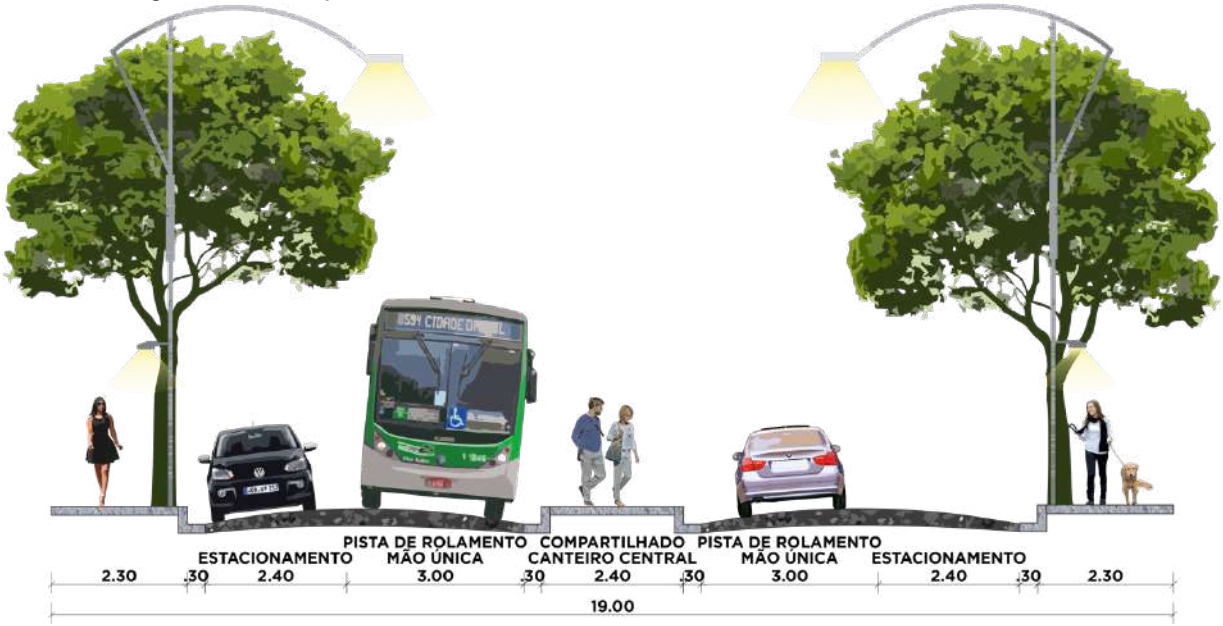
Figura 67: Perfil viário em perspectiva das ruas Tarsila do Amaral sem canteiro central.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019; Elaboração Jonny Jordan.

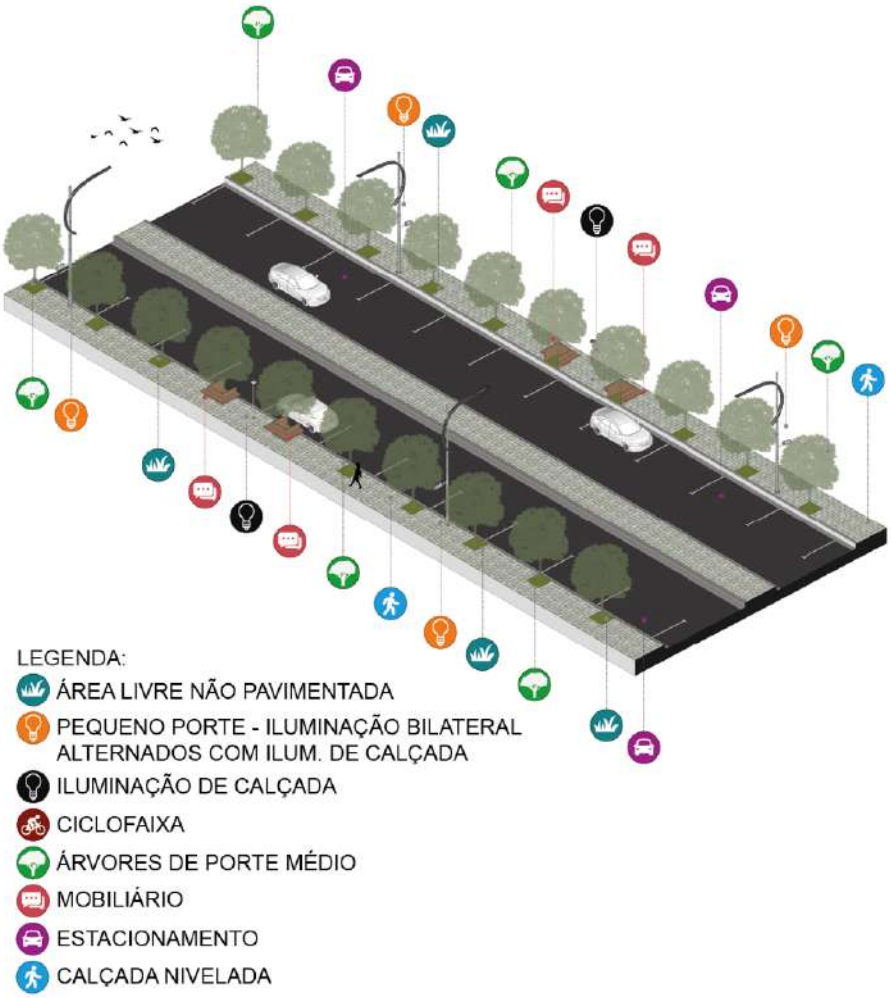
Para as vias que possuem canteiro central serão feitas as seguintes requalificações: nivelamento das calçadas, com 2,30 de largura, e o conserto dos buracos, implantação de árvores apropriadas a estas vias e calçadas, de porte pequeno, como Aroeira e Pata de vaca, por exemplo, recomendando podas de levantamento, para melhorar a visibilidade da rua, vias com uma faixa de rolamento cada, de 3,00 metros, implantação de canteiro central compartilhado (pedestres e ciclistas), com 2,40 metros, e uma faixa estacionamento em cada lado vias, de 2,40 metros. Os postes continuam sendo bilaterais alternados com iluminação para as calçadas, porém com melhoria na sua qualidade e manutenção.

Figura 68: Novo perfil viário – ruas Tarsila do Amaral com canteiro central.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019, Elaboração: Samuel Franco, 2019.

Figura 69: Perfil viário em perspectiva das ruas Tarsila do Amaral com canteiro central.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019; Elaboração Jonny Jordan.

São ruas caracterizadas como coletoras, tendo maior fluxo de veículos motorizados. Tem grande importância nos bairros, por apresentaram grande parte do comércio e serviço, além de trecho com predomínio habitacional, onde geralmente ocorre a diminuição do movimento das ruas.

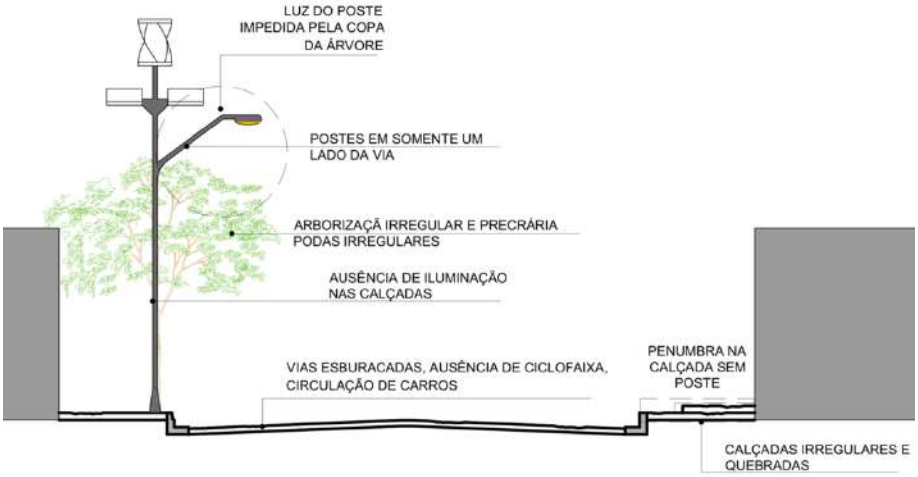
9.2. Ruas Bertha Lutz:

As ruas Bertha Lutz apresentam em média 14,50 metros de largura e são vias de mão única. Os principais problemas encontrados foram: arborização irregular e precária, árvores com podas irregulares, as quais muitas vezes essas impedem a iluminação das vias e das calçadas, sendo escuras ou mal iluminadas, calçadas irregulares e quebradas, vias esburacadas, prevalecendo veículos motorizados e ausentes de ciclofaixas, postes unilaterais presentes, porém alguns sem manutenção e luzes queimadas, ausência de iluminação de calçada, e a presença de estacionamento nos dois lados das vias.

Figura 70: Travessa Breves, exemplo de ruas Bertha Lutz.

Fonte: Google Street View, 2019.

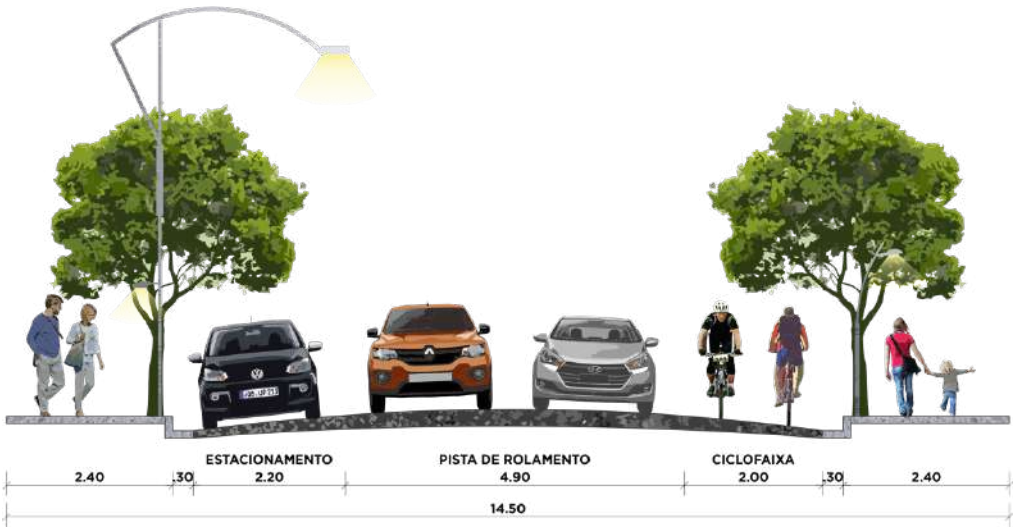
Figura 71: Diagnóstico das ruas.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019.

Para o seu processo de requalificação propõe-se a realização do nivelamento das calçadas, de 2,40 metros de largura, e conserto dos buracos, implantação de árvores apropriadas a estas vias e calçadas, de porte pequeno, como Aroeira e Pata de vaca, por exemplo, recomendando podas de levantamento, para melhorar a visibilidade da rua, vias com duas faixa de rolamento de mão única, de 4,90 metros, ciclofaixa de mão dupla, de 2,00 metros, e faixa de estacionamento em apenas um lado, de 2,20 metros. Os postes continuam sendo unilaterais, apresentando iluminação para as calçadas e melhoria na sua qualidade e manutenção.

Figura 72: Novo perfil viário – ruas Bertha Lutz.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019, Elaboração: Samuel Franco, 2019.

Figura 73: Perfil viário em perspectiva das ruas Bertha Lutz.

Fonte: Mayoí Fontes (2019); Elaboração Jonny Jordan (2019).

São ruas locais, tendo fluxo moderado de veículos motorizados. Apresentam maior quantidade de residências, onde geralmente ocorre a diminuição do movimento das ruas.

9.3. Ruas Maria Quitéria:

Sendo ruas mais estreitas, apresentando em média 7,50 metros de largura, as ruas Maria Quitéria estão mais presentes no bairro do Jurunas. Por serem vias estreitas, há o conflito entre carros e pedestres, por este último circular pelo meio das ruas.

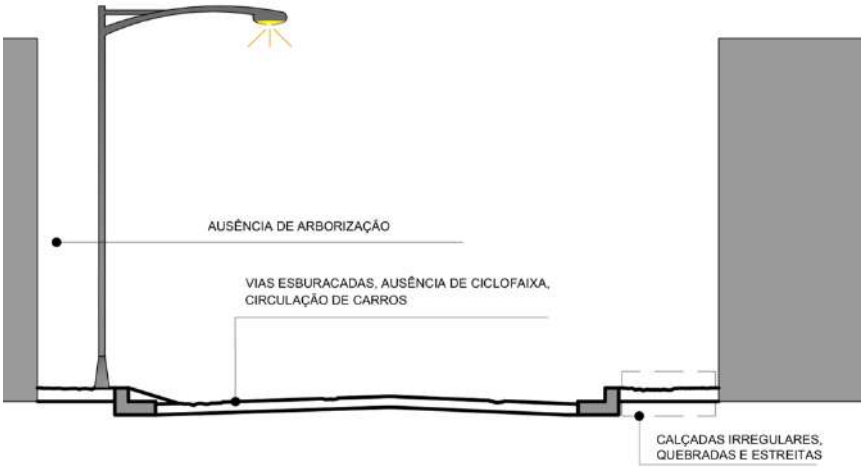
Os principais problemas encontrados foram: ausência de árvores, calçadas irregulares,

quebradas e estreitas, vias esburacadas, prevalecendo veículos motorizados e ausentes de ciclofaixas, postes unilaterais presentes, porém sem manutenção e luzes queimadas, ausência de iluminação de calçada, e a presença de estacionamento nos dois lados das vias e sobre as calçadas.

Figura 74: Passagem Limoeiro, exemplo de ruas Maria Quitéria.

Fonte: Google Street View, 2019.

Figura 75: Diagnóstico das ruas.

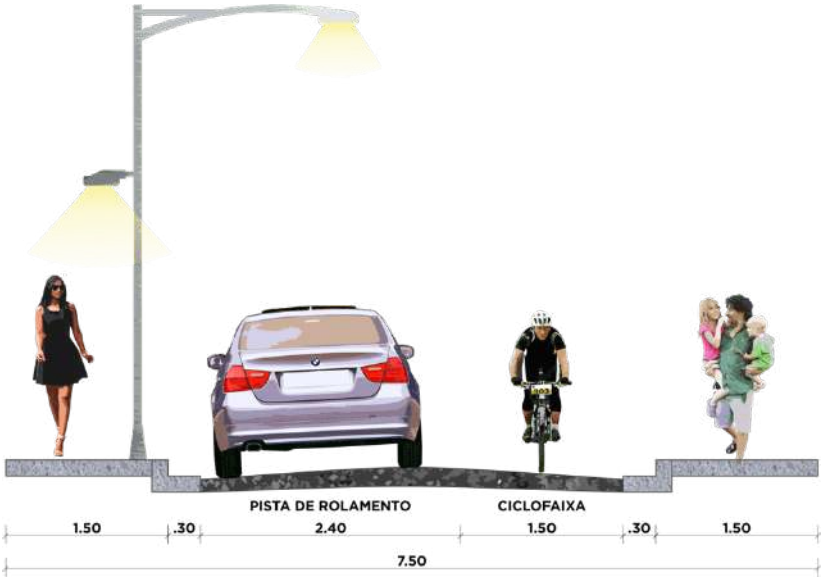


Fonte: Mayoí Fontes, 2019.

Na sua proposta de requalificação apresenta os seguintes atos: nivelamento das calçadas, de 1,50 metros de largura, e conserto dos buracos, assim tendo local de circulação apropriado aos pedestres, pista de rolamento de mão única, com 2,40 metros, e feita com concregrama ou bloquetes, a fim de melhorar a sua

permeabilidade, e ciclofaixa de mão única, de 1,50 metros. Os postes continuam sendo unilaterais, apresentando iluminação para as calçadas e melhoria na sua qualidade e manutenção.

Figura 76: Novo perfil viário – ruas Maria Quitéria.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019, Elaboração: Samuel Franco, 2019.

Figura 77: Perfil viário em perspectiva das ruas Maria Quitéria.

Fonte: Mayoí Fontes (2019); Elaboração Jonny Jordan (2019).

São ruas locais e estreitas, tendo fluxo baixo a moderado de veículos motorizados. Apresentam maior quantidade de residências, onde geralmente ocorre a diminuição do movimento das ruas. Há um número significativo de transeuntes nas vias.

9.4. Ruas Paraguaçu:

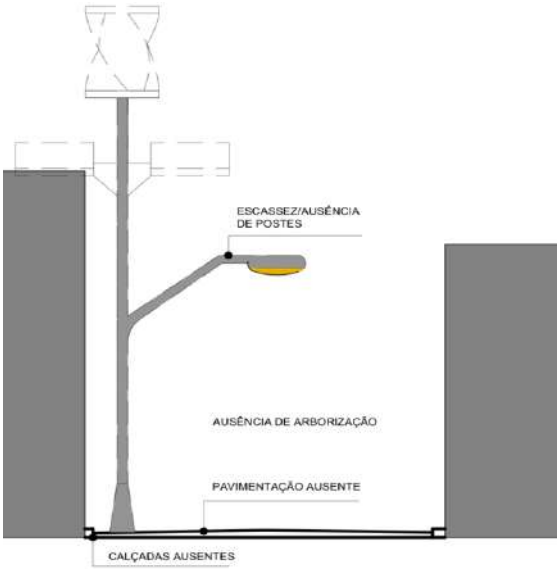
São ruas estreitas, possuindo em média 4,40 metros de largura, havendo apenas a circulação de pedestres. Apresentam-se em menor número, concentradas no bairro do Jurunas.

Os principais problemas encontrados foram: ausência de árvores e calçadas, ausência de pavimentação, quando presentes postes unilaterais, porém sem manutenção e luzes queimadas.

Figura 78: Passagem Cacau, exemplo de ruas Paraguaçu.

Fonte: Google Street View, 2019.

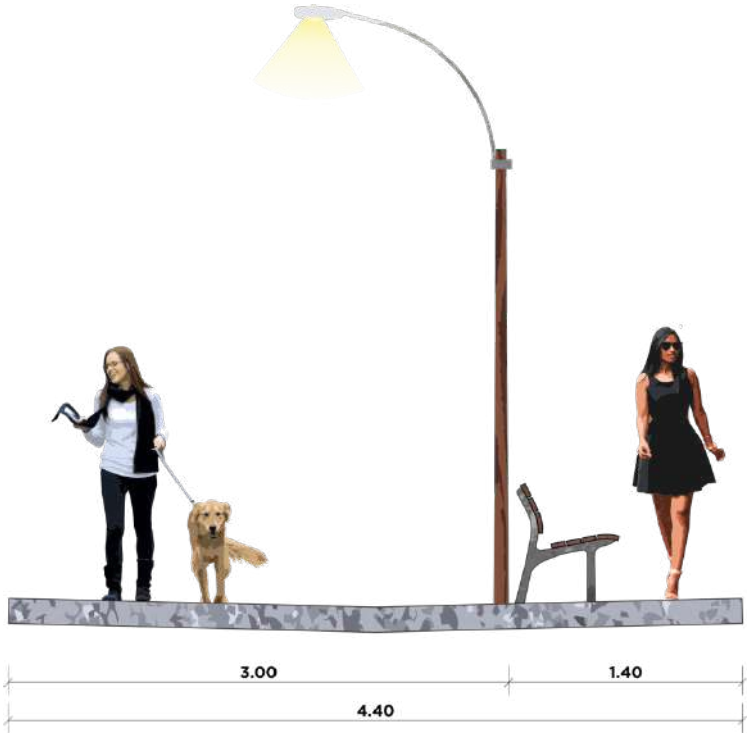
Figura 79: Diagnóstico das ruas.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019.

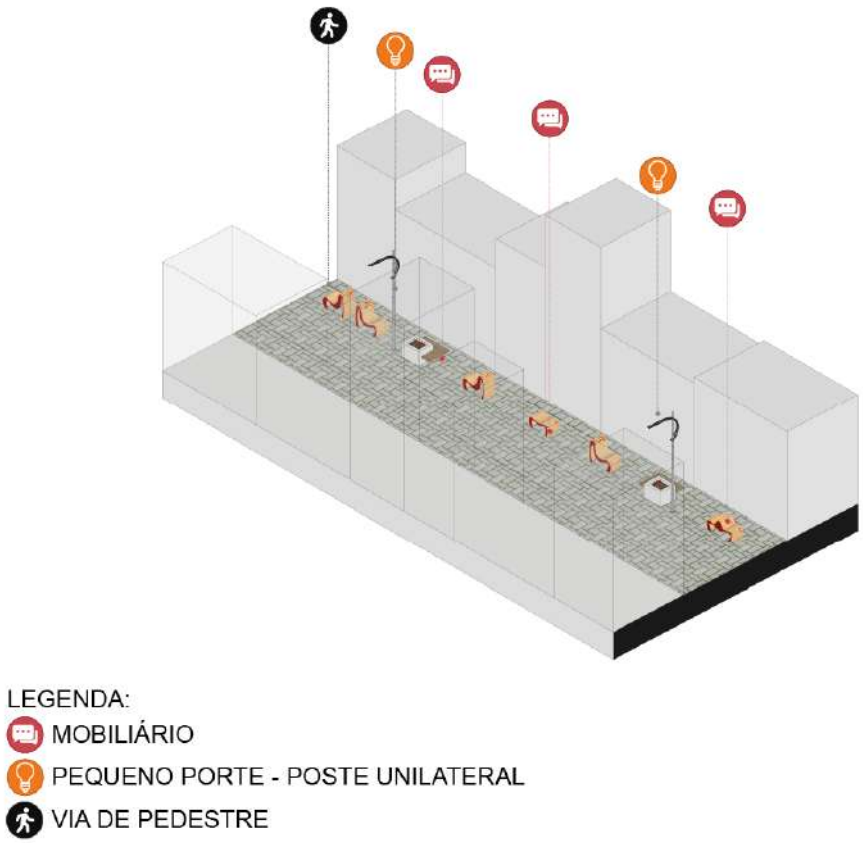
Sua proposta de requalificação tem como prioridades as pessoas. As ruas são uma extensão das residências e possui circulação restrita. Serão aplicados bloquetes ou concregramas, aumentando o índice de permeabilidade e contribuindo para o microclima da rua.

Figura 80: Novo perfil viário – ruas Paraguaçu.



Fonte: Mayoí Fontes, 2019, Elaboração: Samuel Franco, 2019.

Figura 81: Perfil viário em perspectiva das ruas Paraguaçu.



Fonte: Mayoí Fontes (2019); Elaboração Jonny Jordan (2019).

São ruas locais e estreitas, tendo fluxo baixo a moderado de veículos motorizados. Apresentam maior quantidade de residências, onde geralmente ocorre a diminuição do movimento das ruas. Há um número significativo de transeuntes nas vias.

9.5. Locais de convivência:

Nos dois bairros há áreas que estão abandonadas ou em condições ruins. Esses locais não eram convidativos, tornando-se inóspitos e inseguros, fazendo com que essas localidades tivessem pouco movimento e sendo evitada o máximo possível.

Figura 82: Exemplo de local abandonado em Batista Campos.

Fonte: Google Street View, 2019.

Figura 83: Exemplo de local abandonado no Jurunas.

Fonte: Google Street View, 2019.

Como revelado nas pesquisas, o bairro apresentava esses locais abandonados e apontaram falta de locais de convívio. Essas áreas serão requalificadas para locais de permanência e encontros.

A requalificação destas áreas será feita através de implantação de mobiliários urbanos, tanto para adultos quanto para crianças, postes, restauração das calçadas, pavimentação dos locais e objetos atrativos e que gere beleza ao local, como grafites em muros pichados pichação e cores.

Figura 84: Requalificação de área abandonada.

Fonte: Samuel Franco, 2019.

Figura 85: Requalificação de área abandonada.

Fonte: Samuel Franco, 2019.

A revitalização das áreas abandonadas busca gerar qualidade de vida para as pessoas do bairro, aumentar o movimento pelas ruas, gerar segurança e aumentar qualidade de vida local.

9.6. CONCLUSÃO SOBRE A INTERVENÇÃO

Através da revitalização e qualificação das áreas consideradas, busca melhorar a caminhabilidade dos pedestres, melhorar a iluminação dos seus caminhos e aumentar a movimentação e circulação de pedestres, trazendo mais vida e segurança nas vias públicas.

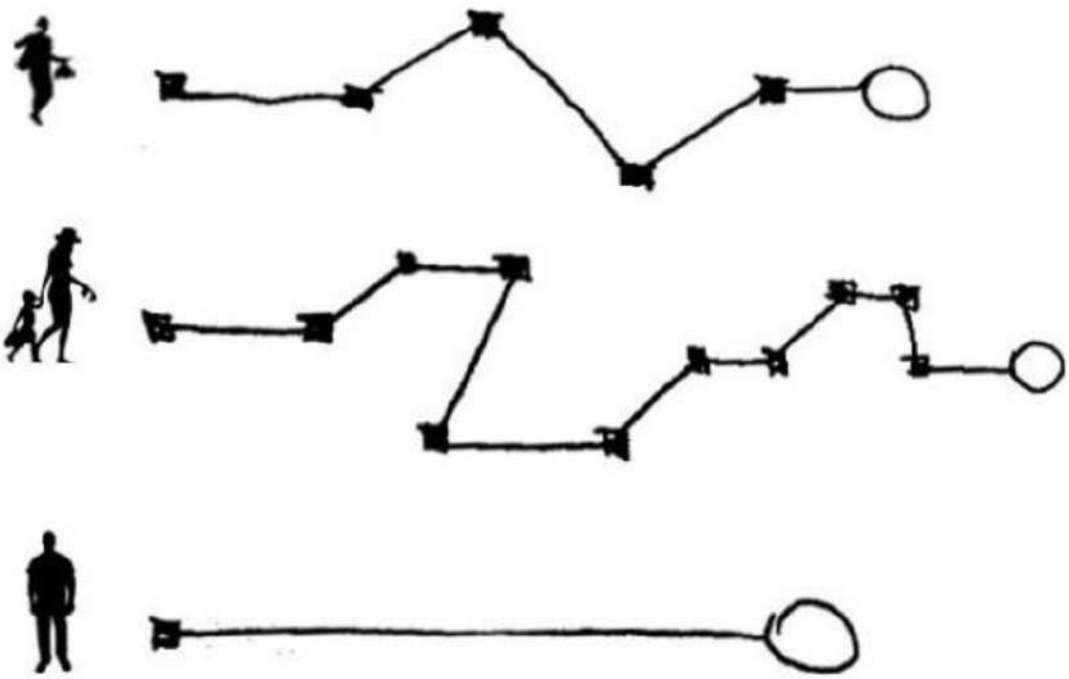
Essas intervenções não somente serão benéficas ao público feminino, pois ao melhorar a qualidade de vida a um púbico alvo, melhora para todos. Minorias como população LGBTQ+ e as pessoas com dificuldade de locomoção, por exemplo, serão beneficiadas com tais mudanças, pois os caminhos serão mais planos e maior dinâmica de pedestres nas ruas.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O crescimento das cidades ocorreu a partir de visão machista, pois os homens eram os frequentadores assíduos dos locais públicos, enquanto as mulheres ficavam restritas às atividades domésticas, tento pouco contato com as ruas. Os paradigmas da cidade ser pertencentes ao público masculino mudou ao longo do tempo, visto que as mulheres se inseriram no mercado de trabalho, passando a ter outras ocupações, além da vida doméstica, o ocupar o espaço público.

Tornando-se novas agentes de construção do espaço público, este precisava adequar-se também as sus necessidades, visto que as mulheres ainda são ligadas ao papel construído pela sociedade patriarcal, sendo agora esposas, mães, donas de casa e trabalhadoras. Devido a esta construção, elas são as que mais circulam pela cidade, tanto a pé quanto por transporte público, fazendo vários caminhos ao longo do dia.

Figura 86: Percursos diferenciados entre homens e mulheres.



Fonte: Julia Lyra, 2018.

Por apresentar diversas necessidades ao longo dos dias e semana, os espaços públicos precisam ser locais seguros e atrativos para a circulação das pessoas, os quais maior parte são perigosos. Através do planejamento de gênero, em que o espaço é pensado tanto para as necessidades das mulheres quanto para homens, é possível tornar a vida das pessoas mais destes mais fáceis, transformando e dando condições de igualdade no planejamento urbano.

A análise feita nos bairros de Batista e Jurunas mostra que as mulheres frequentam mais o primeiro do que o segundo devido a sua infraestrutura, por estar em um bairro elitizado e associado a segurança. Os resultados não correspondem aos relatos e histórico social, pois o Jurunas é conhecido por ser um bairro de alta periculosidade e baixa infraestrutura, porém foi mostrado que Batista Campos teria mais pontos de insegurança do que o Jurunas. Isso se dá ao fato de as pessoas evitarem frequentar o local por exatamente ter este histórico.

As intervenções urbanas nos locais apontados procuram trazer igualdade aos bairros, aumentar sua segurança, iluminação, caminhabilidade e qualidade de vida. As ruas precisam ser atrativas para que as pessoas as frequente mais, aumente o seu movimento e gere sentimento de pertencimento. Ao melhorar o espaço público urbano para minoria, consequentemente, melhora para todos.

A cidade precisa ser pensada para todos, não prevalecendo apenas um público. Requalificação de áreas degradas, com baixa infraestrutura colabora para melhor vitalidade do ambiente urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. 1. ed. [S.l.]: Abril Cultural Brasiliense, 2005.

ARQUITETAS INVISÍVEIS. **Quem Somos**. Disponível em: https://www.arquitetasinvisiveis.com/quem-somos. Acesso em: 9 out. 2019.

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 7-309.

CALLIARI, Mauro. **Espaços públicos de São Paulo: o resgate da urbanidade**. 1. ed. São Paulo: BEL Editora, 2016.

CARTA MAIOR. **A urgência de pensar numa cidade feminista como forma de dar um fim à violência estrutural contra as mulheres**. Disponível em: https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/A-urgencia-de-pensar-numa-cidade-feminista-como-forma-de-dar-um-fim-a-violencia-estrutural-contra-as-mulheres/5/43525. Acesso em: 6 out. 2019.

CASCELLI, Gabriela. **A mulher no espaço público: pesquisa exploratória**. 1. ed. Brasília: [s.n.], 2016.

COLABORATIVO CIDADE PARA MULHERES. **O que é o Cidade para Mulheres**. 2019

COLOMBAROLI, A. C. D. M; BARBOSA, A. D. S. **Secretaria de Políticas para as Mulheres: perspectiva de gênero nas políticas públicas**. Programa de Pós-Graduação, Franca, v. 1, n. 1, p. 1-12, set./2014. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspublicas/isippedes/ana-carolina-de-morais-colombaroli.pdf>.

COL·LECTIU PUNT 6. **Col·lectiu Punt 6**. Disponível em: http://www.punt6.org. Acesso em: 1 out. 2019.

Col·lectiu Punt 6. **Nocturnas: The Everyday Life of Women Nightshift Workers in The Barcelona Metropolitan Area**. Barcelona, 2017.

COURB - INSTITUTO DE URBANISMO COLABORATIVO**. Mulheres no espaço urbano: como fazer cidades melhores para elas?**. Disponível em: http://www.courb.org/pt/mulheres-no-espaco-urbano-como-fazer-cidades-melhores-para-elas/. Acesso em: 16 set. 2019.

D'ABREU, L. C. F. **A construção social do gênero: Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Estudos Feministas, Alemanha, v. 20, n. 2, p. 587-589, ago./2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a20>. Acesso em: 17 set. 2019.

DIÁRIO ONLINE. **Projeto 'Pedala, Mana!' promove bate-papo entre ciclistas mulheres**. Disponível em: https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-455718-projeto-

pedala-mana-promove-bate-papo-entre-ciclistas-mulheres.html. Acesso em: 10 dez. 2019.

EUROPEAN INSTITUTE FOR GENDER EQUALITY. **Gender Planning**. Disponível em: https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/methods-tools/gender-planning. Acesso em: 23 nov. 2019.

FERREIRA, Karen; SILVA, Gleyton. **Urbanismo Feminista**. São Paulo, 2017.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIANNOTTI, M. *et al*. **Gênero e andar a pé: A qualidade do ambiente construído incentiva igualmente mulheres e homens a caminhar?**. Cidades de pedestres, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 129-143, set./2017.

HARKOT, Marina Kohler. **Como as mulheres de São Paulo usam a cidade?: Uma análise a partir da mobilidade por bicicleta. Uma análise a partir da mobilidade por bicicleta**, Bogotá, v. 2, n. 1, p. 56-63, set./2018. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.18389/dearq23.2018.05>.

IBGE. **CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E SÓCIO ECONÔMICAS DA POPULAÇÃO**. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/2_01_Demografia.pdf.

JACOBS, Jane; **Morte e Vida de Grandes Cidades**: subtítulo do livro. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

LYRA, Júlia. **(Im)permanências e (in)seguranças da mulher na cidade: pensando os espaços públicos a partir de uma perspectiva feminista no bairro da Jatiúca - Maceió/AL**. 1. ed. Alagoas: [s.n.], 2018.

MERLI, Giovanna Augusto. **Lugar de mulher é na cidade: Desenho urbano para inclusão de gênero na cidade de Uberlândia**. 1. ed. Uberlândia: [s.n.], 2018.

MOBILIZE - MOBILIDADE URBANA SUSTENTÁVEL. **Mulheres andam mais a pé e de transporte público que os homens.** Disponível em: https://www.mobilize.org.br/noticias/10157/mulheres-andam-mais-a-pe-e-de-transporte-publico-que-os-homens.html. Acesso em: 9 set. 2019.

MULHERES SOCIALISTAS. **A man's world: queremos cidades para mulheres**. Disponível em: http://www.mulheressocialistas.org.br/a-mans-world-queremos-cidades-para-mulheres/.

NUNES, A. C. F. R. **A invisibilidade da Mulher no Espaço Urbano**. 1. ed. Minas Gerais: [s.n.], 2016.

OBSERVASP. **A mulher, a cidade e o debate sobre o urbano**. Disponível em: https://observasp.wordpress.com/2015/09/02/a-mulher-a-cidade-e-o-debate-sobre-o-urbano/. Acesso em: 16 set. 2019.

OPENIDEO. **Frauen-Werk-Stadt (Women-Work-City): A Township Designed for Women in Vienna, Austria**. Disponível em: https://challenges.openideo.com/challenge/womens-safety/research/frauen-werk-stadt-

women-work-city-a-township-designed-for-women-in-vienna-austria https://www.theguardian.com/cities/2019/may/14/city-with-a-female-face-how-modern-vienna-was-shaped-by-women. Acesso em: 17 out. 2019.

PESSOA, José Hercílio. **A mobilidade das mulheres na cidade de São Paulo – padrões diferentes e políticas homogêneas**. 2016.

PRAÇAS.CO. **A mulher e o espaço público**. Disponível em: https://www.pracas.co/blog/a-mulher-e-o-espaco-publico. Acesso em: 16 set. 2019.

PRADO, Ana Laura. **Apenas 18% das empresas do Brasil têm mulheres como presidente**. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2018/08/apenas-18-das-empresas-do-brasil-tem-mulheres-como-presidente.html

RACIONERO, Luiz. **Sistemas de ciudades y ordenación del território**. Alianza Universidade. Espanha, 1986.

REVISTA FÓRUM. **Questão de Gênero: Entenda por que o vagão feminino não é a solução**. Disponível em: https://revistaforum.com.br/noticias/entenda-por-que-o-vagao-feminino-nao-e-solucao/. Acesso em: 19 out. 2019.

RODRIGUES, Carmem Isabel. **O Bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá**. Revista Mosaico, Belém, v. 1, n. 2, p. 143-156, dez./2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/573/457>. Acesso em: 30 nov. 2019.

SILVA, Natália; FARIA, Daniela; PIMENTA, Marília. **Feminismo e o espaço urbano: apontamentos para o debate**. São Paulo, 2017.

SILVEIRA, F. L. A. D; ROCHA, M. C. M. G. D. **O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memorias e paisagens arruinadas**. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 1, p. 169-182, mar./2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n1/v8n1a10.pdf>.

THE GUARDIAN. **City with a female face: how modern Vienna was shaped by women**. Disponível em: https://www.theguardian.com/cities/2019/may/14/city-with-a-female-face-how-modern-vienna-was-shaped-by-women. Acesso em: 16 out. 2019.

UN-HABITAT. **Gender and Urban Planning: Issues and Trends**.Kenya, 2012.

WRI BRASIL. **Espaços Públicos: 10 princípios para conectar as pessoas e a rua**. Disponível em: https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/07/espacos-publicos-10-principios-para-conectar-pessoas-e-rua. Acesso em: 7 nov. 2019.